RAYMUNDO MORAES

469.3
M791m
v.2
cop.2

O MEU DICCIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA

1931

RIO DE JANEIRO — BRASIL

OFFICINAS **alba** GRAPHICAS

I M P R I M I U
NOS ULTIMOS TEMPOS

Educação Sanitaria (pelos inspectores medicos e dentarios da Directoria de Instrucção Publica) Edição Liv. Francisco Alves.
Cinto de Castidade (Pitigrilli) Ed. Liv. Freitas Bastos e Casa Ed. Vecchi.
Accidentes no Trabalho (Dr. Araujo Castro) Ed. Liv. Freitas Bastos.
Eutropio — Ed. Liv. Flores & Mano.
Minhas Decisões (Dr. Ary Azevedo Franco) Ed. A. Coelho Branco Filho.
Livramento Condicional (Dr. Ary Azevedo Franco) Ed. A. Coelho Branco F.º.
Sociedade Nova e Republica Nova (Dr. F. S. Carpenter) Ed. Liv. Speranza.
No Fim do Caminho (Dr. Mucio Leão) Ed. A. Coelho Branco F.º.
Tarifa das Alfandegas (Drs. Francisco Castello Branco Nunes e J. Rezende Silva) Ed. A. Coelho Branco F.º.
A Expiação (Dr. Rubey Wanderley) Ed. de Schettino — Editor.
Applicações de Direito (Dr. Jorge Americano) Ed. Livraria Freitas Bastos.
O Premio de Pureza (Dr. Mucio Leão) Ed. A. Coelho Branco F.º.
O Cosinheiro Pratico e Economico (Ambrosio A. Garcia) Ed. Alba.
Um amor em segredo (Paul Bracet) Ed. Liv. Marisa.
A Nova Republica (Dr. Amador Cysneiros) Ed. Liv. Schnoor.
Manual do Codigo Civil Brasileiro (Dr. M. M. Sá Freire) Ed. Jacintho R. dos Santos
O Homem que Salvou a Terra (Bandeira Duarte) Ed. Liv. Marisa.
A Amazonia Cyclopica (Dr. Jorge Hurley) Ed. A. Coelho Branco F.º.
Elucidario Technico do Linotypista (Annibal Moreira) Ed. Instituto Profissional de Artes Graphicas.
Codigos Militares e Leis Complementares do Brasil (Auditor de Guerra Dr. Gomes Carneiro) Ed. Liv. Francisco Alves.
A Greve (Dr. Castro Rebello) Ed. "Folha Academica".
Pontos de Historia do Brasil (Pra. Sara Villares Ferreira) Ed. Liv. Azevedo.
Fios de Prata (Sylvia Serafim) Ed. A. Coelho Branco F.º.
Na Judicatura de Ouro Preto (Dr. Alcindo Dantas Barbosa dos Santos) Ed. A. Coelho Branco F.º.

Moreira, Cardoso & Coelho

60, RUA DO LAVRADIO, 60
RIO DE JANEIRO

1 - DEZ 1931

OAK ST. HDSF

Todos os volumes desta edição, ao custo de 8$000, são numerados e assignados pelo editor que é o proprio autor.

N.º 1046.

Raymundo Moraes

Obras

do mesmo autor :

▫

PUBLICADAS :

Notas dum jornalista

(Esgotada).

*

Na Planicie Amazonica

(Tres edições em 19 mil exemplares. Premiada pela Academia Brasileira de Letras e adoptada na Instrucção Publica dos Estados do Pará, Amazonas e do Municipio de Manáos).

*

Cartas da Floresta

(Esgotada).

*

Paiz das Pedras Verdes

(Adoptada na Instrucção Publica do Pará e a sahir em segunda edição).

*

O meu Diccionario de Cousas da Amazonia

(1.º volume)

☆

A PUBLICAR :

Fabulas amazonicas.

RAYMUNDO MORAES

O MEU DICCIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA

2.º VOLUME

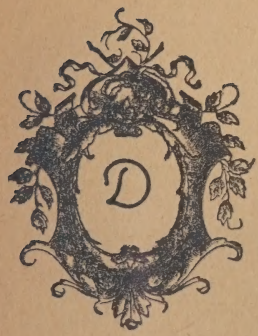
1931

RIO DE JANEIRO — BRASIL

alba
OFFICINAS GRAPHICAS
RUA DO LAVRADIO N. 60

469.3
M791m
v. 2
cap. 2

INTRODUCÇÃO



*EPOIS que circulou o 1.º volume d'*O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia, *surgiu quem me chamasse a attenção para aquillo que determinadas pessôas — aliás de bôa-fé umas, venenosas outras — consideraram lacunas do livro, isto é: a ausencia de vocabulos que deixaram de ser registados entre os demais verbetes, artigos, como diria o insigne diccionarista Antonio Moraes e Silva. A falta de certos bichos, plantas, rios e termos de uso commum na Planicie gerou tal critica. A' primeira vista a razão está com os meus censores; de facto, entretanto, não o está. Se aos dois tomos se houvesse chamado de* Diccionario de Cousas da Amazonia, transeat, *os argutos vocabulistas se podiam considerar victoriosos. Eu, porém, muito de proposito e avisadamente, alvejando logo o objectivo de collocar a obra no seu devido logar, a tracei em moldes restrictos e a chamei de* O Meu Diccionario.

Fugi, desse modo, a um vocabulario infindavel, exaustivo, puramente cacete, sem belleza, sem vibratilidade, capaz de fazer dormir o temerario que se arriscasse a lel-o. Seria um novo flagello mental. Não pretendi, pois, como se procura insinuar malignamente, fazer um trabalho de consulta, repetindo palavra por palavra, definição por definição, banalidade por banalidade do que já existe mais ou menos esparso em glossarios de brasileirismos; mas, e apenasmente, um trabalho alegre e meu, com a sua pitada de illustração, e, sobretudo, original, fora do ambito de Morpheo. Nada mais facil para mim, se desejasse impingir uma farta dormideira, capaz de fazer roncar a gente do planeta, que incluir todos os peixes, cobras, sapos, quadrupedes, passaros, aves, rios, praias, arvores, termos correntes, emfim, naquellas paragens do Equador. Bastava abrir e copiar mazorramente das chorographias e livros especializados o que nelles se contem. Para isso, entretanto, não chegariam vinte grossos volumes, em corpo seis, e dentro

da maior synthese possivel. Graças aos deuses e ás Onze mil Virgens nunca pensei em tal xarope. O que eu desejei e desejo, animado inquestionavelmente por Belzebuth, que vive dando ao rabo quando um christão faz alguma pilheria com os sabidos e com os pseudo-eruditos, foi mostrar da Amazonia aquillo que se me afigura interessante; aquillo que eu julgo curioso, engraçado, notavel, através da botanica, da zoologia, do vento, da agua, da terra, do céo, do homem e da lenda. Isto explicado, ninguem deve esperar que O Meu Diccionario *mencione tudo que ha no verde e luminoso Valle, desde o mysterio das estrellas á fertilidade das minhocas. A obra, em moldes bojudos e rebarbativos como queriam alguns manufactureiros da molestia do somno, tomaria proporções de tal modo perigosas, que o seu aspecto amedrontador, de bicho-folharal — mil, duas mil, cinco mil paginas — lembraria o* Diccionario *do Snr. Candido de Figueredo, que Deus tenha no reino da Gloria. Dessa amplitude, fatalmente, gerar-se-iam bate-boccas, contro-*

*versias, polemicas semelhantes ás que succederam em torno da obra do minudente lexicographo de além-mar; se não me attrahissem, como tambem aconteceu ao autor luso, taponas e bengaladas. Ora, o intento deste trabalho innocente, sem complicações grammaticaes nem buracos philologicos, é outro, tanto mais respeitavel quanto gentil com o publico pela repulsa que offerece ao registo de gato e sapato daquelles meus glaucos e amados ermos. O que se procura contar aqui, sem adormecer os incautos, são factos curiosos, incidentes picantes, phenomenos exoticos, definições pittorescas, circumstancias da vida e da morte mal entrevistos pela collectividade. Desde que me refiro, por exemplo, de preferencia ao candirú, peixe pequenino e que entra em qualquer orificio do corpo humano, deixando de parte o surubim, peixe grande, que apenas entra na panella em virtude da sua finalidade alimenticia, é porque julgo o peixe menor mais interessante. Eis, em linhas geraes, o espirito d'*O Meu Diccionario. *E' claro que,*

á proporção que elle se fôr reeditando (na prophecia do eminente e festejado mestre João Ribeiro), ir-se-á ampliando com outros verbetes, novidades que me occorrerem, não porque existam na Amazonia, sim porque sejam curiosos, dignos, em summa, de figurar numa galeria de quadrinhos, meio serios e meio risonhos, ante os quaes o que se aspira é o freguez de olhos abertos. Se eu sou contra a morphina, o opio, a liamba, os entorpencentes, em geral, como não havia de ser hostil ao maior narcotico literario que é um diccionario completo? Caso me tivesse passado pela mente que o simples titulo da obra, que tanto a restringe, não seria comprehendido por todos os leitores, como o foi pelas grandes individualidades da critica, esta nota já teria sido estampada no 1.° volume.

Rio, 15 de Junho de 1931.

Raymundo Moraes.

O meu Diccionario de Cousas da Amazonia

As duas iniciaes L. G., encontradas ao correr do texto desta obra, significam lingua geral, idioma aborigene falado mais ou menos pelas tribus amazonicas e oriundo do tupy-guarany.

Galeota — Canôa maior que a igarité, com tolda corrida, tendo a ré um compartimento fechado. E' a embarcação usada no commercio de regatão.

Gambôa — Cercado de talas para apanhar peixe nas praias. Tambem se fazem gambôas de pedra.

Gaponga — Instrumento de pescaria. E' o simples caniço augmentado com uma boia de madeira leve, na linha, um palmo acima do anzól, destinada não sómente a produzir, pelo baque nagua, o som da quéda de fructos aquaticos, taes o jauary, o taperebá, o catauary — como tambem a manter a isca a meia agua, sem chegar ao fundo, de modo que o tambaqui a veja de baixo para cima.

Gapuiar — Pescar ao acaso nos baixios com "puçá", com arpão ou frecha, fóra da canôa. Apanhar camarões, mariscar pequenos peixes á ventura, nos logares rasos, andando com agua pelos joelhos.

Garapa — Caldo de canna. Summo extraido, por meio de moendas, da canna de assucar. Prove esta garapa, coração.

E' dôce, dôce. Canna veio de Igarapémiry. Tome um copo de garapa, major. Vaçuncê está muito suado. Garapa azeda, posta no sereno e bebida em jejum, é tida como tonificante, ferruginosa. Você está assim amarelo é de safado. Tome garapa azeda, serenada, que você vae ver como fica.

Garôa — Chuva miudinha, que não chega a ser chuvisco.

Gavião Real — ("Harpya destructor") — Ave de rapina diurna. Especie de aguia da Planicie. Ha alguns que medem dois metros duma ponta da aza a outra. Suas patas são verdadeiras garras. Quando os gallinaceos o sentem planando no ar, o susto não é deste mundo. Reina verdadeiro panico. Além deste gavião ha o acauan ("Herpetotheres cachinans"), que come cobra; o pega-pinto ("Rupornis magnirostris"), que devora ninhadas; o pega-macaco ("Spizaetus tyrannus"), do qual os saguis têm pavor; o cauré ("Falco albigularis"), o menor de todos, porém o mais atrevido, e muitos outros, sem esquecer o gavião panema, symbolo da caipora, do azar. Quando se quer traduzir calorosamente, no valle amazonico, a urucubaca dum sujeito basta dizer: aquillo é peor que gavião panema. Não pega nada.

Gazolina vegetal — E' o oleo fino do louro namuy. Com cheiro vivo da therebentina, de propriedades combustiveis, produz a mesma explosão nos motores que a gazolina. Faz tambem as vezes da agua-raz.

Gengibre — ("Zingiber officinalis") — Do rhizoma, pequeno, apimentado, faz-se a gengibirra. E' parente da mangarataia. Parece ser indiano. Medra com facilidade no Valle.

General — ("Gardenia florida") — Flôr branca maior que um cravo, e de menor numero de petalas. Tem um vivo perfu-

me. Dizem ter sido o general Andréa que, de tanto trazel-a ao peito na capital paraense, lhe deu o nome de general.

Genio — Indole. Temperamento. Caracter. Ha uma ligeira restricção no sentido com que a gente amazonica usa este vocabulo, porque só o applica nesta acepção: Mariquinha é geniosa, isto é, zangada. Que rapaz de genio barulhento. Você tem muito genio, seu Sizenando, só responde com quatro pedras na mão. A não ser na camada culta, não empregam a palavra genio como principio inspirador de arte, de virtude, de acção, de formidavel talento; e muito menos como espirito sobrenatural que preside ao bem ou ao mal no destino dos homens. Aquillo é um genio poetico. E' o genio da raça que nos guia.

Genipapo — ("Genipa americana") — Arvore vargeira, de porte commum, dá uns fructos pardos, do tamanho de laranjas grandes, dos quaes se prepara um vinho admiravel. Além desse vinho, os indios extraem da massa exterior do fructo um succo, applicado na tatuagem.

Gereba — Girante. Que volteia, que plana no ar. Grande voador. Urubú ("Cathartes aura"). Chamam na Planicie de gereba aos individuos habeis, escovados, que logram os outros, que vivem inventando cousas do arco da velha, quando tudo não passa de scenario de papelão, de fita.

Giboia — ("Boa constrictor") — Em tamanho, chega perto da sucurijú, pois vae a 12 metros de comprido e como esta não tem veneno. Seu tom de chocolate, com pintas negras, é sombrio. Os indios educam-n'a para caçar ratos. E' o gato da malóca e vive pelo tecto das choças. Mesmo nas cidades, alguns taberneiros e quitandeiros se servem desse ophidio para espantar os ratos que lhes devoram as viandas. Não é venenosa. Sua arma é a força com que quebra os ossos da presa para en-

gulil-a inteira depois de bem gosmada. Os velhos tapuios dizem que a gibóia, depois de desenvolvida, vae para o fundo dos rios e lagos, nunca mais voltando á terra.

Gira — Idiota. Cretino. Maluco. Aquelle sujeito é gira, parece que tem um parafuso frouxo. Lá vem o gira. Hontem queria tirar a roupa na Avenida, é gira.

Girau — Estrado erguido sobre achas entre o tecto e o solo para guardar mantimentos nas despensas. Palanque usado ao ar livre nas Ilhas, onde a terra alaga, como pequenas hortas e jardins aéreos.

Gito — Pequeno. Miudo. Era um peixe assim, gito, que pulou. Matupiry, será? Que camarão gito, meu São Francisco das Chagas. E' aviú, madrinha. Compadre Satyro mandou, lá de Cametá, disque p'ra senhora fazer sopa com elle. Juiz e o vigario de lá não dispensam.

Goiaba — ("Psidium guayava") — Pequena arvore. Carrega muito. Os fructos amarelos, redondos, pouco maiores que o limão, têm polpa vermelha, cheia de carocinhos do tamanho de bagos de escumilha. Ha uma variedade verde, oblonga, de polpa branca. Faz-se da massa a celebre goiabada. O doce do fructo, em calda, é muito delicado no paladar e no perfume. A madeira é adstringente. Tem muito tanino. Medra com tal facilidade, que mata todas as plantas, e toma conta do terreno fazendo verdadeiros goiabaes.

Gonçalves Dias — O grande poeta maranhense tambem peregrinou na Planicie. Esteve em Manáos. Embebeu-se naquella natureza doce e hostil, branda e rustica, quieta e tormentosa. A sua exaltada imaginação, a sua vibratil sensibilidade tolhem-lhe a segurança visual, a perspectiva directa. Foi, pois,

sob o fio luminoso do Equador, um mau naturalista: não sabia observar. O que se lê delle, com fogo e belleza, não ha duvida, a respeito da Amazonia e dessas lendarias guerreiras que sovaram Orellana, já se lera em outros livros. De seu, nem uma nota nova e original. Porque o condão dos poetas talvez não seja ver, mas inventar, ou, pelo menos, entrever sómente. Os maiores poemas do universo, que cantam os dramas surprehendidos na luz idealista dos troveiros e rhapsodos, só crescem e vingam dentro da ficção, incluindo mesmo os de Homero, que descreviam batalhas.

Graúdo — Sujeito importante. Chefe politico. Coronel. Chegou um graúdo da capital. Disque vem fazer a eleição p'ro governo. Quem não votar com elle paresque é recrutado.

Graveto — Galho secco, fino, combustivel, caído da arvore e que se encontra no chão das florestas. Tambem o chamam sacahy.

Gravida — Pejada. Que vae dar á luz. Tambem dizem **de barriga**. Mulher do compadre Cornelio está gravida outra vez. E' filhenta que é damnada. Será que comadre Miquelina já esteja outra vez **de barriga?** A neta do Pafuncio está engordando de repente. Aquillo é gravidez.

Grillos — Insectos trituradores, que saltam e têm orgãos estridulantes. Verdes, ao cair da noite, zunem por toda a parte. Ha o "grillus domesticus", que vive em casa, e o "grillus campestris", que habita no mato. Ha uma especie chamada "paquinha", que mora nos jardins, em galerias, dentro da terra. As crianças caçam-n'as. Olha uma paquinha que eu peguei, meu mano! Os grillos vivem zunindo. São musicos, bohemios incorrigiveis como as cigarras, segundo a lenda, hoje desvanecida por Fabre.

Guá — L. G. Valle. Seio. Bacia.

Guajará — ("Chrisophyllum et Lucuma") — Nomes scientificos do guajará preto e do guajará vermelho, que medram na terra firme. O branco da varzea foi, sem duvida, o que deu o nome á bahia do Guajará, porto de Belém, capital do Pará.

Guará — ("Ibis rubra") — Pernalta de pennas escarlates. E' domesticavel e proprio para os lagos nos parques.

Guaracy — Deus autoctone. Encarna-se na figura do sol. E' o criador da vida animal, uma especie de Jupiter do grande Olympo selvagem. Seus louros raios celestes emprestam a tudo o movimento e a vida, a intelligencia e a sabedoria.

Guaraná — ("Paullinia surbilis") — Sapindacea. Planta arbustiva, trepadeira, de cujos fructos se faz o famoso refresco guaraná. Os indios chamam-n'a **cupana**. O seu reducto, isto é, o **habitat** silvestre em que ella medra, é a Mundurucania. Maués é o foco de exportação commercial desse producto. Refrigerante dos mais apreciados, quer no paladar, fino, esquisito, quer nas virtudes therapeuticas da bebida, que é estomacal e tonificante, espera apenas ser conhecido no mundo para conquistar todos os mercados.

Guarafeno. — E' curiosa a projecção do guaraná atravez da industria e da pharmacopéa. Porque a base do "Guarafeno", remedio maravilhoso para dôres de qualquer especie, é a essencia da semente daquillo que o indio chama "cupana", os botanicos "paullinia surbilis", e a collectividade, guaraná. Tudo quanto é dôr o guarafeno atalha, córta, desfaz, seja nevralgica, intestinal, sciatica. D'ahi a lenda corrente sobre o guaraná, de fructos vermelhos, cujas sementes primitivas

foram regadas com as lagrimas duma tribu pela morte duma criança aborigene que só fazia o bem. Enterrados os olhos do menino, repontaram em bagos encarnados, fructos do guaraná, do qual se faz o guarafeno, que cura todas as dores.

Guarapéva — L. G. Viola, instrumento de corda.

Guererê — Alimento. Guisado que o caboclo faz das vertebras dorsaes e da tripa grossa do pirarucú.

Guinada — Desvio na singradura dos navios occasionado pelos rebojos, estoques dagua e mesmo pela falta de cuidado do homem do leme. Olha essa guinada, marujo. Attenção no governo. Ficaste fóra do rumo. Mais a boreste. Mais a bombordo. Andar assim.

Guirá — L. G. Passaro. Ave. Alado.

Guirapepô — L. G. Asa.

Guri — Criança. Menino. Vê o que este guri está fazendo. Já comeu todo o assucar. Guri damnado. Segunda-feira já vaes p'ra escola.

Gurijuba — ("Arius luniscutis") — Peixe de mais de metro, vive nas aguas submaritimas do Pará. E' pegado a espinhel. Comida de pobre. O grude é exportado para o extrangeiro onde fazem delle colla.

Guyana — Formidavel ilha entre os Estados do Pará e Amazonas e o Atlantico, nessa bacia immensa que se chama a Amazonia brasileira. Apesar de se encontrarem na vasta planura ilhas de dimensões inconcebiveis, verdadeiros paizes, como, por exemplo, a do Bananal, no Araguaya, a do Marajó, no estuario do Rio-Mar, a de Tupinambarana, entre Parintins e Borba,

no Estado do Amazonas, nenhuma attinge ás dimensões da ilha que é toda a região guyanense, brasileira, franceza, hollandeza e ingleza, invadindo a Venezuela. Formada por varzeas e firmes, ao centro, como a espinha dorsal de um monstro, articulam-se, nella, em vasta cordilheira, as serras do Tumuc-Humac, do Acarahy, do Parima, **divortium aquarum** de grandes rios que desaguam para o mar e para a bacia amazonica. Banhada ao sul pelo Atlantico, ao norte pelo Amazonas, a leste pelo estuario deste e a oéste pelo canal do Cassiquiare e rio Orenoco, representa uma extensão de terra incalculavel, onde correm aguas como as do Negro, Branco, Trombetas, Nhamundá, Maecurú, Parú, Jary, Maracá, desaguando no valle amazonico, e rios como o Calcoene, Cassiporé, Oyapock, Essequibo, desaguando no Atlantico. Demoram-lhe, em flancos oppostos. Cayenna, Paramaribo, Georgetown, Manáos, Itacoatiara, Faro, Obidos, Alemquer, Montealegre, Prainha, Almeirim. No systema insular do Mundo, através de todos os aspectos mesographicos, talvez só a Australia leve vantagem, em extensão, á ilha Guyana, que fórma o aro esquerdo da petrea muralha que circumda a desmesurada Planicie equatorial.

Guyratinga — L. G. Nome por que o indio chama a garça. Mesmo domesticada, é perigosa. Fura os olhos das crianças. A pequena **Ardea candidissima** dá uma **aigrette** delicada. As pennas da grande, **Ardea egretta**, tambem chamada garça real, não têm o valor da menor. Ha tambem a garça morena, dum branco sujo. Pousadas em certas arvores, na beira dos lagos e dos rios, lembram grandes bouquets de noiva, de tal modo encobrem a folhagem.

Henry A. Coudreau — Francez. Explorador. Fazia seus trabalhos acompanhado da esposa, que depois lhe succedeu, completando-lhe a obra. Embora tivesse palmilhado as abas do sul da bacia, os seus mais vivos esforços se dirigiram para as terras guyanenses, onde errou, durante muito tempo, em demoradas observações scientificas. **La France Equinoxiale** reflecte-lhe, nas descriptivas, os bellos panoramas alpestres dessas lindes, os encachoeirados cursos dagua, o espinhaço e as corcovas telluricas da cordilheira do Tumuc-Humac, **divortium aquarum** da rêde fluvial que corre para o Amazonas e para o Atlantico.

Henrique A. Santa Rosa — Engenheiro. O seu trabalho principal, **Historia do Rio Amazonas**, é uma synthese luminosa da terra e do homem sob a luz viva do Equador. A Planicie emmoldurada de montanhas, abrindo o seu amphitheatro para o Atlantico, surge no raconto de Santa Rosa desde os vagidos iniciaes no seu berço aquatico. Mas se a primeira parte deste bello volume é uma chronica tellurica lavrada nas argillas e nas pedras, nas planuras e nas cordilheiras, a segunda é uma chronica ethnographica onde surgem, numa babel biblica, as raças, as tribus, os incolas. Numa e noutra parte o notavel

paraense revela a sua capacidade de engenheiro que vê firme e que vê certo todos os aspectos do Valle.

Henry Ford — O periodo de transição na Amazonia, entre o mysterio e a luz, vae fechando o seu cyclo sombrio com a nota viva das realizações que marcam um instante de claros, luminosos horizontes nos destinos nacionaes. A fabula dos thesouros encantados, desse maravilhoso Eldorado, que os flibusteiros, almirantes, piratas, frades, soldados e ladrões procuravam por todos os quadrantes do valle equinoccial, e, principalmente, nas orlas do Parima, desfecha agora, pela mão propiciatoria de Henry Ford, numa chuva de ouro, chuva de ouro fecunda como aquella derramada por Jupiter em prol dos seus anceios amorosos. De maneira que o trecho da Amazonia paraense, dessa admiravel e pittoresca Tapajonia, collo augusto da terra onde jazem o carvão, o petroleo, e, consequentemente, o ferro, em vez de ter uma divindade autoctone que lhe arranque das entranhas a riqueza e o esplendor, tem, nestes positivos dias, de accôrdo com o materialismo do seculo, apenas um homem, grande por certo na intelligencia e no trabalho, na visão e na finalidade, que faz o mesmo prodigio das fadas: Henry Ford. Sua aurea moeda fecundante de imaginativo emprehendedor vae realizar ampliadamente ainda aquella prophecia de Humboldt: a Amazonia será o celleiro do mundo. E dizemos ampliadamente porque a projecção de todo esse herculeo esforço não se limitará ao celleiro, indo seguramente a formidaveis usinas. Alem das plantas que o homem symbolo do pavilhão estrellado anda fazendo brotar naquelle sector afortunado do Pará, retomando, assim, do Oriente o nosso posto perdido de primeiros exportadores de borracha, elle transforma a plaga em fabricas. Charrúas e dynamos, accionados pela força metallica desse abençoado milliardario, levarão a Amazonia, tida como peso morto no Brasil por um máo observador do Prata, aos pinaculos agricolas e industriaes.

Honra, pois, aos sentimentos emprehendedores desse **yankee** chamado Henry Ford, que está edificando na face da immensa Planicie equatorial a Fordlandia roncante de machinas e povoada de arvores; e, o que é mais, transformando um trecho deshabitado do Brasil num dos nucleos mais movimentados do planeta. Mas, o que sobretudo nos impressiona e alegra na obra que o rico homem está desdobrando na minha terra, é a restauração do nosso prestigio e do nosso predominio na industria da borracha. A plantação da seringa dentro de processos modernos, no seu proprio **habitat**, vae de novo restituir ao Pará o antigo bastão de primeiro exportador não só da hevea, porem, o que é tudo, da melhor hevea do mundo. Associo aqui o Amazonas. E isso consubstanciando logo o que se deve fazer para anniquilar o competidor do Oriente: a estandizarção do artigo e a reducção do preço. Porque só podemos destruir o adversario longinquo, ao mesmo tempo que impedimos o nascimento de novas empresas em outros pontos do planeta, diminuindo o preço do kilo ao minimo, de maneira que ninguem, por mais poderoso, se anime a concorrer com as nossas baixas cotações. A valorização da nossa gomma elastica tem que repontar da sua desvalorização. O paradoxo, apparentemente inexpressivo, é, de facto, resultante das leis economicas e constitue a unica defesa do nosso producto. O café está em crise porque lhe elevaram o custo, e a Columbia, attrahida pela miragem, entrou no mercado prejudicando-nos. Cumpre afastal-a reduzindo o preço do café. Sosinhos na Amazonia, sem o auxilio do ouro fecundante e protector, jámais poderiamos realizar o milagre da reconquista de um mercado perdido, como era o da borracha. O exemplo das grandes exportações pelos minimos preços deixarem os mais lucrativos resultados funda-se na propria industria dos automoveis Fords. Carros muito perfeitos e baratos, projectaram-se no mundo enriquecendo o homem que os ideou.

Henry Walter Bates — Naturalista inglez dos mais verdadeiros e fieis, como observador, dos que andaram por aqui. Fala encantado do nosso clima. Dos onze annos que elle viveu na Amazonia, nove residiu em Ega, hoje Teffé, no Solimões. Suas apreciações sobre habitos, costumes, natureza do valle são preciosas pela verdade que encerram. Durante sua longa estada na Planicie colleccionou 14.712 especies animaes, sendo 8.000 novas. Constatou ainda no raio de uma hora de excursão em torno de Belem, metropole paraense, a existencia de 700 especies de borboletas. "Foi, graças á extrema variedade dos lepidópteros, diz Reclus, que Bates poude fazer aquelles estudos comparados sobre o transformismo e mimetismo, que tanto contribuiram para munir de argumentos o autor da **Origem das Especies** e consolidar sua hypothese". As suas observações ethnicas sobre a fidalguia, a nobreza e a distincção rude e altiva dos mundurucús, são de raro flagrante.

Iaguara — L. G. Cão. Onça.

Iaquá — L. G. Ponta. Cabo.

Ibicuy — L. G. Praia de areias.

Ibipeba — L. G. Terra-chã. Planicie.

Iby — L. G. Terra. Solo. Chão.

Ibytú — L. G. Vento. Ar. Atmosphera.

Itapira — L. G. Monte. Serro. Outeiro. Collina.

Içá — Formiga. Tambem conhecida por tanajura. Os indios gostam della por causa da gordura. Comem-lhe o trazeiro.

Icarayba — L. G. Agua benta.

Ig — L. G. Agua.

Igaçaba — L. G. Urna funeraria na qual o selvagem enterra os mortos. Pote, jarro, cántaro para guardar agua.

Igapará — L. G. Largo canal. Vasto braço de rio.

Igapó — Floresta alagada. Charco onde vegeta a matta aquatica. Lagos de agua escura e transparente recobertos de selva. Em geral não se vê um raio de sol no igapó. Tudo por

cima é galho e folhagem. A abobada é verde. Os grandes troncos de arvores mergulham na lympha crystallina, porém negra. Os peixes do igapó são especiaes. E' o jejú, o tucunaré, o puraqué, a piranha, o tamuatá, o acary, o tambaqui. Dos chelonios, o que mais gosta do igapó é o matamatá.

Igarapaba — L. G. Porto.

Igarapé — Caminho de canôa, segundo a traducção precisa do tupi para o portuguez. Riacho amazonico, ribeiro, curso em miniatura que tem, como os grandes, todas as caracteristicas fluviaes. Principia sendo central, oriundo da hinterlandia, por mais insignificante que seja o seu curso; tem cabeceira, declive, voltas, affluentes **gitos** e foz. Não entra e sae no mesmo rio como os paranás. Quem viaja num igarapé, mesopotamia a dentro, tem a noção fiel dos grandes caudaes da planicie, tal a semelhança delle com os maiores rios. Assim como na dos lagos, nenhuma canôa lhe pernoita na bocca, onde se encontram batendo, fungando, mergulhando, nadando, jacarés, botos, sucurijús, puraqués, pirahibas que ahi devoram os peixes miudos erradios. De noite, a foz dum igarapé é um verdadeiro inferno, um logar pavoroso das nossas lendas, taes os ruidos dantescos que se ouvem.

Igarité — Canôa grande, maior que a montaria e menor que a galeota.

Iguagoaçú — L. G. Grande estuario.

Impostor — Que não é o que diz ser. Que apparenta uma cousa e é outra. Elle diz que é doutor mas não é. Aquillo é um impostor. Em cada terra que elle chega diz uma cousa. Disque era coronel na Tutoya, agora disque é pharmaceutico. Em Pernambuco era dentista, em Belem palhaço de circo. O que elle é, é impostor.

Indês — Ovo destinado a acostumar a gallinha a pôr num certo logar. Esta ananica, sem indês, bota em toda parte.

E' ovo no quarto, na cosinha, na dispensa. Arranja indês p'ra ella. Assim é aquella perua do Divino; sem indês faz ninho por todos os cantos. Não será a forma popular de **index** latino?

Ingá — ("Inga") — Leguminosa da beira dagua. Os fructos são vagens compridas com varios capulhos de polpa branca e doce. Ha o ingá-cipó, o ingá-chichica, o ingá de macaco.

Inhambú — Gallinaceo sem cauda, pequenas asas, pedrez, nutrido de carnes. Caça delicada. Anda no chão da matta. Tem um canto triste. Ha o inhambú-assú ("Tinamus tao"), o inhambú relogio ("Crypturus strigulosus") o inhambú pixuna ("Crypturus cinereus).

Inho, zinho — Diminuitivo que acompanha os verbos para dar um tom affectuoso, de carinho, de magua. **Estázinho** doente, não **querzinho** comer nada, **embarcouzinho** forçado, **emagreceuzinho** do dia p'ra noite.

Inimigo — Diabo. Tambem chamam tinhoso. Credo, meu S. Benedicto, parece que o inimigo não sae desta casa.

Inúbia — L. G. Trompa de guerra feita de madeira. João Ribeiro, o grande polygrapho, contesta a definição.

Ipadú — ("Erythroxylon coca") — Arbusto donde se extrae a cocaína. Os caboclos torram-lhe as folhas, fazem dellas um pó, que, misturado ao pó das folhas tambem torradas da embaúba, e addicionadas ao polvilho da tapioca, constitue o ipadú, anesthesico que pescadores e caçadores trazem na bocca durante o serviço para enganar a fome.

Iracema — L. G. Distillando mel.

Iramaia — L. G. Mãe do mel. Abelha mestra.

Irauna — ("Cassidix orysivora") — De plumagem escura com reflexos rôxos é um verdadeiro parasito do japihim, que lhe cria os filhos, pois a irauna deita os ovos no ninho do grande cantor. E' tida como o melro da Planicie.

Iriri — L. G. Mollusco. Ostra. Lamellibranchio.

Irundi — L. G. Quatro.

Itaboca — L. G. Lapa. Pedra furada. Penhasco solapado.

Itacape — L. G. Espada.

Itacoatiara — Pedra pintada. Cidade do Amazonas a 103 milhas a jusante de Manáos. Ao presente é o nucleo municipal, depois da metropole amazonense, de maior florescimento. Os ultimos melhoramentos que alli se observam, notaveis pelo esforço, abnegação e honestidade com que foram realizados, devem-se ao grande prefeito que alli esteve: Isac Péres. Itacoatiara tambem se distingue, das outras cidades amazonenses, pelo Curro Modelo que possue, obra de Euclydes Figueiredo Dias, um industrial infatigavel, probo, distincto, honra da intelligencia e do homem da Planicie.

Itaiubarerú — L. G. Thesouro.

Itajubá — L. G. Ouro. Pedra amarela.

Itajubarana — L. G. Cobre. Pedra amarela falsa.

Itamaracá — L. G. Sino de igreja. Grande maracá de pedra.

Itamembeca — L. G. Chumbo. Pedra mole.

Itanhaen — L. G. Panela ou tacho de cobre. Vaso de metal. Bacia de pedra.

Itapecurú — L. G. Cheio de cascalho, de seixos. Pedra aspera, eriçada de protuberancias. Rio paraense.

Itapuã — L. G. Arpão de haste curta.

Itaquicé — L. G. Faca.

Itatinga — L. G. Prata. Pedra branca.

Itaúna — L. G. Ferro. Pedra preta.

J. Barbosa Rodrigues — Botanico brasileiro que andou por aqui. Escreveu em francez uma grande obra, na belleza e no tamanho, **Sertum Palmarum**, pois os dois lindos e enormes volumes pesam cerca de 80 kilos. Uma cousa para ser manuseada por gigantes. Tambem escreveu a **Vellosia** e o **Muirakitan**. A primeira em latim. Era um apaixonado dos vegetaes, e tinha, como von Martius, alegria em descobrir no seio da floresta, no campo, na orla do rio, um novo exemplar do povo de **Dea Palmaris**. Se von Martius é conhecido por amigo das palmeiras, o autor destas linhas já chamou a Barbosa Rodrigues o irmão das mesmas, de tal modo a sua vida se agitou no coração do Pindorama.

Jabá — Nome por que é conhecida a carne salgada, em mantas, que vem do Rio Grande do Sul, acondicionada em fardos de serapilheira. E' o principal alimento do seringueiro nordestino nos altos rios. Come-se muito na Planicie de varias fórmas, mas sobretudo assada na grelha e com feijão. A carne sêcca do Ceará é chamada da Granja. E a da Amazonia, de sol.

Jaboty — ("Testudo tabulata") — Chelonio da matta. E' o bicho sete-sciencias da Planicie. Em todas as lendas lá está

elle bancando a raposa do Velho Mundo. Corre mais que o veado, tem mais força que a anta, engana o homem. Qualquer festa no ceu, elle é um dos primeiros convidados a chegar. O figado da jabota é magnifico. Para fazel-o maior, congestionando-o, antes de matal-a, jogam-n'a tres vezes ao ar.

Jaburú — ("Mycteria americana") — E' o maior passaro desta parte do continente depois da ema. Typo de cegonha, vive pensativo pela margem dos lagos. Constróe o ninho de gravetos sobre arvores altas nos campos alagadiços. Ao tempo em que procrea, fazem-se cargas de cavallo com os filhotões que, salgados, são magnificos.

Jacamim — Passaro. Domesticado é um grande amigo do homem. Conhece o dono da casa. Ajuda a gallinha a criar os pintos. Ventriloquo, o seu esturro ouve-se longe. Ha o de costa cinzenta ("Psophia crepitans"), o de costa branca ("Psophia leucoptera"), e de costa dourada, ouro velho ("Psophia obscura").

Jacaré — ("Alligator") — E' o maior hydrosaurio da Planicie. Voraz, devora todos os animaes, de parte a onça, que o come pelo rabo sem que elle faça um movimento. A femea desóva em terra, cobre os ovos com folhas e galhos, e fica de longe espiando até o sol produzir a eclosão da ninhada. Ha varias especies na Amazonia. O jacaré-assú ("Caiman niger"), o jacaré-corôa ("Caiman palpebrosus"), e o jacaré-tinga ("Caiman sclerops"). A cauda deste ultimo é muito apreciada como iguaria.

Jacitára — ("Desmoncus") — Palmeira trepadeira. Parece um junco. Tem a casca muito flexivel, propria ao fabríco de esteiras, balaios, paneiros. Entaniçam tabaco com ella.

Jacques Huber — Botanico, director do Museu Goeldi, intrepido pesquisador da Flora amazonica. Não teve, de certo, a penetração de Spruce nem a grandeza de Martius, mas foi um perquirente observador do nosso reino vegetal. Seus tra-

balhos sobre a **Hevea Benthamiana,** sobre a **Hevea Collena,** sobre **Materiaes para a Flora Amazonica,** sobre **A vegetação do valle do rio Purús,** alem d' **A Origem das colonias de Saúva,** e muitos outros, revelam o pesquisador solícito, o enamorado da natureza. Descordo entretanto do eminente naturalista a respeito da patria da pupunha, que elle suspeita ser no Perú, e eu affirmo ser na Amazonia. Porque, ainda não penetrei na matta do grande valle, sem encontrar a pupunheira em estado silvestre, vivendo nativa, com todos os caracteres de quem medra no seu **habitat**. Surgirá, talvez, como argumento, para contraditar-me, a bananeira, ("Musa paradisiaca"), que vive na Amazonia como na patria de origem. Ha, porém, uma circumstancia a observar: a bananeira não é encontrada silvestre. Somente por onde já passou o homem é que se ella encontra, vindo dahi a certeza com que alguns historiadores denominam um cyclo brasileiro de época pre-bananica. O facto de existir a banana-sororoca, nativa, é mais um documento. A pupunha é amazonica, tanto mais facil de constatar quanto é multipla a variedade que se nota. E' de Huber o bello estudo sobre o polymorphismo nas folhas do abacateiro.

Jacruarú — ("Tupinambis esp. div.") — Saurio conhecido por papa-ovos. Come fructos, insectos, passarinhos, tem a lingua fendida e a cauda longa.

Jacú — Passaro que recorda o faisão. Ha varias qualidades. O jacú-pema ("Penelope superciliaris"), o jacú vermelho ("Penelope pileata"), o jacú-pintado ("Penelope boliviana"). Vive em bando.

Jacuman — Remo que serve de leme na popa da canôa e é empunhado pelo **jacumauba,** piloto que rema, impellindo e dirigindo ao mesmo tempo. Quem vae pegando agora o jacuman é o João Cabelludo.

Jacumaúba — Piloto de canôa. Pessoa que pega o jacuman, isto é, que dirige a montaria ou igarité com um remo de

mão á popa. Quem pega o jacuman? Não gosto da Philomena pegando o jacuman, canôa fica doida. Pegue você, compadre. Tambem se emprega no sentido figurado, sobretudo politico. Disque agora elle é o jacumaúba do partido do governo. Mas parece que canôa delle 'stá furada.

Jacurutú — ("Bubo crassirostris") — Ave de habitos nocturnos, vive na floresta. Ataca os pequenos mammiferos e os passaros, chegando mesmo a investir contra a paca. E' tida como agourenta.

Jacy — Deusa autoctone representada na imagem da lua. E' a mãe da vida vegetal. Desde a herva até ás sumaumeiras, é ella quem as cria, defende e sustenta com seus doces raios brancos.

Jamarú — O mesmo que cuiambuca. Cucurbitacea furada ao alto para servir de vaso, deposito de agua.

Jambú — ("Spilanthes oleracea") — Planta herbacea, de flôres amarelas. Usa-se muito cosinhada no tucupy, principalmente naquelle que é misturado no tacacá. De leve sabor travoso, faz tremer o beiço.

James Orton — Naturalista que desceu a Planicie. "Nas barrancas de Pebas (copio Elisée Reclus) no Maranhão peruano, descobriu Orton no seio das camadas dargilla multicôr uma fiada de conchas marinhas comprehendendo 17 especies, todas extinctas, que pertenceram ao fim da época terciaria". Foi com esses documentos fosseis que elle contestou a theoria de Agassiz sobre as geleiras e o periodo glacial no Equador, contestação apoiada por Darwin e Haeckel. Dessa opinião de James Orton contraria a Agassiz surgiu a idéa, entre os discipulos deste, de vir á Amazonia uma expedição scientifica estudar o assumpto. Chefiada por Hartt, e composta por Branner, Orville, Rathbun e Herbert Smith, essa expedição, que vinha com o sentido de apoiar o mestre, concluiu que Agassiz estava errado.

Jamundá — L. G. Que furta. Ladrão. Povo de larapios. Tambem chamam Nhamundá. Rio que divide, pela margem esquerda do valle, o Amazonas do Pará. E' de agua preta e desembocca numa serie de lagos.

Jangada — Grande numero de tóros de madeira fluctuante, principalmente de cedro, amarrados em quadrilateros, com aspecto de um vasto estrado á flôr d'agua. Algumas têm duas e tres fiadas sobrepostas, calando mais que um couraçado de Esquadra. Esses tóros foram arvores tombadas no caudal, com o desabamento da terra, e que vinham de bubuia na corrente. Cortados as raizes e os galhos, ligados uns aos outros por cabos e cordas, constitue a jangada trazida para os mercados compradores de Manáos e Belem. Parecem verdadeiras cidadelas fluctuantes, com uma, duas, tres casas de moradia, gallinheiro, curral de porcos e tartarugas, mastro. Derivam com a corrente. Algumas vão até aos Furos de Breves, onde se desmancham para os embarques, em virtude de encontrarem o fluxo e refluxo da maré atlantica.

Janta — Jantar. Terceira e ultima refeição daquellas em que a gente da Amazonia subdivide a sua maneira alimentar. Das sete para as oito da manhã, café com pão, beijú, rosca, farinha de tapioca. Ao meio-dia, almoço. A's seis da tarde, janta. Fóra dessas horas fixas, come-se muito. Logo ao levantar, uma chicrinha de café. No interior soca-se o café com herva doce. Entre o café e o almoço, **p'ra forrar o estomago,** mingau de banana verde, mingau de milho, mingau de arroz. Entre o almoço e o jantar, vinhos de assahy e cacau. A sobremesa do caboclo quasi sempre se compõe de fructos crús: banana com farinha, laranja, uxy, umary, bacury, alem da pupunha e do piquiá cosidos. Janta, hoje, gente, é tambaqui. Que ha p'ra janta, Maricota? Tamuatás. Estão uma belleza. Vou fazer panelada de maniçoba p'ra nossa janta de domingo. Traga maniva bôa, seu Januario, e **atire** um queixada ou cae-

tetú. Tirei na beira do Jejuhy uns ovos de tracajá p'ra nossa janta.

Japá — Quadrilongo tecido de folhas de palmeira para servir de porta, tolda, tecto de papery.

Japihim — ("Cassicus persicus") — Passaro preto e amarelo; gosta da vizinhança das casas. Faz o ninho em bolsas de fibras pardas pendente da França das arvores. E' o grande cantor alado da Amazonia. Tem fama de arremedar todas as vozes, menos a do tangurupará. Dizem que o bico encarnado desta ave, parecendo estar sujo de sangue, o amedronta.

Japijapa — ("Carludovica palmata") — Bombonacea, toquilla, palha do Chile. James Orton diz que ella é mais da familia dos pandanus que propriamente da familia das palmeiras. Entretanto o seu flabello denuncia Déa **Palmaris**. Dá em touças e não cresce mais de 9 pés. E' do seu talo, fervido e macerado, que se fazem os celebres chapeus de Chile. Ha muita em Manáos, nos jardins, parques, salas. Importada dos altos rios, aclimou-se na capital amazonense.

Jaqueira — Appellido posto na Faculdade de Direito do Amazonas, quando ainda não estava officializada. E' formado, aquelle sujeito? Na Jaqueira, coração. Você é bacharel da Jaqueira. Entretanto de lá tem saido muitos homens que honram a jurisprudencia. Esse achincalhe, felizmente, e para honra do Amazonas, está passado.

Jaquiranaboia — ("Fulgor lanternaria") — O nome indigena de jaquiranaboia quer dizer cigarra, falsa-cobra, de jaqui, cigarra-rana, falso-mboia, cobra. Colorida de jade-laranja, salpicada de branco e preto, tem em cada asa um ponto escuro circumdado de amarelo, que dá idéa de pharol. Voando, lembra borboleta; pousada, gafanhoto. Seu ferrão, tido como perigoso, fatal mesmo, não é mais que a tromba sugadora de todos os insectos do seu genero. Na floresta gosta muito de sentar no tronco da copahiba. Ha quem a tenha observado

sobre o toxico assacuzeiro, donde lhe vem talvez a ferretoada venenosa. A lenda sobre a jaquiranaboia é de que a sua picada é mortal.

Jararaca — Mulher damnada, má, ruim. Aquillo é uma jararaca, seu Januario. Marido della come da banda podre. E' surra de cipó que o pobre não se apruma. Chega a andar magro, o coitado.

Jararaca — ("Cophias jararaca") — De cor arroxeada, com pontos mais claros nos flancos, barriga esbranquiçada, é um dos ophidios mais perigosos da Amazonia. Aproxima-se dos povoados. Invade as casas. Ha tambem a jararacussú ("Bothrops jararaca ou Lachesis lanceolatus").

Jarina — ("Phytelephas macrocarpa e Phytelephas microcarpa") — Palmeira do marfim vegetal, que são os caroços. Os da **macrocarpa**, brancos; os da **microcarpa**, roseos. Com elles se fazem botões, industria muito desenvolvida na Planicie.

Jasmim — ("Jasminum officinale") — Trepadeira propria para grade de jardins, de caramancheis, de pavilhões. Resistente á canicula, ella sobe e lavra com facilidade de planta silvestre. Suas flôres alvas (fusiforme em botão), possuem um delicadissimo perfume. As mulheres da Amazonia aromatizam sua roupa branca com ella. Ha tambem o jasmim da Italia ("Jasminum grandflorum") e o jasmim de laranja ("Murraya exotica").

Jaticá — Arpão de haste comprida. Fisga, arpéo, instrumento de arremesso que se atira aos grandes peixes.

Javary — L. G. Rio da onça. Curso lindeiro, pela margem direita do Amazonas, que separa o Brasil do Perú.

J. E. Wappaeus — Allemão. Quem não lhe conheça a origem, depois de lida a sua admiravel **Geographia Physica do Brasil**, attribue esse trabalho a um homem de sciencia latino, imbuido de esthetica, enamorado da belleza, tão lindas são as

suas descriptivas, tão leves as suas paginas, tão decoradas as suas narrativas. Trabalho graphado em allemão, foi vertido para a lingua brasileira por Fr. A. Lutemberger, com a collaboração, nas respectivas especialidades, de Saldanha da Gama, Orville A. Derby, Barão Homem de Mello, Pimenta Bueno, Alvaro de Oliveira, Martins Costa, Ramiz Galvão e outros. Se Wappaeus não esteve na Amazonia, era um genio de assimilação, tal a sua originalidade e a elegancia de fórma que aviva, na nossa memoria, o caso de Reclus, que, apesar de nunca ter vindo aqui, é distincto e verdadeiro nas compilações feitas.

Jejú — ("Erythrinus") — Peixe do matto que, em certas épocas, é apanhado aos paneiros. No Baixo Amazonas chamam-n'o Maria-doce, devido á sua carne ser molle e vagamente assucarada.

Jepê — L. G. Um.

Jequi — Armadilha em fórma de funil, tecida de talas, para apanhar peixes.

Jimboeçaba — L. G. Resa. Oração.

João Daniel — ("Padre") — Missionario de rara intelligencia, de fulgurante estylo e peregrina imaginação. Inventor de cem apparelhos, inclusive processos de navegar, de observar, de aproveitar a energia da hulha branca. Autor do **Thesouro do Maximo Rio Amazonas**, passou dezoito annos na Planicie. Escreveu a parte mais importante da memoria referida, por volta de 1797, no carcere de S. Julião, em Lisbôa.

João Lucio de Azevedo — Escriptor portuguez que formou a sua mentalidade no oriente da Planicie. Veiu para Belem muito joven, subindo de caixeirinho da importante casa armadora A. Berneaud & Comp. a socio principal. Além dos dois irmãos Augusto e Alfredo Berneaud, a firma se compunha dos tres Joãos, João Lucio, João Affonso e João Borges. O primeiro chegou a grande escriptor, de fundo historico, que é hoje; o segundo, já morto, alcançou o posto de brilhan-

te chronista; e o terceiro, marujo, capitão de navios, o cascagrossa da trindade, chegou a capitalista... Os **Jesuitas no Grão-Pará**, a obra mais importante de João Lucio, revela-lhe qualidades de fino e vero historiador, colorista, synthetico, elegante. Quem escreve esta nota capitaneou varios navios da linda frota fluvial de João Lucio. Assim o **Rio Aquiry**, o **Rio Affuá** e o **Rio Machados**, bellos gaiolas daquella época, foram commandados pelo autor d'**O Meu Diccionario**.

Jóça — Sem importancia. Que jóça é essa? Não vou nessa jóça. Aquillo não passa duma jóça.

John C. Branner — Naturalista americano. Presidente e lente de geologia na Universidade Stanford em California. Foi um commovido amigo do Brasil, tanto que escreveu a **Geologia Elementar**, que, para sua gloria, é das maiores, especialmente dedicada aos estudantes brasileiros. A synthese maravilhosa desse trabalho corre parelha com a profundidade da materia. Os capitulos: **geologia dynamica, geologia estructural** e **geologia historica** valem por um surto admiravel de sabedoria. As suas considerações sobre a Planicie, que elle visitou em companhia de Frederico Hartt, quer na parte referente aos fosseis, quer na parte propriamente tellurica, honram a intelligencia do homem, illustram a evolução do planeta, aclaram os horizontes da trajectoria da terra e da humanidade. A segunda vez que veiu ao Brasil foi por conta de Edison, e no caracter de botanico á procura de madeira apropriada a certos apparelhos electricos. Era escriptor. Em 1921 publicou uma série de contos sobre os negros do Tennessee, sobre a creação, sobre o motivo por que as serpentes não têm pernas, e outros muitos curiosos e alegres. Não foi só amigo da terra brasileira, mas do homem tambem, no qual reconhecia genio inventivo, intelligencia, operosidade. Residiu no Brasil. Seu juizo sobre nós é valioso porque, além da cultura, possuia um grande caracter. De parte os trabalhos sobre geologia e ce-

ramica, publicou uma grammatica da lingua brasileira, o que bem demonstra a projecção da sua intelligencia em todas as provincias da sabedoria.

Judas — Divertimento popular do sabbado da alleluia. E' um grande boneco figurando um homem ("o Judas biblico") que amanhece enforcado no galho das arvores. A's nove horas, quando rompe a alleluia, rompe tambem a pancadaria no lombo do Judas até o deixarem em fanicos. Nos altos rios decem-n'o da corda a balas de rifle. Tambem usam collocal-o numa balsa de madeira e soltam-n'o rio abaixo. Em cada barraca ou barracão que elle passa, estronda a fusilaria que, por fim, o despedaça.

Jupaty — ("Raphia tadigera") — Palmeira que só habita em terras banhadas pelo fluxo e refluxo da maré. Do talo cylindrico das folhas se extrae uma fibra alva, delicada, da qual se fabricam chapeus tão leves que parecem feitos de plumas.

Jurumum — ("Cucurbita maxima") — Abobora alimenticia que figura nas mesas regionaes nas mesmas condições da batata. O filhó do jurumum é magnifico.

Jurupary — Deus autoctone. E' o demonio. Apparece em pesadelos, tira a fala ás victimas, suffoca-as e aterroriza-as. Sempre que o indio se deita na matta, colhe certa folha que espanta o Jurupary, afim de que este não lhe flagelle o somno.

Jurupencem — L. G. Bocca partida, rachada, dividida. Espirito Santo.

Jururú — Triste. Calado. Pescoço molle, cabeça pendida. Você anda jururú, coronel, ha alguma cousa? Nunca vi compadre Anastacio tão jururú como agora. Disque gente da cidade não quer saber mais delle p'ra chefe.

Jutahy — ("Hymenaea courbaril L") — Leguminosa. Grande arvore em que as araras pousam para lhes comer os fructos. Della se extrae a resina do jutahycica.

Kerosene — Petroleo. A metade talvez dos candieiros, lamparinas, pharoes do interior do valle, nos barracões, nos sitios, nas fazendas, nos retiros é cheia com esse combustivel liquido, importado da America do Norte em caixas que contém duas latas de cinco galões cada uma. A outra metade é cheia com azeites e oleos regionaes, figurando em primeira linha o azeite de andiroba.

Kiriri — L. G. Calada nocturna. Apparente silencio da natureza. Illusão acustica. Imperceptivel borborinho de vozes de insectos, cujo som, aos nossos sentidos, parece mudo. Expressão onomatopaica talvez dos grilos, das cigarras, dos besouros, a zunir ao longe, e que o incola traduz numa palavra estridulada.

Lacráo — ("Scolopendra morsitans") — E' um myriapode que pode chegar a seis pollegadas e vive na terra, sob a casca dos paus podres. Sua ferretoada é dolorosa.

Ladino — Intelligencia precoce. Curumin que responde a tudo. Criança prodigio. Este meu filho é ladino! Conta aqui p'ra o coronel aquella historia que o padre-mestre te ensinou. Eu, não. Conta, coração. Eu não. Conta, que eu te dou um vintem. Eu, não. Ladino, não é?...

Ladislau Netto — Alagoano. Archeologo. Espirito investigador, emotivo, deslumbrado. Seus passos na Planicie são de sabio e de artista. A decifração, interpretação e comparação dos caracteres symbolicos da louça marajoara com os caracteres symbolicos chinezes, mexicanos, egypcios e hindús, feitas por elle, valem não só por um estudo benedictino, da mais funda sabedoria, como ainda por um documento de emotividade decorativa. Cada hieroglypho soletrado nos pratos, nas tangas, nas urnas, nos jarros nheengaibas, não revela somente um capitulo da historia do selvagem paraense, a sua perdida civilização, a sua remota e mysteriosa origem, mas, e sobretudo, a sensibilidade do artista, da artista, diriamos melhor, que foi essa pre-historica mulher amazonica. Revelação da graça e

da singeleza, ella, criadora rustica no meio da natureza, decorava os seus cantaros e os seus offertorios, os seus alguidares e os seus ornatos de terra-cotta para affirmar a nós, seus archinetos do seculo XX, o sentido da belleza que lhe animava as mãos ingenuas e os olhos commovidos. E só uma formosa intelligencia, que fosse ao mesmo tempo um novo Champollion e um grande estheta, como o era a de Ladislau Netto, poderia traduzir tudo isso com a mesma ingenuidade e a mesma commoção. O interprete reflecte, por uma affinidade ethnica, os altos sentimentos plasticos e artisticos da nossa archiavó nheengaiba.

Lambanceiro — Falador. Contador de historias. Como é lambanceiro este José da Horta. Lambança chegou alli e parou. Mais lambanceiro que elle só o pae. Aquillo é de familia. Já o avô era a mesma coisa, lambanceiro como todos os diabos.

Lambedor — Xarope. Remedio doce. Faça um lambedor de limão que essa tosse passa logo.

Lambisgoia — Delambida. Coscuvilheira. Intrigante. Nunca vi uma lambisgoia como a Chica do Lago. Aquillo é sem vergonha como cachorro.

Lambugem — Gorgeta. Gratificação. Faça o trabalho que, alem do que lhe compete, ainda lhe dou uma lambugem. Passe a lambugem.

Lamparina — Pequena lampada de karozene com pavio de algodão e asa. Accende a lamparina. Bota uma lamparina no porto. Suspende a lamparina. E' o candieiro da barraca do caboclo. Fumaça como todos os diabos, deixando uma nodoa negra na parede junto da qual ella costuma ficar. Significa tambem tapa-olho, bofetão.

Lancha — Embarcação de 80 pés, em média, casco de madeira de lei, construida em Santarem, Uruximiná, Abaeté. De

machina possante, uma helice, tolda corrida de madeira, é empregada como rebocador de batelões de gado do Baixo Amazonas e do Rio Branco. Traféga constantemente na faina de trazer bois e vaccas para o abastecimento da população. Tambem chamam lancha ás pequenas embarcações a vapor que cruzam no quadro. Lancha da Alfandega, lancha da Saude, lancha da Policia.

Laranja — ("Citrus auratium") — Arvore de porte médio, copada, não medra nos alagadiços. Dizem-n'a originaria da China. A flôr trescala um perfume balsamico. O fructo varia muito com a qualidade. Na Planicia amazonica ha de varias especies. A laranja de Cametá, pequenina, do tamanho duma tangerina, é só assucar. As communs são muito summarentas, o que não succede com o typo conhecido por laranja da Bahia, que é sempre secca.

Laranja da terra — ("Citrus vulgaris") — Arvore de porte médio, de tal modo rustica na Amazonia, que parece nativa. E' indiana. O fructo, de casca verde-vermelho, é empregado em xaropes, lambedores. Tem um leve sabor amargo.

Latada — Caramanchão. Pallio de trepadeiras que se faz nos parques e jardins. O maracujá dá lindas latadas donde pendem os grandes fructos do tamanho de cabeças de crianças. O jasmim é a latada por excellencia em virtude do perfume que exhala de noite.

Lenha — Combustivel usado na Amazonia a bordo dos gaiolas. Achas de madeira que pesam, em média, oito kilos e medem pouco mais de metro. Vende-se aos milheiros. Os preços variam segundo a região. Nas Ilhas, estuario amazonico, custa um milheiro, que corresponde em calorias a uma tonelada de carvão, 25$000. Nos altos affluentes vae de 100$000 a 200$000. Vamos batendo chocolate. E' a lenha que

é verde. Veja que bigode grosso vae o navio fazendo. A lenha é muirachimbé.

Levado — Bohemio. Indisciplinado. Farrista. Muito levado o filho do seu Anastacio. Só vive dando desgosto p'ra mãe delle. Que criança levada, parece que tem bicho carpinteiro, com perdão das pessoas mais velhas.

Lima — ("Citrus medica limetta") — Arvore regular. Os fructos, de summo doce-amargo, são excellentes para o figado e estomago. Não é silvestre.

Limão — ("Citrus medica acida") — Pequena arvore de folhas muito verdes e duras. O fructo, do tamanho dum ovo de gallinha, elliptico, tem um cheiro agradavel para quem enjôa a bordo. O summo é muito acido, proprio para refrescos e xaropes.

Liso — Sem uma de xis. Ando liso, liso como quando nasci.

Lobishomem — Monstro. Espirito maligno. Embora não haja na Amazonia o lobo para que o homem justifique a sua transformação em lobishomem, a verdade é que existe a crença no duende. Isso prova que muitas lendas daqui nos vieram de fóra. São documentos das raças que se fundem no vasto cadinho ethnico da Planicie.

Lóca — Roca. Abrigo. Casa. Esconderijo de peixe.

Loja — Casa commercial em que se vendem fazendas, artigos para mulher e homem.

Lontra — ("Lutra brasiliensis") — Especie de phoca fluvial, vive em bandos nos rios e lagos. Surgem empinadas á flôr d'agua. Comem peixe e dão gritos que parecem latidos.

Louro namuy — ("Nectandra elaiophora") Barb. Rodr.. —Tambem conhecido por **pau de candeia**. Da familia das lauraceas, medrando nos igapós, de porte desenvolvido, a madeira tem um cheiro vivo de therebentina. O oleo, fino, dourado, em condições de accionar motores antes mesmo de ser purificado, é conhecido por gazolina vegetal.

Luis Agassiz — Naturalista suisso. Geologo. Zoologo. Paleontologista. Visitou o Amazonas em companhia da esposa, que era quem escrevia o celebre **Diario** em cujas paginas o habitante da Planicie foi tão atacado na sua moralidade. Homem de imaginação, levantou a theoria das geleiras. Reconstruiu tambem a physionomia do valle, que se estendia, segundo a sua visão retrospectiva, Atlantico a dentro, a ponto de receber como affluentes, naquelles idos pre-historicos, os rios brasileiros que desaguam hoje no mar até á Parahyba do Norte. O seu estudo sobre peixes é dos mais completos que já se fizeram por aqui.

Luis Cruls — Astronomo notavel. Pae do festejado homem de letras Gastão Cruls, autor da **Amazonia Mysteriosa**. Foi quem rectificou a linha Cunha Gomes, determinando-lhe a verdadeira situação em novas coordenadas. Director do Observatorio do Rio de Janeiro, o eminente scientista deu o seu concurso á Planicie nesse definitivo trabalho de limites entre o Brasil e o Perú, ficando desde ahi precisamente estabelecida nas cartas geographicas a nascente do Javary. Mas elle andou tambem nas terras alpestres do Systema Brasileiro, observando o solo da futura metropole nacional. Descobriu no sopé dos Pyreneos, ao fundo da bacia tocantina, aguas thermaes; e, se não estamos em erro, foi elle ainda que precisou a verdadeira altura dessa cordilheira, tida em 2.752 metros, quando, na realidade, não excede a 1.385.

Macacaporanga — ("Acrodiclidium") — Miuda lauracea aromatica. Os seus galhos, ralados ou postos de infusão para os banhos, espalham um perfume agradavel.

Macaco — A Amazonia conta 38 especies de macacos. Todos caudados, trepadores e arboricolas. Vivem na floresta. Ha diurnos e nocturnos. Entre elles destaca-se o **Guariba** ("genero Mycetes"). Nadador, de 65 centimetros de tamanho, atravessa um rio. De voz forte, metallica, dá gritos apavorantes na matta, principalmente á noite. Pello comprido, vermelho escuro uns, negro outros, pousam em grandes arvores, onde dormem; o **Barrigudo** ("genero Lagothrix"), domesticavel, manso, é um excellente companheiro das crianças. De cabeça escura, corpo cinzento, gestos lentos, tem 60 centimetros de alto e um aspecto de bondade; é insinuante, de olhar doce e rabo comprido; o **Coatá** ("genero Atêles"), mede 90 centimetros de estatura. Seu pello é sedoso, negro, sua cauda longa. Tem cara de velho alegre, quasi cómico. A carne é muito estimada, embora magra; o **Macaco prego** (genero "cebus"), não vae além de 50 centimetros. Anda em bando. Domesticado, morre tuberculoso; o **Caiarára** ("Cebus gracilis"), conhecido por macaco inglez em virtude da cara vermelha e do pel-

lagio alourado, tambem não ultrapassa de 50 centimetros de altura; o **Parauacú** ("Pithecia monachus"), de rabo comprido, mais conhecido por macaco cabelludo em virtude da sua lanugem, é preto, de 50 centimetros; o **Cuxiú** ("Pithecia satanas), de face e pellagio escuro, comprido, tem o cabello repartido ao meio da cabeça, e não excede a 60 centimetros; o **Macaco de cheiro** ("Saimiri sciureus"), de cabello curto e cauda longa, não excede a 40 centimetros. Amarelo-escuro, de cheiro aborrecido, vive perto das roças comendo fructos e insectos. Alem destes existem o **Macaco da noite** ("genero Nyctepithecus"), o **Sagui** ("genero Midas"), e muitos outros. Os zoologos, pela irrequietude, pela curiosidade, pela instabilidade do macaco, acham-n'o semelhante ao papagaio, de maneira a entreverem uma certa afinidade entre os quadrumanos arboricolas e os verdes trepadores alados.

Macacôa — Achaque. Doença. Dôr pelo corpo. Indisposição physica. Amanheci hoje com a macacôa. Macacôa já vem chegando.

Macaná — L. G. Massa de madeira de lei com que o indio abate o inimigo no combate peito a peito.

Macaxera — ("Manihot aypi Pohl") — De tuberculos brancos, não é toxica. Sendo uma das variedades da mandioca, emprega-se ella nos beijús e nos mingáos para convalescentes. Corre, como propaganda talvez da força da terra acreana, que, alli, a mandioca vira macaxera, isto é, planta-se mandioca e nasce macaxera.

Machadinho — Pequenino machado com que o seringueiro corta a hevea afim de lhe extrair o leite. Debaixo do golpe colloca uma tigelinha de folha de Flandres ou de barro, para onde escorre o liquido que se vae chamar depois gomma elastica, borracha ou ouro negro.

Macucáua — ("Tinamus, esp.") — Menor que o inhambú, parece-se com a perdiz. Gallinaceo delicado, bom prato.

Macurú — Balouço onde as crianças ficam horas e horas brincando. E' um arco de cipó forrado de panno com duas faixas tambem de panno cruzando-se no fundo e nas quaes o pequenito senta e enfia as perninhas. Suspenso o apparelho ao tecto por uma corda, o pequerrucho com os pés, que mal tocam o solo, balança-o.

Madeira — Arvore. Designação que o seringueiro dá a hevea. Só cortei hoje cincoenta madeiras. O diacho da chuva não me deixou ir adiante. Tenho dez madeiras naquella estrada, junto ao igarapé, que são mesmo monstras. Oh! madeiras bonitas!

Mãe dagua — Boiuna. Cobra grande. Espirito aquatico das lendas amazonicas. Hartt, registrando os mythos, conta a "Historia do Paitunaré", cobra grande.

Mahadéus — Nome por que se designam na India as inscripções rupestres. Esse termo vem de Maha-Dêva, o grande Deus Siva. Taes inscripções ou petroglifos são communs a todas as terras do mundo. Na Amazonia, se encontram espalhadas ás margens dos rios em grande quantidade. Já Martius as notára. Gustavo Barroso, o grande escriptor patricio, tem um estudo completo sobre o assumpto, com o titulo **Os mahadéus do sertão**, que faz parte do livro **Aquem da Atlantida**.

Malacafento — Prenuncio de doença. Mofino. Presa de mal estar. Gente, amanheci, hoje malacafento, parece que vou adoecer. E' uma morrinha, um desejo de rede, que só sezão.

Malarina — Um prospecto da firma Cesar Santos & Cia. sobre a malarina, ha já tempo em minhas mãos, atrahiu-me a

UNIVERSITY OF ILLINOIS
LIBRARY

curiosidade para esse medicamento de tanta efficiencia na Amazonia. E mais me prendeu o livrinho, pelo facto de ahi, nessas linhas historicas da molestia e do medicamento, virem estes dados: "A MALARIA, designada tambem pelos nomes de **impaludismo, sezões, maleitas, febres palustres, telluricas,** é uma doença conhecida desde a mais remota antiguidade. Hippocrates 500 annos antes de Christo a tinha observado e dividido em quotidiana, terçã e quartã. A MALARIA começou a ser, entretanto, mais bem differençada das demais febres quando, em 1640, a condessa del Chinchon, mulher dum vice-rei do Perú, e seu medico Juan del Vigo levaram para a Europa as cascas de quina, usadas desde tempos immemoriaes pelos peruanos contra as febres intermittentes. O emprego deste remedio, segundo o methodo dos jesuitas de Lima, curava estas febres ao passo que nenhum effeito produzia sobre outras que passaram a chamar-se **essenciaes**. Em 1847, Meckel, descobrio o pigmento malarico; Wirchow, Feschl, Frerichs, Kelsch e Kiner estudaram as lesões produsidas pela infecção no corpo humano e em 1880 Laveran descobrio o germen da MALARIA. Ross verificou que esse parazita completa o cyclo da sua evolução no corpo do mosquito, explicando, assim, ser este insecto o transmissor da infecção, opinião aliás corrente ha mais de duzentos annos entre os camponezes toscanos e do Tyrol italiano. Estas febres não existem somente nos climas tropicaes mas ainda em muitos paizes de clima frio como a Italia, França, Grecia, Inglaterra, Suecia, Russia, etc.". Transcrevendo estas notas, para o grande publico, viso desfazer a impressão geral de que só na Amazonia existe a malaria. Os homens de sciencia conhecem a verdade, mas a massa collectiva da população de outros Estados, principalmente, a ignora. E' uma doença que nos foi trazida e que a "Malarina" e a prophylaxia brasileira andam combatendo vantajosamente.

Malassombrado — Logar onde apparecem almas do outro mundo. Ponto no qual as visagens se manifestam. Os espiritos não saem daquelle barracão. Aquillo é dinheiro enterrado. De noite é assobio, pedrada, grito, gemido, soluço, que assombra o mais pintado. Não ha quem durma lá. Barracão malassombrado. E' um typo malassombrado.

Malóca — Aldeia de indios. As barracas, cobertas de palha, têm feitios conicos. Cada tribu possue a sua malóca, mais ou menos povoada. Algumas, restos de raças quasi extinctas, só têm uma casa, que é mudada de acôrdo com a maturação das roças, com o apparecimento das formigas de fogo, com a vizinhança dos seringueiros, com o desapparecimento da caça e do peixe.

Mamma em onça — Interesseiro. Que namora moça vesga, capenga, maneta. Casado com mulher feia. Comadre já viu a mulher do promotor? Já. E' medonha, um coirão. Aquelle homem mamma em onça, que Deus não me castigue. Disque é por causa do dinheiro do pae.

Mamoeiro — ("Carica papaya") — Arvore de caule fôfo, sem utilidade para marcenaria ou carpintaria. Tronco recto, no topo tem um bouquet de grandes folhas. Seu fructo, semelhante a um melão pequeno, quando maduro, constitue uma excellente sobremesa. Verde, é posto como adubo na carne cosida. Dizem que espanta o carapanã. Sem o mamão macho não fructifica. Dá nos terrenos baldios, nas capoeras, nas tapéras. Adaptou-se tanto aqui, a ponto da Amazonia parecer o seu paiz de origem. E' mexicana.

Mamóte — Bezerro que ainda mamma.

Manáos — Tribu selvagem que habitou o local onde se acha actualmente a metropole amazonense. Logar da Barra, nome por que foi conhecida nos seus primeiros dias. Perto do

actual palacio da Prefeitura ainda se encontram, nos cemiterios aborigenes, as urnas funerarias, os despojos da famosa nação de indios. Os Manáos eram uma raça valente e que exhibia, como decoração indumentaria, folhetas e pepitas de ouro. La Condamine, fazendo algumas considerações sobre o celebre e phantastico Eldorado de Manôa, suggere, com muita argucia, a possibilidade de ter vindo dos indios Manáos, sempre recobertos de metaes dourados, a lenda do Eldorado de Manôa. Ha, de certo, uma notavel semelhança. Deixando, porém, de parte a tradição e a lenda, é justo que se veja a linda capital do Amazonas de agora, limpa, alegre, moderna, subindo e descendo no movimentado terreno em que se levantou á borda de innumeros igarapés, ao presente aterrados pela mão do homem. Se a cidade crescesse sobre a topographia antiga, verdadeira rede hydrographica, era, nestes dias, uma curiosa Veneza amazonica, pois onde hoje trafegam os bondes e os automoveis, singravam as ubás e igaritês. Erguida sobre lombadas de terreno alto, a ponto das viaturas de 30 annos passados necessitarem de tres cavallos para trafegarem, Manáos é bem a Cidade das Collinas, que a população vae, numa terraplenagem insensivel, escavando, baixando, nivelando até rasal-a em planicie. Capital do vasto e generoso Estado do Amazonas, ahi residem, no Palacio Rio Negro, os seus presidentes. O derradeiro delles, na 1.ª Republica, foi esse querido e bondoso Dorval Pires Porto, engenheiro, varão illustre e de largas virtudes, honesto, respeitoso, incapaz de um acto que não seja digno e honrado.

Mandihy — ("Pimelodus") — Peixinho de pelle que não passa dum palmo. Os garotos pescam-n'o no porto de Belem a caniço e a linha. No Alto Amazonas anda em cardume, sendo maior e mais gordo que o do estuario. E' perigoso tiral-o da malha das tarrafas e redes por causa dos esporões lateraes, agudos, dolorosos quando ferem. Excellente alimento assado

ou cosido. As caldeiradas de mandihys são famosas. Ha ainda a ilha do Mandihy no estuario do Tocantins, onde se vê assentado o pharol do mesmo nome.

Mandinga — Feitiço. Bruxaria. Amanheceu mandinga na porta do coronel. Disque é cabello de defuncto com terra de cemiterio e penna de coruja.

Maneira — Abertura perpendicular, do tamanho dum palmo, que costuma ter, num dos flancos, a saia da mulher do interior da Planicie. Estás com a maneira aberta, Chiquinha. Fizeste a maneira grande demais.

Maneta — Que tem falta de uma das mãos.

Mangaba — ("Hancornia speciosa") — Pequena arvore nativa gommifera. O fructo, gosmento, pegajoso, dum verde-ferruginoso por fóra e branco por dentro, posto nagua depois de caido da arvore, maduro, pois, perde a resina e fica em condições de ser comido. O sorvete é excellente.

Mangar — Zombar. Caçoar. Vá mangar do boi, seu José. Quem manga tambem morre. Deixe de mangar dos outros. Olhe castigo hespanhol.

Mangáua — Irmão de leite. Filho da nossa ama. Que se criou comnosco. Quem é esse moleque? Meu irmão mangáua.

Mangerona — ("Origanum majoranoides") — Deliciosamente perfumada, cheiro delicado. Usa-se nos balaios de roupa. E' uma planta medicinal e aromatica adaptada á Planicie.

Mangue — ("Rhizophora mangle") — Planta palustre, do litoral, com raizes aéreas. Medra sobre o tijuco e possue tanino. O caranguejo gosta muito dos mangues, porque as rai-

zes levantadas como grandes e finos pés de gallinha, facilitam-lhe o movimento, a fuga para os esconderijos abertos no tijuco.

Mangueira — ("Mangifera indica") — Aclimado na Amazonia, este grande vegetal oriundo da Asia é, além de magnifica arvore de sombra, um excellente fornecedor de fructos, que amadurecem e caem nos primeiros mezes de inverno. Não fôra a sua raiz, que rebenta o calçamento das ruas á proporção que cresce, e nenhum outro individuo botanico lhe disputaria a primazia como arvore decorativa e de sombra nas avenidas e parques.

Maniçoba — Panelada de folhas de maniva socadas ao pilão e cosinhadas com adubo de peixe ou carne. Em geral a gente da Amazonia faz hoje esse prato com mocotó, lingua salgada, tripa, fiambre, cabeça de porco. Iguaria excellente, muito parecida a uma feijoada completa, precisa ferver pelo menos 24 horas, afim de que as folhas fiquem tenras e macias.

Manicoré — L. G. Alma de porco. Cidade e affluente á margem direita do rio Madeira. O caudal tem roido de tal fórma o porto da cidade, que a primeira fila de casas está para se precipitar nas aguas.

Manipuéra — Caldo de mandioca. Tucupy antes de ir ao sol ou ser fervido, crú. E' um toxico terrivel.

Maniva — ("Manihot utilissima L., Euphorbiacea") — Vegetal arbustivo, cujos tuberculos se chamam mandioca. Não é silvestre. Parece trazido pelo indio, ou pelo negro, como o foi o milho do selvagem, de espigas enormes e cujos grãos são pintados de preto e amarello.

Manoel Maroja Netto — Parahibano. Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Pará. E' um dos mais inte-

gros magistrados da Planicie amazonica. O povo, que possue o sentido da verdade, o instincto da razão, a respeito de seus actos, como juiz, o vê como alta encarnação da propria lei, tantas provas vem elle dando nas sentenças que profere. Como homem particular, é um verdadeiro padrão de virtudes.

Manso — Seringueiro que fez, pelo menos, um fabríco, já distingue o assobio dos passaros, o bater dos peixes, a pegada dos quadrupedes, se bem que não possua o sentido instinctivo do caboclo amazonico.

Manteiga — Nome por que são conhecidos os oleos e as gorduras na Planicie. Manteiga de cacau, manteiga de tartaruga, manteiga de peixe-boi, manteiga de castanha. O caboclo não diz sêbo, nem oleo, nem gordura. Tudo para elle é manteiga.

Mapará — ("Hypophthalmus dawalla") — Peixe do Baixo Tocantins, onde é commum o seu cardume e não cresce mais de dois palmos. Tão abundante em certas épocas, que o exportam salgado. O do Alto Amazonas, muito gorduroso, chega a ser enjoativo.

Maqueira — Rêde de tucum.

Mará — Vara. Empregam-n'a para retezar a vela, amarrar a canôa no porto ou empurrar a igarité como varejão.

Maracá — Chocalho. Fazem-n'o de cucurbitacea cheia de seixos ou favas, ou, ainda, de barro, com cabo de madeira. E' brinquedo de criança e instrumento dos pagés no ritual das feitiçarias. Certos indios chamam ao sino da igreja dos civilizados ("cariuas") itamaracá, sino grande de pedra, porque todo o metal para o aborigene é pedra.

Maracatim — L. G. Igarité antiga de selvagens, que trazia á proa, como symbolo rostral, o maracá. Algumas tribus chamam aos navios a vapor maracatim, talvez pelo barulho do gaiola, que elles ouvem ao longe.

Marajó — A maior ilha do Estado do Pará. Authentico pedaço do Paraiso Verde na parte do quadrante de nordeste. que é a região alta e pastoril, cheia de fazendas de gado. A outra banda da ilha é gommifera. Abundam os seringaes. Deste lado a ilha cresce, do lado contrario diminue, de modo a dar a impressão, dentro de cyclos millenares, já se vê, de uma terra que se muda dum flanco do valle para outro flanco. De facto, a ilha emigra. Tambem chamam de marajó aos ventos duros do largo, que caem á tarde na bahia do Guajará, e refrescam a cidade de Belem. O mais interessante desta ilha, no emtanto, já notavel pelo tamanho, é ter sido o nucleo de uma civilização adiantada para o tempo em que floresceu. Os multiplos cemiterios alli achados denunciam, pela decoração ceramistica, o sentido esthetico daquelle povo. E mais de que pelo molde esthetico, se apura o adiantamento das tribus que lá viveram, pelos caracteres symbolicos que enfeitavam a louça indigena, hoje desenterrada dos sarcophagos marajoáras.

Marapatá — Pequena ilha da foz do rio Negro. Celebre hoje pelo designio inepto que o forasteiro lhe attribue: de guardar consciencias. Esta lenda irreverente com que os brasileiros do sul pretendem mostrar a falta de escrupulos da gente hospitaleira, carinhosa, ordeira de Manáos e do Amazonas, só fulmina o proprio adventicio, pois se ha quem deixe a consciencia para viver aqui, não somos nós, os nascidos na Planicie, que morremos pobres, trabalhando sem ambição, e sempre orientados no sentido de engrandecer a terra que Humboldt chamou o Celeiro do Mundo. Os filhos da Amazonia

jamais deixaram a sua consciencia em qualquer parte afim de prosperar.

Maré — Elevação e abaixamento periodico das aguas do mar. Mas até onde chega esse phenomeno, pelo Amazonas a dentro? E' isso que o autor deseja informar aqui, visto como sobre o assumpto reina o maior desaccôrdo, a maior confusão, mesmo entre escriptores notaveis e até entre sabios. Uns marcam Santarem, como seu ponto terminal; outros vão até Obidos. A verdade, observada por quem escreve estas linhas, é que a maré sobe até Parintins, no mez de outubro, quando o Amazonas, quasi parado, perde toda a sua força. Ella não tem fluxo ahi quando enche, isto é, não corre para cima — tufa apenas. De bordo, amarrado o navio ao porto, vê-se no barranco uma estreita faixa molhada de dois dedos, quando a maré vasou. De Parintins para baixo observa-se a maré no caldeirão, que é um furo transversal ligando o paraná do Bom Jardim ao Amazonas, fluindo e refluindo, queremos dizer, correndo p'ra dentro e p'ra fóra sob a acção da lua. Ora, o Caldeirão é um furo que fica á margem esquerda do Amazonas, 42 milhas a jusante de Parintins e 56 a montante de Obidos. Se a maré se faz sentir nelle, embora no tempo secco, no mez de outubro, fluindo e refluindo, é porque ella remonta muito acima. Nestas condições, que fique como padrão: Parintins é o derradeiro ponto em que se observa a maré Amazonas a dentro, ou sejam 618 milhas acima de Belem, navegando pelos paranás.

Maré de lua — Agua viva. Syzygia. Acção forte do fluxo e refluxo na lua nova, principalmente nos tempos de equinoccio.

Maré de quarto — Quadratura. Fluxo e refluxo dos quartos mingoantes. Acção lenta das aguas.

Marezia — Mareta. Onda pequena. Agitação miuda das aguas. Toalha crespa da corrente. Bahia stava braba, compadre? Não. Marezia só. Vem certamente de maré, que é o fluxo e refluxo determinado pela acção astral da lua e do sol.

Maria-já-é-dia — ("Myarchus ferox") — Passarinho que annuncia a aurora repetindo o seu nome num grito onomatopaico: **Maria-já-é-dia.**

Maricas — Effeminado. Mulherengo. Frouxo. Sujeito que tem medo de tudo. Gente, filho do campadre Zebedeu não póde botar olho num cipó que pensa logo que é cobra. Que maricas!

Mariscador — Individuo que sabe pescar e caçar. Em geral, todos os barracões da Planicie tem um mariscador que suppre a mesa de mantimento fresco. Elle sabe onde está o pirarucú, o tambaqui, o tucunaré, a paca, a anta, o inhambú. Para o mariscador não ha matta despovoada nem lago deshabitado. Quando, por acaso, elle volta sem a embiara, se diz panema. Estava panema, hoje. Não batia nada na agua. O lago era "sarú", "sarú".

Maromba — Grande girau ao ar livre, de achas grossas, onde o gado sobe nas alagações por falta de terra. Palanque immenso, feito sobre a varzea, de caracter provisorio, as rezes ficam ahi ilhadas durante a inundação da gleba. Bois, vaccas, vitellas, novilhas, mamotes, ahi passam 30, 40, 60 dias sustentados pelos vaqueiros que trazem canôas cheias de canarana e a distribuem em duas rações diarias pela manada. Na generalidade morre parte desse gado, triste, mal alimentado, casco descollado, quando não é o caudal que sobe e arrebata as rezes, maromba e tudo.

Marrecão — ("Chenalopex jubatus") — Corpo de ganso, côres vermelhas, azues, negras e bronzeadas, é um dos mais lindos palmipedes de Planicie. Ouvido fino, representa um guarda vigilante, pois qualquer estranho á casa é denunciado por uma especie de grunido, de canto tremido, de aviso baixo que elle dá.

Maruim — ("Ceratopogon") — Pequenino dipterio, quasi redondo, que apparece em nuvens pela manhã. E' commum no inverno. Causa vivo aborrecimento pela impossibilidade de evital-o.

Mentruz. Mastruço — ("Chenopodium ambrosioides") — Tambem conhecida por herva de Santa Maria, esta planta herbacea é muito applicada contra vermes intestinaes. Tanto os medicos, scientificamente, como a pagelança domestica, usam-n'a misturada ao oleo de ricino contra lombrigas.

Mata-feijão — Repiquete inesperado que apparece, no principio da vasante, nos altos affluentes do Amazonas e Solimões. Em maio e junho, quando as praias marginaes já estão descobertas, os moradores plantam nellas a mandioca, o milho, a melancia, o melão, o feijão. Areias adubadas pela **colmatage**, são fertilissimas. Succede, porém, que em certos annos, quando a plantação já está grelando, vem uma enchente inesperada que interrompe a vasante, alaga a praia e destroe a sementeira. E' a isso que os habitantes do occidente da Planicie chamam de mata-feijão. Gaiolas encalhados lá por cima, destinados a passar alli perto de um anno, muitas vezes desencalham com o "repiquete" do mata-feijão e descem a salvo.

Matalotagem — Farnel. Comida que se leva para viagem. Peixe ou carne assada com farinha, num sacco de panno, que

se conduz no jamaxy ou no panacú afim de se passarem alguns dias na roça ou nas pescarias. Sua matalotagem, mano João, é p'ra quatro dias; carne está bem sêcca; o peixe é piracuhy. Vae tambem tucumam e uxy p'ra vaçuncê ir roendozinho na canoa.

Matapy — Cesto conico feito de talas de palmeira para apanhar peixe no fundo dos igarapés e lagos.

Materia — Puz. Nascida delle parecia uma laranja de grande; quando rompeu, foi materia que nem sei. Inda está saindo materia do tumor do Joanico aqui no peito, lá nelle.

Matinas — Primeiros repiques de sino nas igrejas com o raiar do dia. Assim que bater matinas, em Nazareth, nós levanta.

Matintaperera — ("Diplopterus naevius") — Ave trepadora e que come insecto. Reputada como descobridora de mananciaes, que assignala com a presença, o selvagem a tem como a encarnação de uma divindade silvestre. A's vezes ella se transforma num tapuinho capenga de barrete vermelho, segundo a lenda, e é, então, o deus autoctone que castiga os meninos rebeldes, malcriados, travessos, desobedientes ás mães e ás avozinhas. Quando as crianças não se corrigem, elle as furta de casa.

Matteiro — Caminhante das selvas. Individuo que tem o instincto de se locomover na floresta amazonica sem instrumentos. Vae para onde quer. E' o matteiro que abre as estradas de seringa. O sólo, a flora, a fauna são os seus guias. Sem bussola, elle vara as mesopotamias, corta dum rio p'ra outro. E' um privilegiado da natureza.

Matupá — Orla de canaranas na margem dos rios, lagos e igarapés.

Matupiry — ("Tetragonopterus") — Um dos menores peixes da Amazonia. De escama, prateado, com algumas manchas escuras, serve para isca na pescaria que se faz aos grandes peixes. Vive nos igarapés e igapós. Decorativo, botam-n'o junto ás tartaruguinhas nos vasos de vidro, especies de aquarium de algumas salas da Planicie.

Matuto — Sujeito do interior. Roceiro. Acanhado. Que leva conto do vigario. Que compra bonde. Que pergunta tudo. Que anda de fraque de noite. Que veste **smocking** de manhã. Que pede licença para entrar em botequim. Que vive examinando as notas que recebe. Que calça borzeguins de rangideiras. Que bota ponta de cigarro atraz da orelha. Que anda com o lenço no pescoço. Que cumprimenta quanta cara encontra. Que diz amém a tudo. Que volta para o sitio sem xêta.

Maximiliano da Austria — (Principe) — Naturalista. Botanico. Descrevendo a nossa floresta, disse que o Brasil era a republica livre das plantas, onde em geral o despota humano pouco apparecia. Naquelles tempos. A vida dessa republica, na referencia de Wappaeaus, mostra a lucta incessante pela liberdade e igualdade dos typos vegetaes, actividade que se desdobra tambem entre os homens na lucta pela vida.

Mboitatá — Cobra de fogo. E' o genio que defende os campos, as savanas, os prados contra os incendiarios. Por essa divindade se tira o sentido por que o selvagem, já naquelles tempos, condemnava a queimada nas campinas, costume que não somente esteriliza o solo, tornando árido o

terreno, como provoca o crescimento de uma multidão de plantas damninhas em substituição quasi sempre de gramineas proprias a forragens, ou, pelo menos, preferidas pelo gado que as come. Mboitatá figura na theogonia indigena como uma pequena serpente de fogo que mora nagua e mata os incendiarios.

Melado — Suado. Encharcado. Molhado. Suei tanto que fiquei todo melado. Me dê uma camisa que estou melado. Aquella chuvada me deixou melado. Venho escorrendo em suor, todo melado. Melado, no sul, é synonimo de mel. Aqui, na Planicie, não, mel é mel mesmo.

Melancia — ("Citrullus vulgaris") — Cucurbitacea verde, rajada de branco e lisa, por fóra. Por dentro, ora é encarnada, com as sementes pretas, ora branca com as sementes claras. Tambem dá muito nas praias. E' uma das fructas refrigerantes na Planicie.

Melão — ("Cucumis melo") — Perfumada cucurbitacea que se cultiva nas praias do Amazonas e de todo o valle, se bem que não seja silvestre. Ha uma especie branca-esverdeada por dentro e outra alaranjada. Por fóra é amarela e cheia de gomos.

Mel de pau — Mel de abelha. Encontra-se na matta, principalmente nas arvores podres, nas madeiras de lei. A melipona é muito commum na floresta amazonica. Alem do mel, fabrica a cêra preta, perfumada. Tambem applicam a expressão em casos complicados, mysteriosos, cheios de lances occultos. Aquillo é um verdadeiro mel de pau, cunhado. Ninguem sabe de nada. Que mel de pau é esse, minha gente, disque Merandolina teve um filho?

Memby — L. G. Gaita.

Memoria — Anel. Bonita aquella memoria della. A sua memoria de prata é uma lindeza. Fiz esta memoria de tucumam destinada ao dedo minguinho: é p'ra me lembrar duma cousa... adivinhe? Perdi minha memoria de ouro.

Me olha — Na maneira de falar do caboclo da Amazonia, os pronomes precedem os verbos. Elle não diz **olha-me** nem que o rachem; é **me olha, me escuta, me manda, me ama.** Erro, segundo os puristas, a verdade, no entanto, é que assim se usa no hespanhol. E não ha motivo para se julgar a lingua de Cervantes um idioma atrazado ou sem belleza. Ao contrario, é mais plastico, harmonioso e sonoro que o portuguez. Eu estou inteiramente com o caboclo. **Me dá, me belisca, me cutúca, me escreve, me beija** representam expressões mais doces, mais commovidas, que definem melhor a psychologia do povo, a sensibilidade verbal da nossa gente. **Me parece** que os grammaticos, com todo o seu arsenal de regras, na Planicie, dão sempre com os burros nagua.

Mettido a sebo — Sujeito que se dá ares de grande figura, de alta personagem. Gentes, mas como esta mettido a sebo o Juca. Ainda hontem engraxava trilho e agora disque já é astronomo.

Meué-meué — Vamos indo. Assim, assim. Então, como vae isso, parente? Meué-meué, luctando, como Deus é servido.

Mexerico — Enredo. Intriga.

Mexeriqueiro — Intrigante. Leva e traz. Pessoa que só vive inimizando. Como tú és mexeriqueira, Petronilla. Não seja mexeriqueiro.

M. F. Maury — Americano que assignalou a distribuição do calor pelos mares e terras do globo, explica, com rara precisão meteorologica, o motivo por que o Equador Thermico, em vez de penetrar o valle amazonico, flecte para o norte e vae cortar o continente colombiano na altura do isthmo do Panamá. Tenente da marinha de guerra americana, foi um precursor da livre navegação do Amazonas. A memoria que apresentou sobre a Planicie equinoccial fez grande ruido no mundo. A esse respeito escreveu Gonçalves Dias a Tavares Bastos: "V. me permittirá manifestar-lhe a minha opinião quanto ao resultado final da sua impressão. Autor infesto ao Brasil e mesmo odiado por muitos dos nossos homens illustrados como advogado de desenfreadas ambições dos americanos, Maury, no meu entender, deve ser qualificado como um dos benemeritos do Amazonas. As suas exagerações mesmo serviram e data de então o maior cuidado que o governo tem tido com as cousas daquellas provincias, "futuro paraiso" do mundo como se antolhou a Humboldt. Pelo menos sabe que existe o Amazonas, sabe que é seu, e mostra consideral-o, por isso mesmo que os americanos o ambicionam". O trabalho de Maury foi muito apreciado por Humboldt, Wallace, Bates e Agassis, diz Joaquim Nabuco, accrescentando que Tavares Bastos recebeu do livro de Maury o impulso patriotico que o tornou o ardente e fertil propagandista da grande causa da abertura do Amazonas ás bandeiras de todas as nações.

Mingau — Papa de milho, banana, arroz. Os de assahy, bacaba, patauá são adubados com farinha dagua. Mingau, na Planicie, é o alimento por excellencia do roceiro. Para as bandas do oriente, nas regiões do Pará, predomina o de assahy; para as bandas do occidente, nas regiões do Amazonas e Perú, predomina o da banana.

Minhóca — ("Anteus gigas") — Especie de lombriga que vive em baixo da terra. Inoffensiva, a sua principal utilidade é servir de isca na pesca de anzol. O peixe é doido pela minhóca. As aves tambem esgravatam a terra por causa della. O unicorne, herbivoro, não dispensa a minhóca.

Miudo — Visceras. Não compre só carne, nhá Fuluca. Traga tambem uns miudos: bobó, tripa, figado, coração. Falta miudo p'ra panelada. Mocotó sem miudo não presta.

Mixira — Conserva na gordura do peixe-boi, grande cetaceo, de banha branca, compacta; é excellente isoladora do ar. Faz-se a mixira não sómente da carne do proprio peixe-boi, como ainda do tambaqui e das tartaruguinhas recem-saídas da cóva, nas praias. Frita-se primeiro, na gordura do peixe-boi, a peça a conservar, e, depois de fria, é ella encerrada, recoberta da banha em que soffreu a acção do fogo, em latas de cinco e dez galões hermeticamente fechadas. E' um petisco apreciadissimo, comido com farinha dagua torrada, em todo o valle amazonico. No baixo Purús e no baixo Solimões essa industria é muito desenvolvida, se bem não se compare já á dos tempos coloniaes, quando o peixe-boi, abundantissimo, dava para carregar os navios hollandezes no porto de Gurupá, ponto em que actualmente não existe mais nenhum desses cetaceos.

Moça — Amante. Capitão passou hontem com a moça delle. Moça do coronel Anastacio é bem bonita. O caboclo supprime o artigo definido. Não diz: o vapor chegou, mas: vapor chegou, canôa virou, dia findou, rio seccou.

Mocambo — Refugio de negro fugido. Aldeamento de escravos que desertavam do ergastulo. Alli tem mocambo. E' preto assim... Cada negralhão que mette medo. Acima de Parintins ha um igarapé em cuja cabeceira existiu um mocam-

bo. Vem dahi o nome de paraná do Mocambo, onde desagua o referido igarapé. No sul chamam quilombo.

Mocõe — L. G. Dois.

Mocotó — Artelho da rez. Em geral, o prato desse nome, conhecido tambem por mão de vacca, é feito de pé de boi com adubos de fiambre, orelha de porco, chispe, tripa, chouriço. De digestão difficil, dá uma somnolencia que convida logo á sésta. Vou fazer um mocotó no domingo, está ouvindo, será? Gente, mocotó está dando na minha fraqueza... Estou molle, molle.

Moçuny — L. G. Seis.

Móda — Uso. Trajo, costume da época. Esse figurino já não está na moda, Candinha. Aquelle vestido da Miquelina caiu da moda. Ella só veste fóra da moda. Cabello comprido já não é moda. Agora as mulheres, que Deus não me castigue, parecem umas sururinas sem rabo.

Mofino — Covarde. Molle. Como é mofino o filho da tia Chica. O Janjão depois de lhe dizer as ultimas ainda lhe deu um sopapo. Tambem o applicam no sentido de adoentado. Gente, ando mofino, sem vontade de trabalhar, sem alegria de viver, sem desejo, sem paladar. Só sendo doença.

Mojica — Maneira de engrossar um caldo accrescentando-lhe feculas.

Mojú — L. G. Rio das cobras.

Moleque — Mulatinho. Pretinho. Cria das casas. Passa p'ra dentro, moleque! Mas este moleque não está brincando commigo... Pega esse moleque! Vou metter este moleque na

Escola de Apprendizes. Andas procedendo como um verdadeiro moleque. Moleque é rapazinho empregado na serventia domestica.

Montaria — Pequena embarcação em que se navega a remo na Amazonia. E' o cavallo do caboclo. Rasa, de tres metros de comprido e um de bocca, não pega mais de quatro pessoas. Ha algumas, na região das Ilhas (Estuario do Amazonas), que só permittem um tripulante dentro. Parecem verdadeiros brinquedos. Pintadinhas, limpas, com os bancos, rodelas, casco, poço extremamente asseiados e enxutos, dá gosto vel-as cortando rapidas as aguas quietas dos Furos de Breves. O homem ou mulher, curumim ou cunhantan sentado a meia-nau, na remada que dá, impelle e dirige ao mesmo tempo, tal a habilidade canoeira da gente que ahi vive.

Moquéca — Peixe guisado e embrulhado em folhas verdes de palmeira ou banana sororóca. Tambem chamam poquéca.

Moquear — Assar a fogo lento, sobre varinhas verdes, carne ou peixe. E' trabalho que demora mais de dia e constitue uma das fórmas por que o indio conserva os alimentos, visto como não usa do sal. A peça moqueada, depois de bem sêcca, com leve sabor a fumaça, dura semanas e semanas, bastando que, de vez em quando, soffra um ligeiro aquecimento no moquem.

Morganho — Ratinho. Camondongo no sul.

Moringue — Vaso de barro, de dois palmos de alto, proprio para esfriar agua em virtude da argilla porosa e com duas asas. Visto de flanco, tem a fórma de um coração que possuisse ao alto um pequeno gargalo.

Mortalha — Papel de cigarro. Livro de mortalha. Queria fazer um cigarro mas não tenho mortalha. O caboclo usa a mortalha de tauary, extraída do **liber**, entrecasca das sapopemas de tauary. E' vermelha. Tambem se chama mortalha á fazenda com que envolvem o cadaver dos pobres, da gente sem recursos. Synonimo de sambenito.

Mory — ("Paspalum fasciculatum Willd") — Graminea que medra pelos barrancos na margem dos rios e lagos da bacia amazonica. Dá desynteria no gado e mata a canarana que lhe reponte na visinhança. Parecida á canarana, é mais amarelada, no emtanto, que a sua similar e sem aquelle tom verde-cinza avelludado da sua victima.

Mosquiteiro — Se ha logares, na Amazonia, em que não existe carapanã, em outros o homem, para dormir, precisa de defesa. Entre as melhores, contra o mosquito, usa-se o mosquiteiro. E como Roquette Pinto, no seu grande livro **Rondonia**, descreve-o, a elle damos a palavra: "O mosquiteiro, largamente usado no interior, tem a fórma geral dum fuso. Suas extremidades terminam nos punhos da rede; da parte média desce, como a vesicula umbellical dum peixe recemnascido, o seu bojo fechado, ao nivel do chão, por duas abas que se cruzam. Um cordel (duplo) mantem o plano superior acima de quem dorme; e, algumas varetas, (duas) cortadas na occasião de o armar, distendem horizontalmente o panno.

Mucuim — (Tetranychus molestissimus) — Do genero **Trombidium**, quasi microscopico, vermelho, vive no capim e nas hervas no tempo do inverno. Com o verão duro desapparece. Produz uma coceira terrivel. Quando se volta do campo, é tal a carga de mucuim, que se torna necessario fazer uma fricção de alcool pelo corpo, afim de matal-os.

Mucuracaá — ("Petiveria alliacea") — Planta de cheiro esquisito, sarmentosa, sudorifica, empregada na therapeutica regional.

Muirakitã — Amuleto de pedra verde attribuido ás icamiabas, mulheres sem marido, tidas como pertencentes a uma nação guerreira que engeitava o filho varão. A tribu feminina é pura lenda inventada pelo hespanhol Orellana, que foi o primeiro explorador a descer o caudal do Amazonas, dos Andes ao Atlantico. Quanto ao talisman, é um facto. Existe. Feito de pedra verde-malva, com finos veios ferruginosos, alguns são lavrados em fórma simples, cylindroide, elliptica ou de conta. Outros, de linhas zoomorphas, representam chelonios, batrachios, quadrupedes, serpentes. Ainda outros, de modelos anthropomorphos, lembram focinhos, carrancas, bicos, chifres de monstros. A essas reliquias se emprestam attributos miraculosos. Dão amor, felicidade, saúde, riqueza. O mineral em que é talhado o muirakitã amazonico, é a nephrite. O do asiatico, é a jadeite.

Muirapuama — ("Ptychopetalum olacoides") — Arvore mediana e florestal da terra alta na Amazonia. As raizes são empregadas em banhos contra o beriberi. E' tida como aphrodisiaca.

Mujanguê — Massa de ovos crús de tartaruga, tracajá, gaivota, misturados com farinha dagua e assucar. E' um acepipe muito usado nas viagens da Planicie amazonica. Salta-se nas praias, colhem-se os ovos nas cóvas, e a refeição, forte, substancial, está feita. E' o mujanguê.

Mulambo — Trapo molhado. Em sentido figurado: sem firmeza. Sujeito que diz amém a tudo, que concorda sempre, que profere sim e não sobre o mesmo motivo. Mulambo de gente.

Mundé — L. G. Armadilha de madeira para apanhar caça, principalmente graúda. Feito de tronco ou taboa suspensa numa das extremidades, o chamariz está ligado a um apparelho que desprende a peça principal, pesada, e que esmaga o quadrupede ou ave que o toca.

Mundurucania — Paiz dos Mundurucús. Região do guaraná. Terra em que vivia a grande tribu selvagem dos Mundurucús, que foram os indios tidos por fidalgos das selvas, taes os seus attributos de caracter e dignidade. E' um dos trechos da planura amazonica de um raro futuro pela fecundidade de sua gleba, virgindade de suas mattas, riqueza de sua fauna. O grande indice de tudo isso são os japonezes, que já estão lá installados com uma prospera colonia.

Mungubeira — ("Bombax munguba") — Arvore vargeira, porte mediano, da familia das bombaceas. Em certos mezes do anno perde as folhas, de sorte a parecer, ao cair dos nevoeiros, uma arvore europeia sob a neve. Sua paina, crême, brota dentro de grandes capsulas rôxas.

Munguzá — Mingau de milho branco feito com leite de castanha ou de côco.

Mupicar — Remar ligeiro, miudinho, accelerado. Mupica essa remada, parente. Tambem se emprega no sentido de marcar o caminho na floresta, quebrando ramos na passagem para orientar a volta.

Murerú — Nimpheácea que erra de bubuia nos lagos. Tem a fórma de uma campanula. No estuario chamam-n'a de mururé. E' um dos alimentos do peixe-boi.

Murucututú — ("Athene torquata") — Ave nocturna, agoirenta, com que as amas amedrontam as crianças cantando ao

fazel-as dormir. Vive nas mattas proximas aos lagos e igarapés. E' uma subdivindade da mythologia aborigene na Amazonia.

Murucy — ("Byrsonima") — Além dos fructos, que são excellentes, proprios para compotas e doces em pasta, a sua casca dá uma tinta castanho-vermelha com que a nossa gente tinge as suas velas afim do caruncho não dar no panno. Até mesmo a roupa dos curumins e dos vaqueiros, impregnada dessa tinta, resiste mais. Ha um ditado: "Já é tempo de murucy, cada um cuide em si".

Mururé — ("Brosimopsis acutifolia") — Arvore donde se extráe o mercurio vegetal.

Mussú — ("Symbranchus marmoratus"). Da familia das enguias dagua doce, tem o aspecto de cobra. E' primo do puraqué e cunhado da trahira m'boia que é, na escala evolutiva do grupo, apesar de não ser o maior, o mais adiantado porque, além das guelras, já tem pulmões. A carne do mussú é magnifica, parecida á das lampreias, constituindo pois um excellente prato na mesa da Planicie amazonica. Vivendo na cabeceira dos igarapés, nos igapós, nos aguaçaes, elle, de vez em quando, nos faz uma surpresa agradavel deixando-se içar no balde dagua potavel do poço de certas vivendas que ainda usam a cisterna domestica dos tempos coloniaes. Como foi ter alli o mussú? Nas asas do vento? No estomago ou costa do sapo? Nas garras do gavião? Ainda em ovulo ou já desenvolvido? Ninguem sabe. Entretanto elle está só no poço, sem mãe, nem pae, nem irmãos. O facto é que, de vez em quando, a nossa cosinheira, entre alarmada e alegre, annuncia: "Um mussú, patroa, gordo que faz gosto, benza-o Deus". E zás! panella com elle.

Mussuan — ("Cinosternum scorpiodes") — E' o chelonio preferido nas comesainas festivas da Planicie. Pequenino, pre-

param-lhe a carne na propria carapaça, que, depois de ir ao forno com o picado dentro, tem o nome de casquinho de mussuan. Vive nos lagos pouco profundos e em terra, quando elles seccam. Caçam-n'o a fogo no verão.

Mussurana — ("Rhachidelus Bras") — Mussú falso. Cobra sem veneno que, depois de luctar com as venenosas, as mata infalivelmente. Parece uma alliada do homem. E' escura, lisa e lustrosa. Os zoologos bem informados da fauna brasileira recommendam aos caçadores que não n'a matem, tão util ella nos é.

Mutá — Palanque no tronco das arvores onde o caçador espera a embiara, peixe ou caça, para frechal-a.

Mutum — Passaro negro, do tamanho dum perú, bico encarnado, come prego, dedal, chifre, aneis, o que encontra. Ha varias especies. O mutum-poranga ("Crax alector"), o mutum vulgar ("Crax carunculata"), o mutum fava, o mutum cavallo ("ourax mitu") e o mutum-pinima.

Muyracuruçá — L. G. Rosario.

Naco — Pedaço de carne. Bocado. Deixa ver um naco do assado. Só um naco, churrasco está muito gordo.

Nadinha — Instante. Momento. Espere um pouco, seu José, que eu já vou. E' um nadinha. Demorei? Não. Foi um nadinha.

Namasque — Não mais que. Sem mais que. Expressão que traduz a palavra — **regularmente** — ou a phrase — **sem maior novidade** — Vou indo namasque. Na fórma do costume. Namasque.

Nambi — L. G. Orelha.

Nascida — Pequeno tumor que dá nas crianças. Furunculo. Caçula do compadre está coberto de nascidas. Nunca vi tanta nascida assim. E' o leite da ama que é ruim. Pobre da criança, ficou pintada de nascidas.

Navegação — Gaiola. Navio. Lancha. E' como o seringueiro nordestino, no occidente da Planicie, chama a qual-

quer transporte a vapor. Ha ahi um profundo equivoco entre a arte de navegar e o principal instrumento dessa arte, que é a embarcação. Sente-se que elle confunde o abstracto com o concreto. Applicando impropriamente o termo navegação, mostra o seu alheiamento das cousas marinhas, e justifica a anecdota que lhe attribue a phrase espantada de quando viu pela primeira vez o Atlantico: ó marzão besta! Anno desgracionado este, compadre, não chega navegação. Tem uma navegação encalhada nos torrões do Bagaço. Salão do Arapixy está esperando aquella navegação que vae alli cachimbando preto. Que navegação de apito mais grosso. Até parece besouro. Voote! O caboclo nativo do Baixo Amazonas chama, a qualquer especie de navio, vapor. Ainda não passou vapor da linha, será? Vapor businou longe, gente. E' lenha que elle vae receber em casa do compadre Macambira. Vapor de apito fanhoso. Parece carapanã.

Negrada — Rapaziada. Termo de giria que significa turma, grupo, farandula. A negrada vae toda ao pic-nic. Negrada valente, a guarnição do Ruder-Club. A negrada do meu **team** é batuta.

Nevoeiros — Produzidos pela evaporação, quando os rios principiam a seccar, apparecem nos tributarios do Amazonas, de maio em deante, espessos nevoeiros que envolvem a terra toda. Rios e florestas ficam invisiveis. São mais fortes com o luar. E' o melhor signal da vasante, pois emquanto o rio enche elle não se manifesta. Não existem na corda mater do Amazonas, se bem que nos mezes de verão duro surjam de noite nos estreitos de Breves, forçando os paquetes a ancorar e esperar pelo dia.

Nhá — L. G. Senhora.

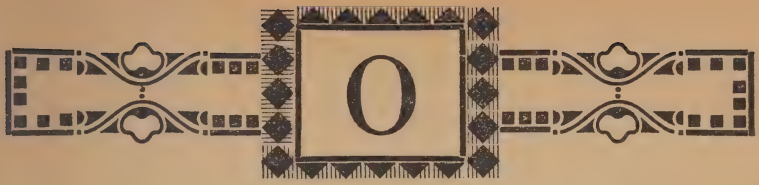
Nheengaiba — Tribu indigena que viveu nos arredores do lago Arary, em Marajó. Os naturalistas, em virtude desse povo fazer cemiterio em terreno artificial, designaram-n'o por **mound-builders.** Eximios ceramistas, a louça exhumada do sarcophago do Pacoval é uma verdadeira maravilha no contorno e na decoração. E como era á mulher indigena que competia o serviço de oleira, verifica-se que ha millenios a nossa archiavó tapuia marajoára já possuia tal sentido esthetico, tal noção de belleza, que lhe dá o direito de mestra admiravel de artes plasticas. Foi, sem contestação, uma grande artista, a quem devemos levantar uma estatua que lhe eternize a figura no bronze. E' a maior brasileira pre-historica. Ha quem diga terem sido os aruans e não os nheengahibas os povoadores desse trecho de Marajó, quando, na verdade, os aruans viviam mais para o norte, de Chaves para o septentrião. Uma das duas tribus, no emtanto, povoou a região. Não tomamos partido por esta ou aquella.

Nheengatú — L. G. Lingua bôa.

Nhuretama — L. G. Região dos campos.

Nimbaba — L. G. Manso. Domesticado.

Nódoa — Mancha indelevel produzida pelo succo de certos fructos, pela seiva de alguns paus. O pingo do cajú é nódoa; a essencia do caroço do abacate é nódoa; a agua da bananeira é nódoa. Você está com uma nódoa de cajú na saia, comadre. Fui chupar cajú na casa do coronel, fiquei cheia de nódoas. Agora só para o anno, quando o cajueiro florir de novo, é que a mancha desapparece.



Obidos — Cidade paraense. Demora numa collina á margem esquerda do Amazonas, exactamente no ponto mais apertado e mais profundo da formidavel arteria que Elysée Reclus chamou de gloria do planeta. No tempo do verão, quando se navega por fóra dos paranás, quem vem de baixo (léste), vê Obidos de longe subindo, como um presepe, a encosta verde da terra alta. Tem uma fortaleza junto, na serra da Escama, e é o berço de José Verissimo e Inglez de Souza.

Oicê — L. G. Oito.

Oicepê — L. G. Nove.

Orelha de burro — ("Oncidium lanceanum") — Parasita da familia das orchideas. Vive pela forquilha das grandes arvores, nos bosques, sobretudo nos da terra-firme. O nome typico vem-lhe das folhas grossas, verdes, recortadas em orelhas de burro. As flores dessa planta silvestre e aérea têm um colorido cróceo, que provém dum fundo amarelado com pintas escuras. Desabotôa em espigões que parecem cachos com dezenas de campainhas. De perfume delicado, as flores duram mais de 25 dias.

Ornamentação — Frederico Hartt falando sobre a origem da arte e da ornamentação da marajoára diz, textualmente, o seguinte: "A artista india sabia bem a arte de modelar e era perita na ornamentação por meio de linhas simples, mas não se tinha adiantado na arte do desenho imitativo. Nenhuma folha, flôr ou fructo é representado na louça antiga do Amazonas ou em relêvo ou sobre superficie plana. Parece singular que, habitando uma região em que o reino vegetal offerece tantas fórmas bellas, a artista não escolhesse nenhuma destas para a ornamentação".

Ourana — Arvoreta do Baixo Amazonas, em fórma de chorão, aspecto de cypreste, chama-se "Salix Martiana Leyb"; a do Alto, lembrando o araçá bravo, o salgueiro, ("Salix homboldtiana"). Nos defluentes do Amazonas, estreitos, de voltas repidas e onde a cada momento os navios desgovernam, serve de almofada aos gaiolas, que, em vez de se chocarem com as grandes arvores das margens, adormecem a guinada de encontro á ourana, verdadeiro colchão vegetal.

Ova — E' o nome generico dos ovulos de peixe. Ova de tainha, muito abundante, é um alimento precioso. Sêcca ao sol e, depois de assada ou frita, faz parte das melhores mesas.

Paca — ("Cœlogenys paca") — Roedor sem rabo, chega a 70 centimetros. E' uma das caças mais apreciadas do valle. Abundante na floresta, gosta muito dos buracos de pau e das galerias no sólo. Penetra nos formigueiros de saúva e ha mesmo a lenda de que ella vive, com a surucucú, no ôco dos paus. Anda de noite, que é quando busca o alimento constituido de fructos.

Pagé — Feiticeiro indigena. Tambem é o sacerdote da malóca. Cura o corpo e a alma. Receita a pussanga e a resa. Com o maracá e a planta elle conversa com os espiritos e restabelece os enfermos. Nas tribus selvagens, mantem um poder soberano. Já meio civilizado, ambulante pelos villorios e cidades, a sua therapeutica e os seus agoiros são suspeitos, ridiculos, troçados.

Palerma — Idiota. Atoleimado. Cretino. Mas que sujeito palerma. Disque foi coisafeita que elle bebeu dada pela Faustina do Janauary. Era um homem e tanto antes disso. Até ia ser professor. Mas a mulher começou a botar mais isto e mais aquillo no café, no assahy, no mingau delle, até que o pobre ficou nesse estado.

Palito — Phosphoro. A população nativa do interior da Amazonia não chama phosphoro nem á mão de Deus Padre, é palito. Gente querem ver que me esqueci do palito? Curumin, vae na taberna comprar uma caixa de palitos. Risque logo um palito, seu Jeronymo. Credo, como 'stá escura a sala! Oh Benedicto, accende ahi um palito! Parece breu.

Pamonha — Bolo de farinha de arroz ou milho com assucar e sal, enrolado em palha. Tambem chamam pamonha ao sujeito molle, sem iniciativa, preguiçoso. Mas que pamonha. Não faz nada. E' só de bocca aberta, sentado, comendo. Vá ser pamonha, assim, no inferno.

Panacú — Cesto conico de talas no qual se conduzem roupas e objectos durante as viajens. Arruma o panacú p'ra esta noite. Largaremos com o romper da lua. Não esquece tabaco migado no panacú gito.

Pancada — Maluco. Desequilibrado. Que tem parafuso frouxo, aduela de menos, macaquinho no sotão. Não brinca com esse sujeito que elle é pancada. De vez em quando vira cobra. Não quero negocio com gente pancada.

Paneiro — Cesto muito commum na Amazonia, de grandes olhos, feito de talas de palmeira, onde se acondiciona, depois de forrado interiormente com a palha de ubim, a farinha dagua. Ha de varias medidas: meia quarta, uma quarta, meio alqueire, um alqueire. Este regula, em média, 30 litros ou 30 kilos.

Panema — Desditoso. Inutil. Que não encontra caça nem peixe. Caipora. Desde que eu botei os olhos naquelle sujeito, D. Florencia, que nunca mais vi um papagaio, uma

tartaruga, um macaco. Fiquei panema, panema. Parece que elle espalha urucubaca da miudinha. Disque casa delle é só coruja, gavião, lagarto, matinta-perera, murucututú. Se defume, meu bem, com arruda e pega-não-me-larga. Espanta tudo.

Papagaio — Brinquedo feito de talas e papel, com rabo de panno, que os meninos empinam preso ao barbante ou linha. Nos dias de verão, quando sopram os aliseos, o ceu da Planicie fica pintado de papagaios de todos os tamanhos e feitios. Fazem-n'os tambem redondos e chamam-n'os arraias. Guerream-se e luctam no ar. Alguns levam laminas de vidro na cauda para cortar a linha do adversario quando quer dar o golpe chamado **moquear**, isto é, colher o outro pelo rabo.

Papaná — L. G. Borboleta.

Papery — Pequeno abrigo, feito na matta e na borda dos rios, de algumas folhas de palmeira. Casota improvisada para ligeira defesa da chuva e do sol; ha muita gente no Amazonas, principalmente o nordestino que, estropiando a pronuncia, chama **tapery**, em desaccordo com os velhos cablocos do baixo Amazonas, guardas fieis da lingua geral e de seus dialectos. Ninguem, de Manáos para o jusante, ouve, entre pessoas radicadas ao solo, e, pois, affeitas ao falar correntio, senão **papery**. **Tapery** deve ser uma corruptela, derivada certamente da supposição que o vocabulo venha de tapéra, **casa velha**, o que seria absurdo ao se tratar de uma casota recente e que não dura um anno.

Papoula — ("Hibiscus rosa sinensis") — Planta arbustiva com lindas flôres de varias tintas. As mais bonitas são as encarnadas, sangue vivo, em fórma de grandes campainhas.

Plantadas aqui, alli, nos gramados, picam o verde de vermelho e dão um pittoresco original á **pelouse**.

Pará — L. G. Mar.

Parajurú — L. G. Estreito. Furo.

Paraná — Braço de rio, com saída pelo montante e pelo jusante no mesmo rio, constituido em geral por uma ilha encostada a uma das margens continentaes da bacia. Tambem ha paranás rasgados entre ilhas, como, por exemplo, os do Marimarituba, Amador e Maracauassú. A navegação na Amazonia, tanto quanto possivel, é feita dentro dos paranás, por dois motivos: 1.°, porque encurta a distancia, em virtude delles se acharem na parte convexa das voltas; 2.°, porque ahi a agua corre menos. Arredios, pela natureza da sua posição geographica, da linha profunda do canal, são quasi sempre innavegaveis de verão.

Paranamiry — E' o mesmo paraná, se bem que mais estreito e sinuoso. Succede até que certos paranamirys são mais extensos que os verdadeiros paranás. Apenas pela diminuta largura e pelas voltas vivas, proprios pois á navegação miuda, de lanchas e gaiolas, vinga a designação diminutiva.

Paranapucú — L. G. Braço de mar.

Pardavasco — Mulato mettido a branco. Aquillo é um pardavasco de 18 kilates. Sujeito com todos os estigmas do **afer** e que só leva dizendo que é apenasmente moreno. Meu noivo é branco-moreno. Dizem que elle é preto, mas por inveja, por ciume...

Paresque — Parece que. Revela duvida, se bem que não seja ironica. Paresque elle desta vez embarca. Mais usada no fim da phrase: O navio passou esta noite, paresque. Está chovendo no roçado delle, paresque.

Paróla — Contador de historias. Falador. Você não passa dum paróla.

Parte — Modo. Maneira. Exigencia. Deixa de parte p'ra meu lado. Só vives com partes. Isto é parte delle. Estou farto de parte. Leva este menino que só vive fazendo parte.

Pary — Panno de talas e varas com que se constroe o cacury, que é uma especie de tapagem armada nas praias e onde o peixe que desce ou sobe a margem esbarra, resvala, procurando o fundo e cae no sacco do cacury.

Passagem — Termo por que os navegantes da Amazonia designam certos pontos difficeis na derrota. Passagem de pedras. Passagem de bancos. Passagem de páus. A passagem mais rasa entre Belem e Manáos é o Furo Grande, no estreito do Boiussú, archipelago de Breves. A passagem mais profunda é Obidos, garganta do Amazonas. A passagem de pedras mais perigosa, nas grandes vasantes, é a do Puraquécoara, tambem conhecida por Morona. Tem um pharol e está balisada com duas pyramides de cimento sobre cabeços de pedra. Demora a jusante de Manáos duas horas.

Passóca — E' a amendoa da castanha assada e socada num pilão com farinha dagua, sal e assucar. Reduzido tudo a pequeninos grãos, impregnada a farinha de oleo e assucar, está feita a passóca, que é vendida em cartuchos de papel nas cidades. Em geral é preparada com a castanha commum,

bertholletia excelsa, mas ha quem faça da sapucaia, e até mesmo da castanha de cajú.

Patauá — ("Oenocarpus pataua Mart."). — Palmeira. O vinho do fructo, grosso, parece chocolate, se bem tenha a côr creme-laranja. Muito oleoso.

Patchuli — ("Andropogon squarrosus") — A raiz desta herva, fina como um cipó, produz um perfume agradavel. Com ella fazem-se ventarolas, pastas e bolsas para guardar lenços, camisas, roupa branca.

Patranha — Mentira. Boato falso. E' tanta patranha agora que a gente não sabe de que freguezia é. Isso é patranha. Disque vem ahi a 3.ª Republica, meu bem? Sei lá! O tempo é de patranha.

Patury — ("Heliornis fulica") — Patinho d'agua.

Pau á tôa — Classificação de que se serve o caboclo para designar certos vegetaes de que elle não sabe o nome. Maneira de desapertar p'ra esquerda. Que arvore é aquella, seu Sizenando? Pau á tôa. E aquella outra? Tambem. E aquella, lá ao longe? Igualmente. Então aqui é só pau á tôa? Quasi só.

Paumarys — Tribu indigena que habita as margens do rio Purús. Soffre de molestia do figado, tendo a epiderme, principalmente nas partes expostas á luz, toda manchada de placas cinzentas, quasi azuladas. São talvez os selvagens mais degradados do valle. Não plantam, não criam, não têm industria. De verão, vivem nas praias ribeirinhas do rio comendo ovos de gaivota, camaleão e tartaruga. De inverno, sobre rusticas jangadas de madeira com ligeiros paperys por mora-

dias, internam-se nos lagos onde se alimentam de peixe. E' uma raça aborigene vencida e quasi extincta.

Pavão — ("Eurypyga solaris") — Papa moscas e tem um movimento no corpo, sobre as pernas fixas, que dá idéa de estar dançando um minuete. Quando vê um insecto, fixa-o de tal modo que parece hypnotisal-o. Depois, com rapida e certeira bicada, devora-o. Rajado de preto e branco, sua vida é comer moscas.

Pávulo — Gabola. Fanfarrão. Pedante. Que se vangloria de amores, de valentias. Mas que sujeito pávulo. Mulher nem olha p'ra elle e é aquella gabolice. Apanhou como cachorro e anda com pavulagem, bancando o heróe.

Paxicá — Guisado do figado da tartaruga. Cortam essa viscera em quadradinhos do tamanho de dados e guisam-n'a numa caçarola. E' um dos mais finos pratos do magnifico **boi do Amazonas**; muito oleoso, porém.

Paxiúba — ("Iriartea exorrhiza") — Palmeira donde se extráem fibras textis e taboado em fórma de ripas, que servem para soalho de casa e de ponte, revestimento de paredes, etc. As raizes, sobre as quaes assenta o tronco, parecem um feixe de espingardas ensarilhadas.

Payquicé — Corta cabeça. Degolador. Appellido por que era conhecido o mundurucú, indio que no ardor da peleja cortava a cabeça do inimigo para depois fazer della um tropheu e espetal-a numa vara, junto da malóca. Estudado, no entanto, esse typo de selvagem pelos naturalistas, ficou apurado que, apesar deste processo barbaro, nenhum indigena possuia mais nobreza e fidalguia, mais caracter e sensibilidade que o mundurucú. Não atacava sem avisar o inimigo, e, depois da

peleja, adoptava as crianças. Seus trabalhos artisticos em pedra, argila e fibras, são notaveis.

Peconha — Circulo de enviras que os apanhadores de assahy mettem nos pés para se firmarem nos caules e subirem com segurança ás arvores de tronco fino.

Pé d'agua — Chuva grossa. Apanhei um pé d'agua no caminho que estou como um pinto, todo molhado.

Pé de chumbo — Alcunha antiga dada ao portuguez. Tambem chamavam calcanhar de frigideira.

Pé de pato — Demonio. Espirito maligno. Gente, parece que o Pé de Pato se metteu na casa do compadre? Lá ninguem se entende. E' um bate-bocca da nossa morte.

Pé de vento — Trovoada sêcca. Corrente aérea subita, imprevista, que surprehende o navegante, virando-lhe a canôa, rompendo-lhe a vela, lavantando em tromba as areias da praia.

Pedrahumecaá — ("Myrcia ou Eugenia") — Planta arbustiva das praias enxutas. E' muito procurada a de Parintins, excellente contra a diabetes. Empregam-n'a fazendo chá das folhas.

Pedro de Ursúa — Explorador hespanhol que desceu o Amazonas, de Lima á ilha Margarida (1560). Governador no Perú, fidalgo de Castella, a sua viagem constituiu a maior tragedia que já se escreveu sobre as aguas barrentas do Rio-Mar. Buscava o aventureiro os thesouros encantados do Eldorado. Elle proprio, soberano daquelle reino ambulante, pereceu victima, com outros companheiros, de Pedro de Aguirre, mem-

bro da mesma expedição, que lhe tomou o commando da frota. Vinte e tantas embarcações miseraveis, sem conforto, remadas por indios, representavam aquelle triste reino em marcha. Traziam, quando largaram do Perú, carta de prego para o Inferno. Até a amante de Ursúa, como se fizesse parte dos despojos, passou ás mãos do usurpador que, por fim, foi morto nas Antilhas.

Peito de forno — E' o picado da tartaruga temperado com limão, sal e pimenta, espalhado no proprio peito, recoberto com uma leve camada de farinha d'agua bem fina, passada numa gurupena de crivo miudo, e levado ao forno. Serve-se na mesa, mesmo nas cidades, onde as familias já têm habitos apurados, assim, ao natural, como saíu do forno.

Peixão — Mulher bonita, gordota. Você viu, compadre, na saída da igreja, aquelle peixão? Cabocla de verdade, chega a estar roliça. Aquillo é de comer tambaqui e beber assahy. Se não estou em erro, é da outra banda. Já dancei com ella no Janauary. E' só priprioca e jasmim. Foi compadre Julinho que me apresentou esse peixão numa noite em que a corôa do Divino pernoitou no sitio do senador Silverio.

Pelle — Nome por que é conhecida a bola de borracha, vinda dos seringaes. Algumas chegam a pesar 50 e 100 kilos. O conhecimento de bordo, os manifestos, os despachos registam pelles de borracha, como se a mercadoria fosse couro dalgum animal.

Pequena — Namorada. Hoje só danço com a minha pequena. A pequena ficou assada commigo por causa da flôr que eu dei p'ra outra. Está como uma cobra. Que pequena sapéca.

Pequetito — Pequenino. Que mosquito é este? Maruim. Como é pequetito.

Perau — L. G. Caminho falso. Grande profundidade junto dos taludes, á beira dos barrancos. Sumidouro, fojo. Vem do tupi **pyráu** (onde falta o pé). Depressão funda, ignorada do leito.

Percevejo — ("Canorhinus vestitus") — E' a especie, segundo Wappaeus, mais hemophila. Ha o percevejo domestico e o percevejo do matto. Este mais sugador, aquelle mais fedorento.

Pereba — Feridinha, sarna, erupção herpetica.

Periantan — L. G. Ilha fluctuante de canarana que desce á flôr dagua na corrente. Chamam-n'a erradamente de barranco as pessoas que não são da Planicie.

Periquito — Nó. Laço que se faz com o proprio cabello no alto da cabeça das crianças. Faz um periquito nesse menino. Está com as madeixas todas atrapalhadas, é melhor fazer um periquito. Tambem se chamam de periquito os dois nós extremos feitos na mortalha dos defunctos indigentes, nos sambenitos.

Perlenga — Discurso. Falatorio. Parlenda. Palavriado. Que perlenga pau. Eu já estava dorme não dorme. A perlenga daquelle sujeito é peor que dormideira.

Pernostico — Paroleiro. Que fala difficil. Que emprega palavras scientificas sem quê nem p'ra quê.

Pescada — E' um dos peixes mais estimados da Amazonia. Manjar de casa rica e de doente. Do palacio e do hospital, por ser fina e inoffensiva. A branca ("Sciaena amazonica"), é a mais procurada. A preta ("Plagioscion auratus), não é tão abundante quanto a primeira. Nada de comida pesada, está ouvindo? Pescadinha branca, em agua e sal, ou grelhada, até que lhe voltem as forças.

Pescoção — Tabefe. Dei quatro pescoções naquelle caraolho que elle viu estrellinhas.

Peyê — L. G. Dez.

Phosphoro — Falso eleitor. Voto fraudulento. Disque eleitorado delle é só de almas. No dia da eleição vae todo o cemiterio da Saudade. Lembra o dia de Juiso Final. E' um partido de defunctos. Na hora de votar, os mesarios, de olho no padre e olho na missa, é só no pelo signal e resando baixo o creio em Deus Padre. Apparece cada pedaço bem criado de phantasma chocalhando os ossos ao metter a cedula na bocca da urna, que até tira a fala dos demais. A unica vantagem é que é gente firme, não trahe nunca. Só vota com o coronel, e mais, quando elle está por cima. Subiu agora p'ra 200 reis. E' por causa da Constituinte. Até parece café com musica.

Piassaba — ("Leopoldinia piassava"). — Palmeira. Dá uma fibra arroxeada que lembra a cerda do porco. Della fazem-se cabos, cordas, espias, viradouros, escovas, vassouras. Abunda no rio Negro.

Picada — Vereda aberta a facão. Caminho no meio da floresta que mal dá passagem para uma pessoa. Estou abrindo uma picada que vae da minha estrada de seringa á estrada do

compadre Malaquias. Vi hoje uma picada na matta. Aquillo é peruano que anda atraz de caucho.

Pichana — L. G. Gato.

Picota — Gallinha d'Angola. No sul chamam-n'a capote. Geralmente pedrez. Criada nos sitios da Amazonia, ao ar livre, fica rustica e com habitos silvestres. Põe os ovos fóra de casa, no matto, em densas capoeiras onde é difficil penetrar. Desapparece na volta dum mez. E quando regressa é com a ninhada de picotinhos. Vem bicando, ciscando, cantando. Os jacamins mansos do terreiro, amigos de pinto, saudam-n'a com esturros ventriloquos, agachando-se, de asas abertas. Cumprimento que a picota responde, no caracter de mãe que está criando muitos filhos, com esta queixa: 'stou fraco! 'stou fraco! 'stou fraco! E está fraca mesmo. Perto dum mez no choco...

Picuá — L. G. Cesto, sacco, balaio onde se guardam objectos domesticos. Tambem se usa na accepção de mobilia. Arruma os picuás, minha gente, e vamos embora.

Picuman — L. G. Penduricalho de fuligem nas chaminés em fórma de bambinelas.

Pilão — Gral de madeira de lei feito dum tronco de amago de arvore cylindrico e cintado, de 6 palos de alto. A parte de cima é escavada, de fórma a poder a mão de pilão esmagar e triturar o milho, o café, o guaraná, o peixe e a carne sêcca. Socar no pilão é esfarinhar, reduzir a pó tudo que lá se mette.

Pilula — Palavra interjectiva da giria popular. Ora, pilula! Que pilula! Pilula, já não aguento esta massada.

Pimenta — ("Capsicum") — Ha uma grande variedade na Amazonia. A mais estimada é a malagueta ("Capsicum pendulum"), de um e meio centimetro de comprido, fusiforme, vermelha. Come-se ainda a de cheiro, a olho de peixe, a murupi, a mata frade, e muitas outras. Tambem existem os pimentões ("Capsicum annuum"), grossos, verdes, proprios para serem recheiados.

Pincho — Jogo de dinheiro entre crianças. Collocam um caroço de tucumam ou uma bola de chumbo a seis passos, e cada um, entre dois, tres, quatro parceiros, faz pontaria com uma moeda de cobre ou nickel. O que tiver melhor pontaria colloca todas as moedas de cara, numa ruma, e bate com a bola. As que voltarem a corôa para cima são ganhas. Se restarem algumas, dá segunda pancada. Sobrando ainda, o segundo parceiro faz a mesma cousa. Liquidado isto, principiam de novo. Disque tú estavas jogando o pincho, Quincas? Ainda mando soldado te pegar. E' mentira, mamãe.

Pindorama — Paiz das Palmeiras. E' como chamam ao Brasil as raças ando-peruanas e pampeanas, isto é, as gentes das cordilheiras e das savanas. O coração do Pindorama, se tomarmos em conta o povo botanico de **Déa Palmaris**, é a Amazonia, sobretudo o oriente da Planicie, nesse verdejante estuario onde tudo é leque verde, pluma verde, palma verde, ventarola verde, flabello verde.

Pindahiba — Quebradeira. Sem dinheiro. Ando numa burra pindahiba. A pindahiba é geral, minha gente. Parece que o dinheiro fugiu. Na lingua geral pindahiba significa outra cousa: é caniço, vara de anzol.

Pinho — Violão. O pinho fala na mão do Jeronymo. Que bicho damnado no pinho. Aquelle pinho é de verdade.

Pinicar — Bicar. Beliscar. Tocar de leve. A garça quiz me pinicar, mamãe. Não me pinique, seu atrevido. Está muito doente, mal come, só pinicazinho um peixinho, um franguinho, uma papinha.

Pinoia — Imprestavel. Sem valor. Este relogio é uma pinoia: não trabalha. Mas que pinoia é esta? E' um realejo velho. Você só compra pinoia, meu bem.

Pipóca — Milho estalado ao fogo para comer. Colloca-se o bago de milho na cinza, junto á chamma do fogão, e elle estala, virando a massa do avêsso.

Piquiá — ("Caryocar villosum") — Vive nas terras altas. E' uma das maiores arvores da Planicie. Alguns troncos medem cinco metros de diametro. Madeira de lei, os fructos oleosos, cosidos, são muito apreciados.

Pira — Sarna que ataca os animaes. Doença de pelle commum aos cães e gatos. Cachorro pirento. Que preto russo, tuira; aquillo é pira...

Piracema — Cardume de peixe que sáe dos lagos no tempo das cheias e sobe o rio para a desóva annual. A agua reflecte esse phenomeno ficando toda agitada na superficie, como se um navio tivesse passado. Em geral o facto occorre na cheia, pela beirada dos rios, quando os moradores das margens, com paneiros, tarrafas, serapilheiras, frechas enchem canôas e canôas de piramutabas, mandihys, pacús e outros peixes. O som confuso que essa multidão ichythiologica provoca, parece vir de longe.

Piracuhy — Farinha de peixe. Depois de seccar bem a carne do pirarucú, tambaqui, pirapitinga, ao moquem, socam-

n'a em pilão de madeira até reduzil-a a farinha. Tal processo faz conservar por muito tempo esse alimento, proprio para a matalotagem dos viajantes, caçadores, pescadores. Facil de conduzir num pequeno jamachy, o piracuhy é dos alimentos do indio o mais commum e sadio.

Pirahem — L. G. Peixe secco.

Pirahiba — ("Piratinga pirá-aiba") — Peixe de pelle, é, ainda, o maior da Amazonia. Chega a tres metros de comprimento, engulindo um homem. Vive nos grandes rios e bahias. De vez em quando salta fóra dagua quasi a prumo. O caboclo conhece, pelo salto da pirahiba, se o rio enche ou vasa. Quando ella pula para o montante, enche; para o jusante, vasa. Mal vista a sua carne, que aliás é saborosa, pela gente rica, só as classes menos abastadas das cidades da Amazonia a comem. No entanto os medicos americanos, do Hospital da Candelaria, acima de Porto Velho, no rio Madeira, preferem-n'a a qualquer peixe, mesmo á pescada, na alimentação dos doentes. O caso se torna mais singular, porque alguns desses medicos eram verdadeiras summidades no mundo scientifico.

Piramutaba — ("Platystoma Vaillantii") — Peixe de pelle, de tres palmos, que nem é muito procurado nem muito despresado. E' comida de pobre. No Baixo Amazonas, no tempo da desóva, maio e junho, os cardumes sobem estrondando pela margem do rio. Nas bahias de Marajó, do Sol, de Collares, estuario do Tocantins, é abundante e pescado a espinhel.

Piranha — ("Serrasalmo") — Ha branca, vermelha e preta. De escama, quasi redonda, como um disco, vive em cardume, prompta a devorar a presa, seja embora um grande animal, como boi ou cavallo. O ponto é haver um rasgão no couro do

bicho ou na pelle do homem ao atravessar um rio ou laguna. Voracissima, como o tigre, não póde ver carne ou sangue. E' mesmo conhecida, por esses caracteres ferozes, como o tigre dagua.

Pirão — Farinha dagua misturada com caldo de peixe ou carne para servir de pão.

Pirapanem — L. G. Estrella dalva. Piloto da manhã no céo.

Pirapitinga — ("Chalceus opalinus") — Peixe branco, na traducção indigena. Apesar de ter muita espinha, é um prato delicado. De meio metro de comprido, no tempo da desóva sobe em piracemas, estrondando nas margens do Amazonas rio acima.

Pirarára — ("Silurus pirarára") — Peixe de pelle dos rios. Malhada de preto, branco e vermelho, a sua gordura é tida como de muito valor na pagelança domestica. Fomente elle, comadre, com manteiga de pirarára. E' tiro e quéda. Mano Chico 'stava assim. Pois com dois fomentos foi roçar. A gordura é applicada ainda com grande exito nos papagaios e periquitos. Obrigam esses trepadores a engulir nacos de carne da pirarára para lhes transformar o colorido da plumagem. De verdes, ficam todos malhados de encarnado. Gente, como o louro tá differente... Foi manteiga de pirarára, nhá Zefa.

Pirarucú — ("Sudis gigas") — Um dos grandes peixes da Amazonia. De escamas vermelhas, donde lhe vem o nome, é conhecido por bacalhau da Amazonia. Chega a pesar cem kilos. Fresco ou salgado é magnifico. A ventrecha é um petisco. A cabeça moqueada — deliciosa. As peças sêccas ao sol chamam-se postas e tambem mantas. Pescam-n'o de fre-

cha, arpão e rêde. A lingua sêcca é uma grosa onde se ralam guaraná, madeira, tuberculos. As escamas servem de lixa. Choca os ovos nas guelras e cria os filhos sob os operculos. A **salga** do pirarucú nos lagos é muito interessante, reveladora de habitos, costumes, intelligencia do caboclo. Tem um pulmão, como o aruanã, por isso respira á tona.

Piririca — Enrugamento, tremor da agua quando passa um cardume de peixe. Escamoso, como lixa. Pelle piririca, irritada.

Piroca — Calvo, careca. Pellado. Cabeça de recem-nascido. Criança piroca.

Pirysal — Terreno baixo, humido, recoberto de gramineas. Brejo. Charco. A tabúa, conhecida por ("Cypereus giganteus") no mundo scientifico, é o principal elemento vegetal desses trechos alagadiços.

Pitinga — Claro, branco. Cuia pitinga. Jacarétinga, urubútinga.

Pitiú — ("Podoenemis unifilis") — Pequenina tartaruga, peito branco, casco bruno. Vive nos lagos e igarapés. Desóva nas praias, onde é apanhada. Delicada, morre de subito quando fóra do seu ambiente. Cheiro de peixe. Máo cheiro, fétido.

Pitorra — Pequeno. Socadote. Quem é este pitorra? Segura aqui o meu pitorra. Aquelle pitorra me parece que é filho do compadre Simplicio.

Pium — ("Simuliuim") — Abundante nos altos rios. Tem a fórma dum bicho de milho, porém menor. Só vôa de dia,

mas obriga as populações a usarem um capuz de panno na cabeça, piuneiro. Tão irritante é a sua picada, que muitas vezes, de tanto coçar, se abre em chaga. Ha logares, no Purús e no Juruá onde, para lêr e comer, é necessario estar em baixo dum grande mosquiteiro.

Piuneiro — Capuz de panno que se usa nos altos rios para evitar a ferretoada do pium nas orelhas, na face, no pescoço, na testa. Coberta assim a cabeça até aos hombros, só apparecem os olhos, o nariz e a bocca. A picada do pium deixa um signal que, depois de alguns dias, fica preto, quando não inflamma transformando-se numa ferida.

Pixain — L. G. Emmaranhado. Cabello de preto. Crespo. Embaraçado. Que negro mettido a sebo, hein, seu Alcides? Carapinha delle parece pimenta do reino; tão retorcida e fechada que lembra capoeira de roça. E' pixain p'ra burro.

Pixé — L. G. Nauseabundo. Mau cheiro. Que preto damnado p'ra tresandar a pixé! Elle não toma banho e só muda as meias no sabbado. E' por isso, então?...

Piza — Sóva, surra, tunda. Dei-lhe uma piza que o deixei a sal e vinagre. Tú queres é uma piza...

Poção — Logar nas Ilhas de Dentro (Furos de Breves) onde desemboccam varios canaes. Claros redondos no labyrintho fluvial. Poção dos Macacos. Poção da Olaria.

Poço — Cisterna de agua potavel que em geral as casas da Amazonia têm no quintal. Tira-se o liquido em balde ligado á corda que passa numa roldana presa ao travessão de madeira armado sobre o poço.

Poita — Pedra amarrada a um cabo e que serve de ancora aos pescadores. Fundeam as canôas com a poita nos pesqueiros.

Ponhamesa — ("Locusta viridissima") — Lindo gafanhoto inoffensivo, tido como bom agouro. E' uma esperança. Eu vi hoje uma ponhamesa. Alguem 'stá p'ra chegar. E' mano João que vem ahi. Vamos pegar aquella ponhamesa p'ra gente ser feliz, maninho. As pessoas do interior julgam que a ponhamesa adivinha o sexo das crianças que estão para nascer. Assim, se ha alguem para **descançar** no sitio, pegam a ponhameza e sopram-lhe na testa; se ella bate com as duas patinhas dianteiras, é femea; se faz um gesto de querer frechar, é macho. No sul chamam-n'a de louva-Deus.

Popocar — Ferver em borbotões. Borbulhar.

Poranga — L. G. Bonito. Bom.

Pororóca — Choque entre as aguas do mar e as aguas do rio em logares onde o leito é raso e cheio de altos e baixos. Só é possivel a pororóca onde haja maré, fluxo e refluxo lunar, emfim. Manifesta-se com as aguas vivas de equinoccio nos cursos fluviaes da Guyana Brasileira e nos rios Guamá e Capim, a montante de Belem. O phenomeno não é exclusivo da foz do Amazonas. Com outros nomes elle existe na Europa, na Asia, na Africa.

Pórre — Bebedeira. Está pórre. Sujeito tonto, bebedo, alcoolizado, borracho. Tambem applicam o termo como medida de cachaça. Dê cá um pórre de canna, de branquinha, de agua que passarinho não bebe. Compadre, você está pórre. Venha de lá um pórre aqui por conta do branco.

Porrete — Bengala grossa, tôsca. Aquelle sujeito tem cara de agente de policia, olha o porrete delle. Você agora só anda de porrete, parece secreta. Isto é um porrete de massaranduba; pois este é de paxiúba.

Porto de Belem — O porto de Belem, capital do Estado do Pará, demora á margem oriental da bahia do Guajará, a pouco mais de 100 milhas do Atlantico. Possue tres canaes no sentido norte-sul. O de leste, que passa junto ao cáes da cidade, é o mais raso de todos; o do centro; e o de oéste, que banha a ilha das Onças, do outro lado da bahia, e é o mais profundo. O seu regimen de aguas é de marés: enche e vasa de seis em seis horas, sendo as marés de syzygias, nos equinoccios, as mais altas. Os transatlanticos atracam ao caes de cimento. Apesar de haver quem lastime o facto das aguas não enfiarem pelo canal que margina o porto, obrigando a companhia constructora a uma constante dragagem para manter a profundidade aproximada do contracto com o governo da Republica, isso é um bem para a cidade e para a empresa concessionaria. Se a corrente penetrasse por ahi, a erosão seria fatal, trazendo como consequencia o desmoronamento da muralha, como ha pouco succedeu com o velho trecho proximo ao Ver-o-peso. O estabelecimento do porto de Belem é de 30'. Elle tem tres barras que lhe dão accesso: a do Chapeu Virado, que é a do norte, mais profunda, assignalada pelo pharol do mesmo nome e o pharol do Tatuoca; a do centro, chamada do Cotijuba e assignalada pelo pharol deste nome; e a do sul, mais rasa, perigosa e estreita, conhecida pelo nome do pharol que a balisa: Arrosal.

Porto de Manáos — O regimen do porto de Manáos é fluvial. Enche e vasa de seis em seis mezes. As aguas principiam a baixar em junho e a encher em novembro, com pequenas variantes determinadas pelo verão e pelo inverno mais ou menos

brando ou copioso. A maré atlantica não chega até Manáos, de sorte que não ha ahi estabelecimento do porto, que é o retardamento da preamar sobre a hora da passagem da lua pelo meridiano no dia de uma syzygia equinoccial. Seu porto de accesso, construido sobre fluctuantes onde podem atracar os maiores paquetes do mundo, honra a intelligencia do homem amazonense. A' margem septentrional da bahia do rio Negro, distante 6 milhas da foz, circumda-o, além do fluctuante de embarque e desembarque, uma vermelha muralha de pedra ("Arenito"). Nas grandes inundações, quando o degelo andino coincide com as chuvas da Planicie, a agua sobe ao ultimo panno da muralha, pouco faltando para alagar a terra marginal dentro do cáes. A influencia hydrographica ahi é mais meteorologica que astral. Ao contrario do porto de Belem, no oriente da Planicie, onde a lua é que rege o movimento de fluxo e refluxo, em Manáos são os ventos aliseos, vindos do mar, que, depois de carregados de humidade na travessia do Atlantico, despenham as chuvas no valle, auxiliados, para as cheias periodicas, pelo gelo derretido na cordilheira dos Andes.

Posta — Manta de pirarucú. Nome por que, na Amazonia, se chama a uma das bandas do **sudis gigas**, aberta ao comprido, para depois seccar ao sol. Que posta rosada de pirarucú! Veja esta posta de peixe como está bonita, compadre. Tenho trinta postas para empacotar.

Potoqueiro — Cantador de mentirolas. Nunca vi um potoqueiro como este regatão. Mente mais do que a preta do Leite. Potóca vive na lingua delle. Não respeita barba das pessoas mais velhas.

Poxi — L. G. Mau, feio.

Praia de viração — Taboleiro em que se viram tartarugas; só possivel em tempo de verão, quando o chelonio sae dagua e sobe em terra para desovar na areia. Viram-n'o então de peito para cima aos cem, duzentos, milhares, de fórma que elle não pode mais se locomover. Vamos fazer uma viração amanhã na praia do Tamanduá. E' um processo que concorre para extinguir a tartaruga, pois é feito antes da reproducção. Já existem posturas municipaes prohibitivas.

Praga — Abundancia de carapanã. Hoje tem muita praga, chega a estar zunindo. Tranca porta, janela, tudo cedo que praga é demais. Quanta praga, doutor! No Baixo Amazonas, o processo de defesa contra o carapanã é a casa fechada antes de cair a noite. Cerram-se as portas, as janellas e apagam-se as luzes. Pouca gente ahi usa mosquiteiro, como succede no occidente da Planicie, nos altos rios, onde o nordestino se serve delle invariavelmente, e chama, em vez de praga, mosquito. E' mosquito p'ra mandá p'ra o cão. Voute!

Prancha — Grande taboa de madeira, de um só pau, que os "gaiolas" conduzem a bordo para estabelecer communicação entre o navio e os portos de escala. E' pela prancha que carregam e descarregam mercadorias; embarcam e desembarcam passageiros. Bota a prancha! Tira a prancha! São vozes ouvidas nos "gaiolas" durante a chegada e a saída de qualquer logar no curso da derrota.

Pratico — Piloto fluvial. Que dirige a navegação a bordo dos "gaiolas". E' quem dá o rumo, ordena a mudança de directriz, manda sondar. Todos os movimentos da agua lhe são familiares. O rebojo, o remanso, o estoque dagua, a corredeira correspondem para elle a um phenomeno tellurico, a um accidente topographico, no fundo do rio ou nas margens. A der-

rota é feita pela terra. As enseadas, as pontas, as arvores, as abertas, os capinzaes é que marcam o canal. Uma sumaumeira manda abrir da margem; um capinzal manda encostar.

Preamar — Quando a agua da maré attinge ao seu mais alto nivel.

Prégo — Casa de penhor. Está com as joias todas no prégo. Relogio delle só vive no prégo, coitado! Tambem se emprega no sentido de parar por consaço ou falta de combustivel. Gente, carroça do Mané da Horta deu o prégo. Tambem cavallo delle não come, disque vive como o cavallo do inglez, que Deus não me castigue. Automovel do governador deu o prégo na Avenida. Falta de gasolina, paresque. Por que não usam alcool, que é cousa nossa e mais barata?

Prenda — Jogo de salão. Divertimento domestico entre rapazes e raparigas. Vamos brincar de prenda? Pague prenda. Por que o seu Fulano está na berlinda? Porque é bonito. Porque é rico. Porque é namorador. Porque é falso. Que deseja a senhora que se faça ao dono ou dona desta prenda? Que vá lamber sabão. Que vá ver o sol nascer. Que não minta mais.

Priprioca — ("Killinga") — Herbacea. As raizes, tuberculos ganglionados, têm um aroma original. Raladas, servem ao cheiro de papel usado na Amazonia para perfumar as gavetas de cómmodas, os bahús, os **sachets**.

Prôa — Insolencia. Arrogancia. Veja aquella prôa, seu doutor. Nem navio de guerra... Que prôa! Quanto mais se elle fosse mesmo formado. Rabula barato... Nem da Jaqueira ao menos elle é...

Promessa — Voto que os fieis fazem ante os seus padroeiros e que cumprem num determinado dia depois de attendidos. Por doenças physicas e moraes promettem dinheiro, penitencias, resas, velas, membros de cera. O santo, então, cremos que antes por bondade que pela paga, faz o milagre. Ha individuos, todavia, tão caloteiros que, depois de servidos, esquecem o beneficio. Outros, sovinas, só no momento do aperto é que dizem dar isto e aquillo. Outros, ainda, mesmo no instante afflictivo, estão usurariamente regateando com a divindade. Existe um conto nas **Varias Historias**, de Machado de Assis, que é uma verdadeira vergonha em materia de promessa. Um devoto diminue tanto o preço da cura da mulher, que S. Francisco de Salles fica escandalizado. E' o proprio celicola que narra isso aos collegas na presença alarmada dum sacristão. Depois do fiel prometter uma perna de cera para o azeite do culto, arrepende-se e só quer dar 1.000 padre-nossos e 1.000 ave-marias. Miseria inconcebivel que o santo conta ironicamente, sorrindo, a S. Miguel, a S. João Baptista e a S. Francisco de Paula, numa doce cavaqueira sagrada, em hora de folga religiosa, para mostrar a usura de certos catholicos.

Prompto — Sem dinheiro. Estou hoje liso, sem um tostão. Não tenho com que mandar cantar um cégo. Fiquei prompto no jogo do bicho. Ando cercando o macaco ha dois mezes, mas nada. O bicho salta que nem o macaco de cheiro no matto.

Prosa — Falador. Paroleiro. Este sujeito é um prosa, vive contando historias do arco da velha. Que prosa, aquillo é só da bocca p'ra fóra. Vá ser prosa assim para o diabo.

Puba — Apodrecida. Mandioca puba, amollecida na agua durante muitos dias.

Puçá — Instrumento de pesca. Simples apparelho com que o caboclo apanha peixe miudo, marisco. E' um arco de cipó ou arame em que se veste um sacco de panno, em fórma de funil, de malhas mais ou menos abertas. Usam-n'o com cabo, nas pescarias de camarão,como um sacco de entomólogo para apanhar borboletas. E usam-n'o com alça, atado á linha, quando o mergulham no leito dos rios e lagos.

Puchury — ("Nectandra puchury major") — Da familia das lauraceas. Os fructos, com favas ovoides, aromaticas, têm o sabor da noz moscada. São medicinaes.

Puêra — Lama enxuta. Fundo de lagôa sêcca. Campos desencharcados, endurecidos pelo sol. Ha quem chame ipuera.

Puraqué — ("Gymnotus electricus") — E' peixe dos lagos, dos igapós e igarapés, em cujas boccas vive. Parece uma enguia e chega até dois metros de comprimento. Dá descargas electricas que parecem de pilhas. A's vezes fulmina um homem, quando lhe passa sobre o coração. E' muito temido. Faz cair certos fructos, como o do jauary, do catauary e do taperebá, dando choque no tronco dessas arvores aquaticas. Negro, manchado de amarelo e branco, constitue um perigo para quem mergulha ou toma banho onde elle existe. Ninguem lhe come a carne, que é molle e desenxabida. Humboldt e Bonpland observaram uma pesca de puraqués, muito original, na bacia do Orenoco, Venezuela, e que consistiu em lançar uma cavalhada em lagôa rasa, cheia de puraqués. Os quadrupedes, a principio, ficaram verdadeiramente loucos, tomados de panico com o choque das enguias. Alguns foram fulminados. Mas, á proporção que o tempo ia passando, elles ganharam coragem e dominaram o campo, quando então os puraqués começaram a fugir para as margens. Este desfecho imprevisto, julga Humboldt ser devido ao enfraquecimento

das baterias electricas dos peixes, que, depois de descargas e mais descargas, vão ficando sem energia para grandes choques, ou, talvez, para nenhum.

Pussanga — Medicamento de curandeiro. Droga da pagelança. Beberagem. Mesinha, em geral de hervas, folhas, cipós, applicada na feitiçaria. Cuidado com alguma pussanga. Não toma nada lá no sitio della, nem vinho de cacau, nem assahy, nem café. Aquillo é mestra em pussanga. O major Bonifacio, quando andou enrabichado pela Chica Engole Cobra, disque foi mandinga feita por ella. Assim compadre Caetano... Bebeu lá um café, e, não lhe digo nada, nunca mais pegou um mandihy, de panema, minha xêra. Um doutor inglez, coitado, que andava, por aqui pegando as suas aranhas, as suas minhócas, os seus grillos, ficou tão virado da bola com a feitiçaria da mulher, que não podia ver boto vermelho sem dizer que era o principe de Galles. E pedia logo wisky para offerecer ao herdeiro do throno da Inglaterra. Mim pesado, mim bife, mim patriota. E dizia horrores da rainha Izabel com sir Walter Raleigh. "Pussanga" é o nome de um formoso livro de Peregrino Junior e que foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Putirum — Ajuntamento de vizinhos e amigos para trabalhos de roça, construcção de casa, pescaria. Auxilio reciproco dos pequenos lavradores. O putirum, apesar de ser uma reunião para fins agricolas e domesticos, é, de facto, um pretexto para festas, ladainhas, danças. Tanto que, antes, na casa em que se faz o putirum, ha uma verdadeira accumulação de comestiveis para o sustento de 10, 20, 30 pessoas. Juntam-se o pirarucú, a farinha, os xerimbados destinados ao alimento dos convidados. Comem-se até as gallinhas dos santos, os leitões do sr. bispo, os jabotys do vigario. Verdadeira heresia, peccado mesmo. Credo!

Puxando — Depressa. Olha como aquelle "gaiola" vem puxando p'ra chegar de dia. Naveguei desde hontem puxando. Tambem se diz do bebedo. Um sujeito que só vive puxando. Não te mette que elle está puxando.

Puxar fogo — Signal dado á machina afim de que o machinista de quarto mande activar os fogos para a embarcação partir. Mande puxar fogo, immediato.

Quandú — ("Coendu prehensilis") — Roedor que lembra o porco-espinho. Tem o rabo comprido. Passa a vida sobre as arvores. Come fructos e anda mais de noite que de dia.

Quaresma — Mentiroso. Contador de potóca. Você já viu quaresma como seu Ignacio? Mentira chegou alli e armou rêde, que Deus me perdôe. Não acredite, nhá Merandolina, isso é um quaresma de marca.

Quebrado — Que não tem dinheiro. Ultimamente, compadre, tenho andado quebrado mesmo. Nunca estive quebrado como agora. Tambem empregam no sentido de fallido. E' negociante quebrado. Pediu moratoria primeiro e depois quebrou.

Quebranto — Prostração, cansaço, fraqueza, abatimento physico attribuido a mau olhado. Gente, este menino não come, não chora, não ri; querem ver que elle está com quebranto. Foi o capitão. Botava hontem cada zólho p'ra criança que parecia um espinho. Só benzendo...

Queimada — E' o nome que se dá ao incendio propositado dos roçados e dos campos no tempo secco. Na região vargeira, onde as pastagens alagam, o fogo não prejudica a terra, que se fertiliza com a colmatagem. Nas campinas alpestres, nos pontos altos, onde a agua das enchentes não chega, a queimada é muito prejudicial. Os campos do rio Branco, verdadeiro **Far-West** do Amazonas, têm sido tão batidos pelo fogo, que estão ficando estereis, calcinados, áridos.

Queimar — Usar. Gastar. Vestir. Agora vou queimar casemira. Queimando collarinho alto, hein? Só queimando sêda, coração. Bicho p'ra queimar lenço bordado.

Queixada — ("Dicotyles labiatus") — Tambem chamado porco do matto. Anda em varas numerosas devastando roças e plantações. O bater das mandibulas é ouvido a distancia na floresta. E' atrevido. Investe contra o homem, que, para se lhe defender das presas ameaçadoras, tem que subir em qualquer arvore.

Quengo — Intelligencia. Astucia. Perspicacia. Sujeito de quengo. Embrulhou a negrada toda. Foi uma quengada do tamanho dum bonde. Não escapou nem rato.

Quindim — Afago, carinho, encanto, meiguice. Mulher cheia de quindim, faceira. A Maricota hontem, gente, estava que era um quindim p'ra o lado do capitão.

Quintal — Terreno aos fundos, ao lado ou ao redor da casa. Baldio ou com pomar, quasi todas as residencias amazonicas, mesmo nas capitaes, o possuem. Em geral as senhoras preferem as moradias que têm quintaes. Quando escolhem casa para se mudar predomina, na preferencia, o quintal. A casa é bôa, meu velho, mas não tem quintal. Onde eu vou criar mi-

nhas gallinhas, meus perús, minhas picotas, meus xerimbabos? Vamos ver outra que tenha quintal.

Quirana — L. G. Piolho falso. Lendea.

Quirirú — ("Octopteryx guira") — Tambem conhecido por anú branco. E' todo arrepiado. Das aves trepadoras é a que mais gosta do litoral.

Quitanda — Casita de commercio em que se vendem frutos. Vae na quitanda do canto que tem laranjas. Comprei estas mangas na quitanda do Manoel das Vatatas. Lá tambem se encontram umas sapotilhas tão grandes e bonitas que só faltam dizer: me comam.

Quiticar — Golpe diagonal, um junto do outro, que se dá nos peixes miudos, de muita espinha, p'ra serem fritos ou assados inteiros. Quitique bem esse jaraquí que tem espinha demais. Eu quitico um peixe que ninguem sente espinha.

Quitute — Comida gostosa. Prato especial. Petisco de peixe ou carne. Coronel não come nada. Pinica só, comadre. Se vaçuncê não fizer um quitutezinho para elle, é como se não houvesse comida na mesa. E' homem que gosta de rollinha, tortinha, papinha, cangiquinha. Tem paladar fino que até parece estrangeiro...

Rabicho — Namoro. Paixão. Isso é rabicho. Você não larga a Vicencia. Parece que o coronel anda de rabicho com a professora.

Rabo do olho — Olhar disfarçado. Aquelle sujeito só vive me olhando pelo rabo do olho. Não sei o que elle quer commigo. Olha pelo rabo do olho p'ra mulher do coronel. Credo! Parece uma arara de tanta fita encarnada. Bota o rabo do olho alli p'ra o outro lado.

Rafaméa — De baixa esphera. Sem imputabilidade. Da escoria social. Aquelle sujeito não presta, é da rafaméa. Veja a proa delle, compadre; nem parece vindo da rafaméa.

Ralhar — Admoestar. Não vá ralhar á tôa á criança. Você só vive ralhando á gente. Que mulher damnada p'ra ralhar.

Rana — L. G. Suffixo da lingua tupi-guarani que significa parecido, semelhante. Canarana, cana falsa; sussuarana, onça pintada como veado; abiurana, abiu parecido.

Ranzinza — Intransigente. Que só torce pelas côres do seu club. Que só acha valor e agilidade nos jogadores da sua sociedade. Aquella mocinha é ranzinza de verdade, chega a ficar torta quando a bola não faz **goal**.

Rebanada — Modo brusco por que qualquer pessoa se volta e retira de junto de outra. Movimento de ira e de raiva por que é cortado um dialogo, uma discussão. Elle deu uma rebanada e foi-se embora. Acção do rabo do peixe e do saurio ao bater á flor dagua. Rebanada da pirahiba, rebanada do jacaré, rebanada do boto.

Rebôjo — Funil dagua que a corrente abre sobre cabeços de pedra, troncos de arvore fincados no alveo, ou nos encontros de caudaes na confluencia dos rios.

Reboque — Montaria rebocada pelos barcos a vela que trafegam na contra-costa paraense conduzindo gado de Marajó. Pequena embarcação destinada ás manobras de atracação do veleiro, como dar uma espia p'ra terra, ligar um cabo de vae-vem; ou, ainda, fazer o serviço dos tripulantes. O reboque está alagado. Ala o reboque. Vá no reboque.

Reboldosa — Rebordosa. Reprehensão. Advertencia. Passei-lhe hontem uma reboldosa que elle ficou com a cara no chão. Basta outra reboldosa para elle ficar direito.

Rebuçado — Calda de assucar endurecida em bola e embrulhada em papel. E' um bon-bon nacional, sobretudo da Amazonia. Fazem-n'o com doce de bacury, capuassú e cajú dentro da massa. No sul chamam-n'o bala.

Rede — Cama pendurada. Panno grosso com punhos nas extremidades, armado em cordas no ar, em que se dorme na

Amazonia. Tecida de algodão ou tucum, ella é o leito da gente da Planicie. Todos aqui dormem em redes. Algumas brancas, com varandas de labyrintho, tecidas de linha fina, são admiraveis de macias. Outras de tucum crême claro, especie de linho do valle, bem urdidas, decoradas, são magnificas de resistencia, se bem não tenha a brandura das de algodão. As mais bellas ainda nos veem do Maranhão, e as mais ordinarias, do Ceará. A mulher da Amazonia tece um typo intermediario, mais forte, porém menos bello. As varandas, em geral, em vez de serem urdidas do mesmo fio ou linha, são de chita.

Regatão — Embarcação de commercio ambulante. Galeota, maior que a igarité, de tolda corrida, com um compartimento fechado á popa. E' tirada a remo de faia por dois tripulantes. Propriedade hoje do turco, já o foi do hebraico e do portuguez. Traféga em toda a Amazonia, vendendo artigos de estiva e artigos de armarinho. Ha, no seu bojo, desde o jabá, a conserva, a farinha, o feijão, o sal até á conta, ao pente, ao brinco, á seda, ao anel. Chamam indifferentemente de regatão ao dono e á galeota. Não falo com esse regatão safado. O regatão está fazendo agua.

Reimoso — Que faz mal ao sangue. Que produz erupção de pelle. A carne de anta é muito reimosa, a da pirahiba tambem. Não coma nada reimoso, comadre. Só uma pescadinha de grelha, um inhambuzinho e um cházinho de cidreira (herva cidreira). Tambem dizem **carregado** E' muito carregado esse peixe. Isso é a caça mais carregada que eu conheço. Comadre Carmelina está com a cara grossa só de provar caetetú. Assim o coronel. Pegou a comer jaboty e tracajá, olha a idade das perebas... E' cada uma rodela que parece tajá. Elle que tome batatão, que é remedio bom para essas **molestias de inglez**

Remanso — Agua dos rios que corre, na beirada, em sentido contrario do caudal em virtude de pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o angulo morto provoca uma especie de refluxo fluvial.

Remediado — Que tem alguma fortuna. Sujeito que dispõe de recursos, que tem seu "sitio", seus bicos de gallinha, suas cabeças de gado, seu cacaual, sua roça, seu batelão. O capitão Nicolau é remediado, já tem seus terens. Está para ser coronel, disque. Filha delle vae p'ra capital estudar p'ra professora. E' tão bonitinha, benza-a Deus.

Rengideira — Barulho que fazem certas botinas. Que reunas para rangerem. Só queimo agora rengideira, hein, compadre?

Repiquete — Signal de enchente, acima do estuario amazonico, onde não predomina mais a força da maré atlantica. Primeiras manifestações annuais das cheias. Enxurrada. Lençóes turvos, de lympha. Agua nova que invade a agua transparente, quieta, manchando de placas barrentas a toalha liquida. Gente, rio está enchendo! E' repiquete. Canôa fugiu com o repiquete. Cuida de desmanchar a roça por causa da cheia; repiquete vem ahi.

Repuxo — Resistencia. Você não tem cara de quem aguenta repuxo.

Restinga — Cordão de praia nova coberta de lôdo e que geralmente reponta do seio das aguas parallelo á costa. Baixio recente, comprido, isolado; ás vezes uma das extremidades toca na beirada.

Retiro — Barraca afastada das fazendas de gado, propria p'ra dormitorio dos vaqueiros. Vou levar cinco homens para o retiro afim de examinar as rezes do Bom Jesus. Está dando muita bicheira lá. Carrapato tambem é demais. Então, aproveite e ferre a bezerrada.

Reunas — Borzeguins de soldado. Botas ordinarias. Anda com umas reunas de rengideira, que se ouve na Marapatá, credo! Onde arranjaste estas reunas? Eu agora não quero calçado fino, que não dura; vou comprar reunas.

Rez — Boi, vacca, novilho, vitella, touro dos rebanhos vaccuns amazonicos. Applica-se o termo, indistinctamente, aos machos e femeas. Que rez é aquella, capataz? E' a vacca da comadre Josepha. E aquella outra? Qual? Aquelle cornupeto de armação retorcida. E' o touro do dr. Figueiredo.

Ribanceira — Talude á margem do rio. Terra escarpada, nua, talhada a pique na orla dos cursos dagua.

Richard Spruce — Inglez nascido na Escossia. Naturalista de alevantados meritos. Depois de von Martius, foi elle o maior botanico estrangeiro que visitou a Planicie. Seu livro **Notes of a botanist** é um repositorio magnifico de informações sobre a nossa flora. Quem colligiu e publicou esse trabalho foi Alfredo R. Wallace, pois Spruce doente, desanimado, não poude levar a cabo tal obra, cheia de mappas geographicos e multiplos documentos do **Arboretum Amazonicum**. O primeiro volume, referente a Belém, Santarem, Obidos, rio Trombetas, Manáos, rio Negro, rio Uapés e rio Orenoco, alem das minuciosas annotações do mundo vegetal, estuda a indole do nosso povo. Spruce, porem, afóra estas viagens no Baixo Amazonas, esteve no Perú cisandino e nos Andes do Equador.

Rio Pará — E' como se chama o caudal que contorna o sul de Marajó. Elle foi um volumoso galho do Amazonas em tempos idos, quando o grande rio rompeu a comporta que o separava do Atlantico. A rechã do Marajó, que nessa éra não passava de parte do bloco continental, ficou ao centro, como ilha. O lençol liquido que principiou a banhal-a então pelo flanco meridional, em virtude da curva, foi perdendo a velocidade e o sedimento começou a colmatagem até que surgiu o numeroso archipelago chamado agora de Ilhas de Dentro, e que ameaça fechar o lance em questão pelo occidente. Nos dias correntes, esse trecho é um braço quasi morto, que secca a todo instante. Os filetes dagua que passam do Amazonas para elle, pelos Furos de Breves, auxiliados pelo Anapú, Pacajás e Jacundá, não o alimentam sufficientemente, de maneira a dar-lhe profundidade. Só depois que elle recebe o Tocantins, na altura do Mandihy, é que seu leito se escava rumo do mar. Assim, todo o trecho que vae dos Furos de Breves ao Joróca, incluindo as bahias de Melgaço, Portel, Bagre, Oeiras, e que se chama rio Pará, levanta o collo, secca, gangliona-se, rasando continuamente. E não passarão muitos seculos que esse primitivo galho amazonico se transformará no isthmo que vae fazer de Marajó uma peninsula. O rio Pará, pois, á proporção que o tempo avança, definha e morre.

Rios Gemeos — Todos os typos de cursos fluviaes do mundo são encontrados na Amazonia, como se ahi fosse o reino monumental de uma feira hydrographica. Alem do colorido das aguas, barrento, transparente, verde, azul, branco, amarelo, vermelho, negro, surgem os typos irmãos e os typos antagonicos ora parecidos, quase iguaes, ora differentes, como se fossem antipodas. Desde o rio de planicie ao rio de montanha, passando pelo misto, que é o rio de planicie e de montanha, ao mesmo tempo, ahi se encontram. Mas, entre essa variedade de arterias de agua doce, ha que registar os gemeos, isto é, os

parecidos, que lembram filhos do mesmo pae e da mesma mãe. Assim, o Purús e o Juruá são os mais semelhantes do grande amphitheatro. Atravessando a mesma infinda planura coberta de florestas ao sul da corda mater, que é o Amazonas, as suas aguas barrentas, as suas voltas sinuosas, as suas peninsulas rasgadas em "sacados", são identicas. Flora e fauna irmãs, ha que remarcar, na vegetação, uma dessimelhança: emquanto abunda no Purús, desde a foz até ás nascentes, o castanheiro, **bertholletia excelsa**, no Juruá não existe a famosa arvore, estragando-nos o "similis" das selvas. De parte isto, porem, ver o Purús correndo de verão e de inverno, por entre duas paredes de verdura, é ver o Juruá correndo. Em seguida vem outros dois gemeos: o Xingú e o Tapajós, de lymphas esverdeadas, transparentes, encachoeirados, com vegetação differente da dos rios de agua branca carregados de sedimentos. Fluindo ambos ao sul do Amazonas, de correntes pobres de detrictos, coloração humica, parecem-se profundamente, desde o perfil de suas margens até ao panorama de seus valles. Da banda do norte, isto é, nas terras guyanenses, correm outros dois parecidos: Nhamundá e Trombetas. Vê-se, depois, uma serie de rios difficeis de aproximar. Assim, o Negro e o Branco são, logo pelos nomes que lhes reflectem a coloração hydrica, dessimelhantes. O Tocantins, que nasce na terra mais velha do globo e morre na terra mais nova, é unico na bacia, desde os rumos em que róla, de sul a norte, até á sua flora de cabeceira e de desaguadouro. O Javary, o Japurá, o Jary, o Maecurú, cada qual tem a sua physionomia mais ou menos desigual.

Roçado — Matta desbastada para cultivar o terreno. Área que se limpa para plantar. Fiz um roçado que parece um campo. Só deixei de pé, como o indio, as pupunheiras. Abri um roçado na terra-firme. Tambem se emprega no sentido figurado, para exprimir felicidade ou caipora. Disque tiraste,

pela segunda vez, premio na loteria? E', está chovendo no meu roçado. Então, não foste promovido? Cabia-te a vez. No meu roçado não chove, meu velho.

Roceiro — Pessoa do interior, que corresponde ao camponez da Europa. Individuo acanhado, simples, que veste e fala em desacôrdo com a gente da cidade. Aspecto roceiro. Sujeito que, de longe, demonstra logo sua proveniencia dos povoados, villas e cidades da Planicie. Coronel roceiro. Matuto. Chefe politico da roça. Moça chegada na capital é roceira. Estou ainda roceiro, compadre.

Rocinha — Habitação nos arrabaldes de Belém. Casa fóra da cidade, especie de quinta, toda rodeada de pomar. Moradia antiga da gente rica do Pará. Vae caindo em desuso essa designação, substituida agora por villa, bungalow, retiro.

Rodela — Taboa da proa e popa da canôa que fecha a embarcação. Tambem significa mentira, carapetão.

Rolo — Briga entre muitas pessoas. Que rolo damnado alli na estancia do seu Manoel do Minho.

Ronca — Antigo. Remoto. Appareceu com uma roupa do tempo do ronca. Aquillo é dança do tempo do ronca. Festa do tempo do ronca.

Rouqueira — Pequeno canhão grosso de ferro ou bronze usado no interior da Amazonia para annunciar, nos sitios e villorios, festejos populares e religiosos. Gente, parece que ouvi um tiro de rouqueira na outra banda do rio, será? E' no sitio do compadre Silverio. Querem ver que foi padre Ananias que chegou. Ou então é Corôa do Divino que vem subindo na desobriga. Se for, elles pernoitam aqui. Vamos

dançar. E se mata o capado de S. Benedicto. Aquelles dois patos de S. José tambem vão p'ra faca; e as quatro frangas das Onze Mil Virgens. Não vejo a jabota de S. Pedro. Festa de Santo só se come xerimbabo de Santo. Aproveitemo occasião p'ra mandá tambem p'ro leilão da matriz de Manáos o casal de "nicorne" que se criou em louvor de S. Cornelio.

Rudá — L. G. Deus do amor. Figuram-n'o como um guerreiro que reside nas nuvens. Elle preside ás paixões; é encarregado de agitar os sentimentos nobres no coração humano, de despertar a saudade, a sympathia, a generosidade, o desejo. Sua missão principal é fazer amar. Outros figuram-n'a como deusa, pois os mythos autoctones, consoante observação minuciosa, são todos femininos.

Sabão — Reprehensão. Levei um sabão da dindinha. Padre-mestre me passou um sabão.

Sabido — Advogado, bacharel, sujeito da cidade, contador de historias. Que homem sabido! Dá noticia de tudo, meu bem. O coronel, hontem, stava dizendo p'ra nhá Venancia: Trate bem o doutor que elle bota suspensorio em cobra, sabe até latim, é sabido de verdade.

Sabrecar — Passar ligeiramente pelo fogo. Tostar. Sabreca esse pirarucú na chamma.

Sacado — Córte que a corrente faz para abreviar o curso do rio. Seccionamento de uma peninsula fluvial pelo isthmo. O caudal, depois de passar num ponto, dá uma, duas, tres voltas e vem passar, em sentido contrario, renteando a mesma margem. Quando succede fazer-se enseada nos dois lados do isthmo, a agua corroe, fura a terra, abandona o caminho velho, que fica morto como um lago, e abre passagem nova. Em geral os rios de mais sacados são os de agua preta, de menor velocidade. O Pauhiny, affluente do Purús, parece conter o maior numero, segundo observação directa do autor.

Sacahy — Galho secco e fino das arvores encontrado no solo das florestas. Pisado pelo caçador, produz um estalido caracteristico de madeira sêcca que se quebra. Vá buscar hoje, compadre, um bocado de sacahy p'ra o fogão. Estamos sem lenha.

Safado — Reles. Indigno. Cynico. Aquillo é o sujeito mais safado que o sol cobre. Safado como só elle. Me deu um beliscão e fingiu que estava olhando p'ra o outro lado. Perguntei se será p'ra casar ou p'ra o que era e elle respondeu: é p'ra o que era... Safado!

Sahy — ("Coereba cyanea") — Passaro dos mais bellos da Planicie. Azul claro, com pennas brancas e escuras, gosta das arvores baixas, das goiabeiras e mamoeiros, cujos fructos elle devora com seu bico fino. Não tem medo do homem e senta nos pomares das cidades.

Saiçupyra — L. G. Amado.

Saído — Irreverente. Atrevido. Que sujeito saído, disque me perguntando se eu tenho a perna grossa. Não seja saído, seu pelintra. Que sacristão saído, querendo saber qual é o santo da minha freguezia. Já se viu...

Salão — Tabatinga escorregada dos barrancos e que fórma, junto das ribanceiras, uma segunda mesa tellurica e que só descobre no verão. A's vezes os "gaiolas" atracam em certos portos, com o rio vasando, e quando querem largar estão encalhados no "salão", ficando detidos durante a secca. E' commum no fim das voltas rapidas do Acre, onde se quebram as palhetas da helice que nelle tocam.

Salpresa — Ligeiramente salgado. Com pequena camada de sal. Bota esse peixe de salpresa, só p'ra aguentar até amanhã. Chega uma salpresa; isso é pirarucú p'ra se comer esta semana.

Salseiro — Desordem. Briga entre muitos. Rôlo em festa. Bem no meio da quadrilha, meu santo, um cavalheiro pórre pisou no pé duma dama e haja tapona. Foi um salseiro tão grande que chamaram o sub-delegado.

Samambaia — ("Adiantum") — Lindo feto rendado, genero avenca, parece um labyrintho verde na floresta. Existem diversas especies, todas curiosamente recortadas, abertas, complicadas como se fossem urdidas por alguma artista da selva ou tecidas por alguma divindade autoctone.

Samba — Baile de roceiros. Os instrumentos são viola, cavaquinho, harmonica. Aquillo é samba na casa do capitão Victor. Disque elle comprou um gramophone que toca de um tudo. Estão estreiando. Capitão é dunga no samba. Terreiro da casa delle é limpo, capinado, bom p'ra samba.

Sambaqui — Collina de carapaças de molluscos. Monte de conchas. Despojo da cosinha selvagem. Mais conhecido na Amazonia por mina de sernamby, é donde se tira a materia prima com que se fabrica a cal nas caieiras da Planicie.

Samburá — Cesto feito de talas. E' termo africano, vindo do śul e pouco usado na Amazonia. Aqui, o que não é paneiro é balaio, jamachi, urú, panacú.

Samuel Fritz — (Padre) — Filho da Bohemia. Conhecido por Apostolo do Amazonas. Catechista, membro da Companhia de Jesus servindo nas missões hespanholas do occidente

da Planicie, foi delle a primeira carta geographica do Amazonas, depois corrigida por La Condamine. Levantou-a quando desceu dos cimos rumo do Atlantico. Apesar de ter baixado até Belem por doença, foi ahi preso á ordem do governador Sá de Menezes (1689). Recluso perto de dois annos no Pará, onde elaborou o seu mappa, por fim o recambiaram para as missões castelhanas do Alto Amazonas.

Sangrar — Primeiros golpes que o seringueiro dá nas arvores antes de colher o leite. Já estou sangrando a estrada. A seringueira, antes de principiar a produzir, é sangrada diariamente, para acostumar. Vou principiar a cortar amanhã. A estrada já está sangrada.

Sanguesuga — ("Hementeria Ghilianii") — Vive nos charcos, nos pirizaes, nos igapós, onde, emfim, houver uma toalha dagua estagnada. Além da especie determinada acima, que é a maior de todas da Planicie, existem varias. Quem entra nú num aguaçal vem coberto de sanguesugas. O limão espremido sobre o animal obriga-o a largar a presa. Da cesura, quando elle cae, escorre um fio vivo de sangue. Embora se amplie este nome de sanguesuga ás lombrigas parasitarias internas do organismo humano, na Amazonia só se chama sanguesuga á lacustre.

Santarem — Cidade paraense á margem direita da foz do Tapajós. Parece uma **urbs** maritima pelas aguas verdes e pelas praias louras. Contornando uma collina que desce mansamente sobre o rio, é a cidade mais industrial e alegre da Planicie. Faz do navio ao "cheiro" de papel. Tem estaleiro, caieira, fabricas de cuias, de vinhos, de canôas, de batelões, de remos, de doces. Industriosa e feiticeira, por entre os artigos manufacturados ella vae empurrando aos araras o seu yrapurú em-

balsamado, o seu olho de boto, a sua canela de socó, o seu rabo de tamanquaré. No fundo lodoso da sua bahia aberta para o montante já houve muito mollusco, lindos bivalvos, curiosas conchas nacaradas que se apanhavam enterrados na lama. O milliardario norte-americano Ford, installado pouco acima, Tapajós a dentro, planta borracha nas suas terras e constroe uma grande cidade, que será a Nova Orleans amazonica.

Santos Estanislau Pessôa de Vasconcellos — Desembargador de raros attributos de intelligencia. Magistrado erudito, senhor de vasta competencia em materia juridica, tem sido varias vezes presidente do Tribunal Superior de Justiça do Pará. Suas sentenças, proferidas invariavelmente com aquella consciencia pura dos homens justos e de bem, são acatadas pelo Brasil todo e principalmente pela gente da terra do insigne professor de Direito Samuel Mac-Dowell, com o respeito que se vota aos mestres.

Sápe — Interjeição com que se espanta o gato. Sápe! Olha o Velludo, minha gente, comendo a banda de tambaqui da janta. Sápe, amaldiçoado. Vae caçar. Pega tuas rôlas, teus lagartos e deixa comida da gente. Mas o gato, que já conhece a bondade da dona, nem como cousa... Entra p'ra um balaio de costuras, deita-se, e lambe as patitas.

Sapéca — Namoradeira. Que namora toda gente. Que não pode ver calças. Que mocinha sapéca! Todas as irmãs são sapécas. E' a rainha das sapécas. Aquillo não casa, tão sapéca é.

Sapo — Reptil. Batrachio. Na Amazonia são muito conhecidas as pererécas ("Hyla"), as rans ("Leptodactylus"), os sapos ("Bufo"), as pipas ("Pipas"). A Planicie toda, em virtude de suas terras baixas, é um reino de sapos. Desde o ne-

gro cururú, de Spix, até ás rans crepusculares, verdes e azues; desde os que vivem pelas arvores aos que vivem pelos charcos, estes comendo larvas aquelles insectos, que no valle amazonico pullulam os batrachios, chiando, batendo, roncando, cantando. Alguns desses sons parecem remadas de canoa, outros rufos de tambor, outros mugidos de vacca, outros gritos humanos. Nos alagadiços, mal anoitece, ouvem-se cem duetos destes: Foi, grita um sapo. Não foi, grita outro. Foi... Não foi... Foi... Não foi... Foi... Não foi....

Sapotilha — ("Achras sapota") — Arvore pequena. O fructo redondo ou ovoide, de côr terrosa, tem a casca aspera. Maduro, a massa é molle, cheirosa, trescalando a baunilha. Em toda a Amazonia, as de Belem são as maiores, chegando algumas a tamanho de laranjas. Não é silvestre. No sul chamam-n'a de sapota e sapoty.

Sapucaia — L. G. Gallinha. Ha tambem uma castanha na Planicie, de grandes ouriços ovoides (**"Lecythis paraensis"**), que se chama de sapucaia.

Sapupema — Suporte do tronco das arvores, aberto em porta de leme, á flôr da terra. Parecem grandes raizes chatas, fóra do solo, destinadas a esconderijos de féra e gente. Nem todos os especimens botanicos a possuem. A sumaumeira, uma das maiores e mais bellas arvores da varzea, é a que mais ostenta esse contraforte curioso, chegando certos exemplares a ter mais de trinta sapupemas. Os indios transmittem avisos aos companheiros pelo baque na sapupema, donde sae um som reboante e sonoro.

Saracúra — ("Aramides chiricote") — Pernalta de canto esquisito; ao amanhecer e ao cair da noite, se ouve na matta o

seu grito estridente: tres potes! tres potes! tres potes! Annuncia o tempo secco.

Sarapatel — Especie de sopa de tartaruga. São as tripas do chelonio cosinhadas no proprio sangue. Tem um sabor magnifico. Ha quem faça esse prato no casco da tartaruga. Em geral, é na panela.

Sarapó — ("Carapus fasciatus") — Peixe vagabundo. Especie de enguia inapreciada na alimentação. Soltam-n'o quando é apanhado nas tarrafas ou armadilhas.

Sararà — Caranguejinho da agua salobra do estuario. Pequeno crustaceo que só chega até onde vae a maré atlantica.

Sararáca — Frecha usada na pesca da tartaruga, nos lagos, nos rios e igapós.

Sarú — Manso. Calado. Palavra com que os pescadores traduzem a tranquillidade do lago deshabitado de peixe, silencioso, soturno, sem vida, quieto. Está mesmo sarú, não bate um matupiry.

Satisfação — Explicação. Se elle não me der uma satisfação eu parto-lhe os chifres. Ficou manso depois e veiu me dar uma satisfação. A satisfação dada foi completa, restabeleceu a verdade. Sem uma satisfação eu não fico.

Saúvas — ("Atta sexdens" e "Atta cephalotes") — Formigas de côr vermelho-escuro, quinze mm. mais ou menos de comprido, cabeça grande armada de tesoura, constituem verdadeiro flagello do agricultor, sobretudo do jardineiro da Planicie. Roseiras que anoitecem virentes, amanhecem sem uma folha. Arvores que na vespera tinham a copa verde,

surgem como arvores europeias no inverno, desfolhadas. Terrivel, inexoravel, ainda não soffreu aqui o combate necessario. Vive em formigueiros subterraneos, largos panelões profundos onde vão ter as galerias de accesso. Para lá ella conduz as folhas destinadas á cultura dos seus cogumelos alimentares. E' tão funesta que desequilibra paredes, abala alicerces, derruba casas. Com ella vive uma cobra inoffensiva, de duas cabeças. E' o insecto mais damninho da Amazonia. Quando Saint Hilaire andou nos chapadões de Goyaz se impressionou tanto com a sua destruição que disse: "Ou o brasileiro acaba com a formiga ou a formiga acaba com o brasileiro".

Semáphoro aborigene — O indio communica-se com os companheiros á distancia, na guerra e na paz, por meio dum semáphoro original: a fumaça. Envolve os troncos seccos, sem copa e já meio carbonizados pelo fogo, em espiraes de gramineas e outras materias vegetaes afim de que accesos, a fumaça, ennovelada em altas columnas, transmitta aos da tribu distante noticias que devem ser conhecidos urgentemente.

Será — Fórma interrogativa. José Verissimo, referindo-se a esta palavra, chama a attenção da sua semelhança com a portugueza, com outro sentido, porém. Assim, o caboclo diz: você vae á missa, será? Você tem sapato, será? Que homem é aquelle, será? A palavra "será" era empregada para substituir o ponto de interrogação, que não existe no alphabeto do indio. Está comprehendendo, será?

Serão — Trabalho nas primeiras horas da noite. Hoje, minha xêra, vamos fazer um serãozinho até dez da noite. E' p'ra acabar as costuras da **moça** do coronel.

Sereno — Orvalho. Neblina que se condensa e cae em pequeninas gottas sobre os corpos expostos ao ar livre. De ma-

nhã, nas partes baixas da Planicie, as plantas repontam aljofradas. Com os primeiros raios de sol parecem cobertas de pequeninas pedras preciosas. Tambem se chama sereno á massa popular que assiste das ruas aos bailes. O sereno do Sport Club estava uma belleza. Era pequena, assim...

Serigaita — Leviana. Assanhada. Mulher que não namora carrapato porque não sabe qual é o macho. Que serigaita! Só vive de olho nos homens alheios. Qualquer dia eu dou uns tapas naquella serigaita.

Seringueira — Arvore da borracha. Vegetal amazonico donde se extrae um leite que, depois de coagulado, se transforma na gomma elastica applicada em milhares de industrias. Ha numerosas especies, que melhor se differenciam pelas sementes que propriamente pelo perfil botanico. Entre a "hevea brasiliensis" e a "hevea guyanensis" repontam dezenas de qualidades mais ou menos elasticas, mais ou menos duradouras, mais ou menos delicadas. Nativa da Planicie, foi transportada para o estrangeiro, Asia e India, onde a intelligencia do homem a adaptou para concorrer com a silvestre. O grande problema afim de readquirirmos o mercado, hoje perdido, é o da plantação em grande escala. Faltando o capital para semelhante trabalho, temos que aguardar a vinda do ouro dos grandes industriaes, dos grandes banqueiros, das grandes empresas, nacionaes ou estrangeiras.

Sermão — Conselho. Admoestação. Não venha com sermão p'ra meu lado, seu Peregrino, que eu já estou farta. Vá pregar sermão p'ra sua vó-torta. A toda hora é sermão nesta casa.

Sernamby — Nome que actualmente se dá na Amazonia á borracha que não é defumada. Resto de seringa. Typo in-

ferior da gomma elastica. Sernamby, antigamente, chamavam-se os conglomerados de carapaças de molluscos e de onde se extraía a materia prima na fabricação da cal.

Servilha — Chinela.

Sésta — Pequeno repouso em rêde depois do almoço. Uns pegam no somno, outros descansam apenas. A não ser quem tenha obrigações immediatas, todos na Planicie dormem a sésta. Que é do seu padrinho? 'Stá na sésta. Não faça barulho que mamãe 'stá sestando. Que sésta comprida, "meu nome".

Sexta-feira — Amante. Aquella é a sexta-feira do doutor.

Sinhô — Rapaz, joven, moço. Tambem o usam como resposta. Venancio, ó Venancio, por onde andas, Venancio? Sinhô, responde o Venancio.

Sirga — Processo por que as canôas e batelões navegam no Amazonas no tempo da vasante. Amarra-se á prôa uma linha de barca ou cabo fino e os tripulantes, correndo pela praia, rebocam a embarcação, que é guiada pelo piloto á popa, no jacuman ou no leme.

Sitio — Pequeno estabelecimento agricola. Moradia fóra da séde dos municipios. Especie de retiro que as pessoas mais abonadas possuem na proximidade dos povoados, villas ou cidades. O sitio da nhá Euphrasia é só cacau. O sitio de nhá Evangelina tem de um tudo.

Situação — Estado moral. Que situação, a minha. Preso por ter cão e preso por não ter. Que triste situação a do com-

padre Cornelio. Aquillo só a bala. Estou núma situação muito melindrosa.

Sôco! — Exclamação do caboclo ao perceber exaggeros em qualquer cousa. Que fazenda cara, sôco! Que homem alto, sôco! Como enriqueceu de pressa, sôco!

Solidonia — ("Boerhavia paniculata") — Planta rasteira. Herbacea. As raizes são muito apreciadas para combater as molestias do figado.

Solimões — Nome dado ao trecho do Amazonas que medeia entre a foz do rio Negro e a fronteira de Tabatinga. Uns pensam, como La Condamine, que esse nome provém das frechas intoxicadas do selvagem, e que significa rio dos venenos. Outros, que elle se origina das frotas de Salomão, que andaram por aqui em busca de ouro, prata, cedro, macaco, pavão, e que reproduz, num éco biblico, o nome do rei sabio, illustre e amoroso, que não só espantava a rainha de Sabá com as suas sentenças maravilhosas, como cantava, no **Cantico dos Canticos**, a graça e a belleza da infortunada Sulamita.

Sopapo — Bofetada. Tapona. Tu andas procurando mas é levar uns sopapos.

Sovina — Mesquinho. Que não reparte as cousas. Alheio a sentimentos generosos. Que sujeito sovina, não dá um vestido p'ra gente...

Sucia — Gente sem cotação. Grupo de pessoas desacreditadas. Que sucia é aquella, compadre? E' de Canudos, é do Curro, é do Galpão. Aquella sucia não entra na festa. Mas que sucia...

Sumaumeira — ("Ceiba pentandra") — Da familia das bombaceas, é uma das maiores arvores da Amazonia e a maior da varzea. Embora medre na terra-firme, o seu **habitat** é a região baixa de solo novo, onde a terra mal levanta ainda o collo da lympha. Bella, imponente, dá uma paina sedosa, creme, propria para encher almofadas e travesseiros. Abrindo a sua formidavel umbella sobre o mar chlorophillado da folhagem da selva, os seus galhos horizontaes, como braços cyclopicos distendidos, vivem cobertos de epiphitas e parasitas, de tal modo, que é raro o exemplar que não apresenta uma decoração caprichosa de lianas, orchideàs e bromelias. O seu reino predilecto é o estuario do Rio-Mar, em cujo archipelago reponta aos milhares. Isto, por certo, em virtude da disseminação ahi das sementes, feita pelo fluxo e refluxo da maré atlantica. Tronco soberbamente defendido por sapupemas, ha exemplares que apresentam mais de vinte dessas raizes fóra da terra e em forma de porta de leme, constituindo muitos abrigos em volta do tronco. Madeira ordinaria, branca, leve, sem cotação nos mercados da carpintaria e marcenaria, viva, na arvore, resiste por seculos a fóra.

Sumetume — Porta secreta, aberta entre paus e folhagens, disfarçadamente, pela paca. Sempre que o caçador entoca esse roedor, tapando-lhe todas as saidas visiveis, ella foge pelo sumetume.

Supimpa — Excellente. Delicioso. Superior. Que boia supimpa. As festas da comadre Jucundina são supimpas, tem de um tudo. Comes e bebes á farta. Bagunça della é supimpa, mas acaba sempre em fusuê.

Suruanã — Tartaruga do mar. Grande chelonio do oceano quasi desapparecido das costas maritimas do Pará. Do seu casco se fazem pentes, cofres, castões, piteiras muito delicados.

Surubim — ("Platystoma fasciatum") — Peixe de pelle de regular tamanho, malhado de branco e preto. Chega a 20 kilos. E' apanhado a linha, rêde, e representa, principalmente quando está gordo, no tempo da cheia, um prato delicioso.

Surucucú — ("Lachesis rhombeata" ou "Bothrops surucucú"). Cobra venenosa, tanto mais respeitada quanto são rapidos os seus movimentos. Dá o bote num relampago e mata quasi fulminantemente. Vive na floresta e habita no buraco das pacas. Tem um silvo fino e agudo. Gosta da terra alta.

Sucurijú — ("Eunectes murinus") — Esta cobra é uma verdadeira mina literaria. Apesar de ser a maior da Amazonia, encontra-se mais nos livros que nos igapós. Tem feito peores estragos entre leitores que entre pescadores. Sobre o seu tamanho, a phantasia trovadoresca dos rhapsodos e a grave medida dos naturalistas ainda não chegaram a um accordo. Vae do tamanho duma montaria ao tamanho duma galéra. Em casos de aperto dramatico, botam-lhe olhos de fogo, mettem-lhe velas, machinas e mandam-n'a espantar a humanidade com o nome de cobra grande, boiuna, mãe dagua. A verdade é que ella não é venenosa, mede cerca de 15 metros, e o perigo que offerece reside na força constringente com que parte os ossos da presa para depois engulil-a.

Supetão — De repente. Fui aggredido de supetão. Eu nem esperava quando elle me deu a bofetada. Só mesmo de supetão. Dei-lhe um tapa de supetão que o bicho embolou.

Synagoga — Cabeça. Alto da synagoga, alto da cabeça. Não sei o que este sujeito tem na synagoga. Só sendo pedra. Templo hebraico.

Tabaco — ("Nicotiana tabacum") — No sul chamam fumo. Escriptores nossos, aclimados, porém que não são da Amazonia, buscam mil rodeios para evitar a palavra tabaco, que não é immoral na Planicie, como succede nos demais pontos do Brasil. Fumo aqui é fumaça e tabaco, tabaco mesmo.

Tabatinga — Argilla plastica, escorregadia, de todas as côres. Agassiz quando andou na Planicie ficou admirado da variedade de tintas da tabatinga. Percebe-se, na maneira por que o homem civilizado emprega essa palavra tratando de barro de varios tons, o esquecimento do significado aborigene, pois tinga, na lingua tupi, significa branco. Não é assim natural que se chame á argilla verde, azul, vermelha, de tabatinga.

Taberna — Mercearia. Casa de commercio a retalho. Taberna bem sortida a daquelle **cutruco**.

Tabóca — ("Guadua") — Da familia dos bambús. As pequenas, de hastes finas, são usadas nas frechas. As grandes, conhecidas por taquarassú, altas de vinte metros, grossas de

vinte centimetros, lembrando tubos de encanamento d'agua. servem para construir casas, postes, canis, gallinheiros.

Taboleiro — Praia alta, ás vezes renteando a terra, ás vezes isolada a meio rio, onde desóvam as tartarugas.

Tabúa — ("Cyperus giganteus") — Grandes juncos que florescem nos pirysaes. Com o seu talo se fabricam esteiras.

Tacacá — Gomma da tapioca misturada ao tucupy fervido com alho, sal, camarões, jambú e pimentas de cheiro. Serve-se quente em pequenas cuias pretas. A' primeira vista é desagradavel, principalmente a quem desconhece a bebida. Os paraenses e amazonenses apreciam muito o tacacá.

Tachyseiro — ("Triplaris surinamensis") — Arvore de porte medio, esguia, de tronco avermelhado, é um excellente "habitat" aéreo da formiga tachy, sobretudo nas cheias, quando os rios desbordam e alagam as margens. Propria das varzeas, floresce no principio da vasante, e vae, de junho a setembro, enfeitando o debrum ribeirinho do baixo Amazonas. E' uma verdadeira festa de Flora pelos barrancos quando ella desabotoa. Marcam, então, nas petalas brancas e ferruginosas, o apparecimento do carapanã, que só se estingue depois de sumir a derradeira flôr do tachyseiro.

Tacuára — Frecha de taboca. A maior da Amazonia Tem o bico largo, em lança, do proprio bambú.

Tacuruá — Fogão indigena. Compõe-se de tres pedras ou bolas de barro, dispostas em triangulo, onde assenta a panela.

Tainha — ("Mugil incilis") — Peixe que apparece com abundancia nas costas de Marajó voltadas para o Atlantico, no tempo do verão. Os curraes de Soure ficam cheios. Vendem-n'a fresca, moqueada e salgada. A ova, sêcca ao sol, é muito procurada. Nos tempos coloniaes corria como dinheiro, pois era com pacotes de tainha que se pagavam os funccionarios publicos. Uns ganhavam 20 pacotes, outros 30, 40, 100. Não virá dahi o termo pacote, que se dá ao conto de réis?

Tajá — ("Caladium bicolor") — Ha de varios tamanhos e de varias côres. Os mais communs são o verde-roseo, o verde-branco e o puramente verde. Este, de folhas enormes. Tanto medram no solo como nos galhos das arvores. Ha o tajá-quepia, o tajá-membéca, o tajá-brasileiro, e o tajá-de-sol. Todos apropriados á decoração dos parques, salas, e, alguns, á pajelança domestica. Silvestres.

Tala — Tira de casca de certas palmeiras com que se tecem balaios, gaiolas, cestos, paneiros, panacús. Vou tirar tala para fazer minhas gurupemas e meus abanos. Tala de jacitara é que é bôa, dura muito.

Talha — Grande vaso de barro poroso destinado a esfriar agua. E' vermelha e do feitio dum cantaro. Usa-se muito a bordo dos "gaiolas", dentro de caixas de madeira. A agua é tirada com um pucaro de folha de Flandres e passada para os copos enfiados em buracos abertos no alto da caixa. Tambem se dá a bordo o nome de talha á subdivisão na contagem de lenha, de paneiros de farinha, de tijolos, de pelles de borracha. Quando perfaz, por exemplo, o numero vinte, cincoenta, cem, o marinheiro exclama: talha! E principia de novo, um, dois, tres. Ha uma anecdota pittoresca sobre isto. Conta-se que um immediato muito esperto, para lograr nos portos o recebe-

dor da mercadoria trazida pelo "gaiola", ensinára o marinheiro encarregado das talhas, na entrega dos paneiros de farinha, a contar assim: diz um, diz dois, diz tres, diz quatro, diz cinco, diz seis, diz sete, diz oito, dezenove, vinte. O caboclo recebia invariavelmente dez por vinte, porque do diz oito o talhador passava, não p'ra diz nove, mas para dezenove e vinte.

Tamacuaré — ("Enyalius") — Lindo lagarto verde com serra no dorso.

Tambaqui — ("Myletes bidens") — Peixe dos lagos, igarapés e igapós. Apanham-n'o a linha e a frecha. Gosta muito de fructinhos. Come os do taperebá, catauary, jauray. Qualquer baque na superficie dos lagos e igapós chama-o á tona. O pescador engana-o batendo o anzol do caniço á flôr dagua. Elle sobe rapido e engole a isca. Abrem-n'o em duas bandas; enfiam cada uma, ao comprido, numa varinha e moqueam-n'o. Assim, é chamado em Manáos tambaqui de cacete. Ha um tempo em que sua carne está dura, revessa. E' logo depois da desóva. Tambaqui no chôco, appellidam-n'o.

Tamuatá — ("Callichthys") — Peixe cascudo que vive, como o acary, nos aguaçaes, entre o lodo. Pega-se a mão. Carregam-se montarias com elle para depositar nos curraes das casas. Cosinhamn'o sem o abrir, porque o caboclo o que mais estima do tamuatá são as visceras com tripa e tudo.

Tanga de barro — ("Folium vitis") — Tambem chamada **babal**, este adorno feminino foi usado pelas primitivas mulheres de Marajó. As mais simples, segundo Ladislau Netto, eram pintadas de vermelho. "São placas triangulares, explica o grande archeologo alagoano, curvilineas, ou, melhor, triangulos esphericos ligeiramente irregulares nas extremidades e no

encurvamento, quanto necessario a se adaptarem ao orgão destinado. Em cada angulo existe um orificio para atal-as por meio de um cordão". Ha duvidas sobre o uso dessa tanga. Seriam ornamentaes ou lithurgicas? Isto em virtude dos desenhos, que, apesar de finos, delicados, guardam certo cunho mysterioso. Cheias de hieroglyphos, umas apresentam faces humanas com a cruz grega ao centro; outras emblemas, allegorias, meandros, braços. Muitos caracteres symbolicos da escripta marajoara apparecem nesses **babaes** de argilla. Numa nota da redacção do 1.° volume dos **Archivos do Museu Nacional**, a proposito dum trabalho de Carlos Frederico Hartt sobre tangas de barro marajoaras, lê-se o seguinte:

"Tanga, e mais acertadamente **ntanga**, é o nome dado a uma moeda asiatica. No plural significa direitos ou rendas de terras, ou ainda essas mesmas terras de certo modo caracterizadas. Nas possessões portuguezas da Africa e da Asia, assim como no Brasil, estendeu-se este nome á denominação do pedaço de tecido com que os indigenas destes paizes occultam as partes pudendas. Diz-se que esta homonymia é devida ao custar outr'ora uma **tanga** o retalho de panno que na Asia era para este fim comprado. A lingua brasileira em seus dialectos tem palavras com que designa objectos do mesmo uso, mas fabricados de penna e de tecidos vegetaes; não os possue, que saibamos, para a especie de que se fala (de barro), a qual, verdadeiro artefacto archeologico, não a conhece nenhuma das tribus nossas coevas. E' a folha da videira das antigas Evas de Marajó. O segredo de seu nome guardam-n'o para sempre, com as urnas dos perfumes das virgens morenas dos tupys, as areias mudas da grande ilha".

Tangapema — L. G. Especie de sabre de madeira dura, pesada, afiada e que os indios trazem pendente da cintura como uma baioneta.

Tangurupará — ("Monasa nigra") — Ave trepadora negra, rabo longo, bico escarlate. Abundante nos cacauaes, onde destróe os insectos. Segundo a lenda indigena, é o unico alado que não é arremedado pelo japihim. E isto porque o japihim julga que o bico do tangurupará, vermelho, anda tinto de sangue, sendo pois um animal temivel.

Tapagem — Um dos muitos processos de pescaria na Amazonia. Tapam a bocca dos lagos, dos igarapés, dos aguaçaes com redes de fio de algodão, fibra de envira, talas de palmeira e tocam o peixe, que vae ter á saída, fechada pela tapagem, e onde é apanhado.

Tapajonia — Bacia do rio Tapajós. Região da Amazonia que os geologos consideram carbonifera. Hartt já andou lá; Agassiz e Branner tambem. Ford, o archimillionario **yankee**, está fazendo grandes plantações de seringueira á margem desse valle. Ha pontos da Tapajonia em que os lençóes de pertoleo estão visiveis.

Taperebá — ("Spondias lutea") — Grande arvore silvestre. O fructo amarelo, acido, cheiro activo, polpa summarenta, tem o tamanho dum ovo de rôla. Em refrescos e sorvete é magnifico. No sul chamam-n'o de cajámiry.

Taperebá do sertão — ("Spondias dulcis") — Arvore regular. O fructo, chamado no sul cajá-manga, é do tamanho dum ovo de jacaré; doce, é vivamente acidulado, dum amarelo-esverdeado na casca e alaranjado na polpa que envolve o caroço de fiapos duros.

Tapicuim — L. G. Ninho de cupim feito no chão. Em geral affectam a fórma cónica, com seis palmos de altura, argamassados de argilla vermelha e parda.

Tapióca — Amido. Pó alvo extraido da mandioca. Excellente polvilho usado pelas engommadeiras da Amazonia nos peitos e punhos de camisas brancas. Com ella se faz o tacacá e a farinha de tapioca, alem de bolos.

Tapira — L. G. Anta. ("Tapirus americanus") — E' o maior quadrupede da Amazonia.

Tapéra — Casa em ruina. Logar abandonado. Sitio, palhoça, que não tem mais moradores.

Tapurú — Larva de lagarta que se cria na entrecasca podre dos paus. Algumas são peçonhentas, outras venenosas, e outras comidas de indios.

Tartaruga — ("Podocnemis expansa") — Da agua doce, os nativos chamam-n'a Yuraraguassú. Pescam-n'a de viração, nos taboleiros, ao tempo da desóva; de anzol, de frecha, de tapagem, em outras épocas. Pôe em média cem ovos, que o sol se incumbe de chocar, enterrados nas praias. E' uma das iguarias delicadas da Amazonia. O boi do caboclo. Della se fazem varios pratos: o guisado, o sarapatel, o paxicá, o picado no peito, a farofa no casco. A gordura derretida é um tempero superior á banha de porco. Assada, de um dia p'ra outro e posta no tucupy, é deliciosa.

Tarubá — Bebida composta de beijúasssú dissolvido em agua.

Tatá — L. G. Fogo.

Taticuman — Fuligem. Quasi a mesma cousa que "picuman". A differença é simplesmente na falta de bambinelas daquelle.

Tatajuba — ("Chlorophora tinctoria") — Conhecido por limãorana, é o pau-Brasil-amarello do Baixo Amazonas. Da madeira se extrae uma tinta com que se colore o algodão e o linho.

Tauá — Nome exclusivo da tinta que se extrae da tabatinga amarela. Gente, como está o compadre João, parece tauá. Está amarello que só tauá.

Tauary — ("Couratari") — Grande arvore cheia de sapupemas donde se extrae o "liber" que fornece a celebre mortalha para os cigarros indigenas.

Tavares Bastos — Publicista, parlamentar, politico, nascido em Alagôas em 1839, falleceu em Nice em 1875. Deputado pela sua provincia natal aos 21 annos de idade, conquista no Parlamento do Segundo Imperio um dos postos mais notaveis. Entre as suas grandes campanhas, destaca-se, pelo vulto, a da abertura do Amazonas ás bandeiras de todos os paizes. Apresentou a respeito o primeiro projecto na Camara temporaria, projecto que nem foi tomado em consideração. Insistiu nesse objectivo com a tenacidade dum apostolo que pretendia victoriosa aquella idéa. Um anno antes de ser aberto o grande rio, Tavares Bastos emprehendeu por sua conta uma longa viagem de estudos pelo immenso valle. Examinou como politico que tem o senso das realidades todas as vitaes necessidades da gleba maravilhosa. Como fructo de tão fecundas observações publicou um livro, hoje raro, o **Valle do Amazonas**, no qual, com uma admiravel lucidez prophetica, surprehendia o futuro da formidavel planura. Muitos dos problemas de que tratou estão ahi desafiando a actividade dos homens de Estado. Tavares Bastos foi um dos benemeritos da Amazonia, da qual se fez ardente e desinteressado paladino. "Maior do que isto só o Universo", exclama elle ao se defrontar com o radioso valle.

Tear — Grande quadro de madeira, collocado no sólo em sentido vertical, com pequena inclinação para a parede em que se apoia, e no qual as mulheres da Amazonia tecem excellentes rêdes de tucum e fio de algodão.

Tecô — L. G. Assim... assim. Do mesmo modo. Na fórma do costume. Como vae você? No meu tecô. Remando...

Tecoayba — L. G. Peccado.

Tejupá — Barraquinha de palha. Pouso, rancho.

Tembetá — L. G. Adorno selvagem. Batoque de pedra ou madeira que os indios introduziam no labio inferior. A pedra verde era sempre a preferida. Tinha o feitio dum prego grosso, ficando a cabeça do prego pela parte de cima do beiço.

Tendal — Girau de madeira ao ar livre onde seccam os bagos de cacau depois de aberto o fructo. Em geral tem uma cobertura para a noite, de folhas de zinco ou de palmeira, afim de que os caroços não apanhem sereno e não humedeçam.

Tento — Fava de certas arvores. Alguns são encarnados ou amarelos, outros encarnado-preto.

Terçado — Grande faca de arrasto que os vaqueiros e seringueiros trazem pendente da cintura. Facão. E' instrumento imprescindivel ao agricultor para abrir roças, cortar arvores finas, decepar cipós. Não ha casa na Planicie que não tenha um terçado. E' collega do machado, que se vê por toda a parte.

Terens — Haveres. Já não resta nada dos terens delle. Vendeuzinho todos os terens p'ra se curar. Tinha o peito aberto de tanto carregar lenha.

Térno — Fato completo: calça, collete e paletó. Parece que o Jeremias tirou sorte grande, gente. Por que? Está de terno novo. Aquelle forreta só compra terno com a loteria. Vou mandar fazer um terno cinzento.

Terra-firme — Terreno alto, que não alaga. A cavalleiro das cheias, mesmo nas grandes inundações. O seringal do compadre é numa terra-firme coberta de laranjaes. Que linda rebolada de terra-firme.

Terreiro — Solo varrido, limpo, plantado, na frente das moradias do interior, á beira dos rios e lagos. Que terreiro bem tratado, não tem um capim. O terreiro do "sitio" do capitão Policarpo dá vontade da gente deitar. Seu terreiro, nhá Chica, é uma belleza.

Terroada — Logar alto. O barracão é numa terroada. Naquella terroada é só castanheira.

Teso — Lingua de terra que liga, através de regiões lacustres, logares alagadiços, estabelecendo communicação entre duas zonas enxutas.

Tétéia — Moça bonita. Rapariga formosa. Olha aquella tétéia que vae alli na procissão. Lembra uma santa. Tem geito de imagem. Parece que desceu do altar. Quem é aquella tétéia com quem tú andavas hontem? E' minha noiva.

Theodor Kock Grunberg — Ethnographo allemão. Foi um dos derradeiros naturalistas que visitaram a Planicie nas suas

lindes do occidente. Palmilhou as abas do sul, nas regiões de Matto Grosso e as abas do norte, nas regiões guyanenses. Estudou as tribus indigenas do Xingú, do Japurá, do Uapés, do Negro com rara minucia e intelligencia. Tomou parte na Expedição de Hamilton Rice. E' citado como um dos poucos homens civilizados que atravessaram o divisor de aguas entre o Brasil e a Venezuela. Sentindo-se prestes a morrer em Vista Alegre do rio Branco, pediu que lhe enterrassem o corpo em pleno campo, no meio da natureza bravia. Assim foi feito. Os maldizentes affirmam que o livro **Macunaina,** do festejado escriptor Mario de Andrade, é todo inspirado no **Von Roroimã Zum Orinoco** do sabio. Desconhecendo eu o livro do naturalista germanico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manáos, possue talento e imaginação que dispensam inspirações extranhas. Infelizmente o brasileiro só crê e exalta a obra do advena. E' uma falha do nosso caracter.

Therma — Em toda a Planicie amazonica, até hoje desvendada, não são bastante conhecidas as regiões thermaes, as fontes medicinaes com aguas variaveis em gráos calorificos. Em Monte Alegre, na Prainha, e em outros logares altos, ao norte do Amazonas, isto é, na região guyanense, conhecem-se varios mananciaes, sulphurosos, ferruginosos, magnesianos, sem comtudo já ter havido por ahi um exame capaz de transformar essas fontes em estancias thermaes.

Tição — Parte carbonizada de um pequeno pedaço de madeira combustivel que serviu no fogão ou na trempe do moquem. Ponta negra de uma lasca de pau que já ardeu e que apagou. Chamam tambem ironicamente ao preto de tição. Olha aquelle preto, parece um tição. Gente, que negro retinto. Só tição. Ah! uma onça...

Tico — Pequeno. Pedaço. Pouco. Não corte muito p'ra mim. Quero só um tico. Olhe aquelle sujeito, compadre, é um tico de gente. O' su Benancio, probe-me cá este binho. Eu não bebo esp'rito, seu Mané da Horta. Mas emfim bote um tiquinho, bem gito.

Tijelinha — Vasilha. Recipiente usado pelo seringueiro para colher o leite que escorre da cesura aberta pelo golpe de machadinho no tronco da seringueira. Antigamente era de barro, agora é de folha de Flandres. Esta seringueira é de verdade, pega dez tigelinhas.

Tijuco — Lodo, lama. Massa muito plastica e fina de sedimentos carreados pelos cursos fluviaes. Tem a côr cinzento-escuro.

Tijucopáua — L. G. Logar de tijuco, lama, tremendal, praia de lodo. Atoleiro.

Timbó — ("Longocarpus") — Cipó donde se extrae um toxico com que os pescadores envenenam a agua dos igarapés e lagos para estontear os peixes e apanhal-os. A's vezes carregam na dóse, e, em vez de atordoal-os apenas, matam-n'os. Ficam, então, as aguas coalhadas de peixe de bubuia, que apodrece e em sua maioria se perde. Em muitos casos o toxico, mesmo depois do peixe fervido ou moqueado, se transmitte a quem o come, produzindo envenenamentos de familias inteiras. E' a mais damninha fórma de pescar na Amazonia.

Tipiti — Cylindro de talas de palmeiras tecido de fórma que, esticado nas duas extremidades, comprime a massa que está dentro e faz escorrer o succo. E' com elle que se

obtem o tucupy e o vinho de cacau. Faz parte da apparelhagem do fabrico da farinha dagua.

Tipoia — Alça de panno enfiada no pescoço, na qual se descansa o braço ferido, a mão doente. Tambem chamam á rêde tipoia. Vou dormir a sésta na minha tipoia. Tenho uma tipoia branca que é uma belleza de macia.

Tipúca — Leite que se extrae da vacca no momento em que esta já tem o ubere quasi esgottado. E' grosso, rico em gordura. Os doentes, nas fazendas, só tomam tipúca. Comadre, você está quasi como um baiacú. E' tipúca, meu bem...

Tirando uma linha — Observando. Estava tirando uma linha daquella pequena. E' bonita de verdade. Que linha é essa que você está tirando, meu coração. Ah! é da Carlota. Tirei uma linha da tua conversa com a Gertrudes.

Titica — Excremento. Gente, pisei na titica de gallinha. Estou fedendo a titica de gato. Credo, como está cheio de titica de cabra... Minha roupa está cheia de titica, parece que sahi dalgum gallinheiro.

Tóca — Esconderijo. Cova. Buraco de paca ou caetetú. Tóca nos paus ou nas galerias subterraneas.

Tocáia — Espera nos galhos de arvore, atraz das arvores. Está de tocáia; aguardando caça ou inimigo.

Tocantins — Rio que desce do sul para o norte. Vem do plató sereno de Goyaz ás varzeas inconstantes do Pará. Dos grandes caudaes do Septentrião, elle é o mais brasileiro dos rios: só roe a sua terra. Nasce na gleba mais velha do planeta e morre na mais nova. Encachoeirado, é um curso de

montanha e de planicie. De aguas esverdeadas, antes de penetrar o oceano mistura-se á corrente que vem do Amazonas pelos furos de Breves, turva-se, atravessa varias bahias, como a do Marajó, e lança-se no Atlantico.

Toqueiro — Seringueiro que entrega a borracha no toco da hevea, isto é, vende o artigo pelo preço que o aviado lhe faz no momento de recebel-a na floresta. Ha seringueiros que mandam o genero por conta propria, sujeitando-se ao preço que vigorar quando for negociado em Manáos ou Belem. Esse não é toqueiro.

Torrão — Bloco de tabatinga que escorrega das ribanceiras e fica no meio dos altos affluentes, endurecido por muito tempo. Parece pedra. Produz grande rebojo. Os "gaiolas", emquanto o rio não enche inteiramente, evitam-n'o. Dissolve-se com a acção das aguas.

Tostão — Moeda de nickel de cem reis. Cinco tostões: antigas notas de papel. Dez tostões: notas actuaes de mil reis.

Tracajá — ("Podocnemis dumeriliana") — Dos chelonios, amazonicos é o de ovos mais gostosos, mais finos, mais delicados. Não excedendo no Baixo Amazonas a cincoenta centimetros, no Alto vae a um metro. Desóva no Baixo Amazonas pelos barrancos de argilla, emquanto que no Alto é pelas praias. Gosta do sol. Sobe aos troncos deitados nas beiradas e ahi fica muito tempo aquecendo a carapaça.

Trahira — ("Macrodon") — Peixe do matto, isto é, dos igapós, dos alagadiços, das beiradas cobertas de vegetação. Ha um ditado que se refere á trahira, decorrente talvez da sua indifferença pelo anzol iscado com a carne de outra trahira.

Sempre que se vê um sujeito qualquer na politica, no commercio, nas letras, na religião, no jogo, ser tolerante com o adversario, ou porque o tema ou porque o desprese, diz-se o seguinte: Trahira não come seu parente...

Trahira m'boia ou Pira m'boia — ("Lepidosirem Paradoxa") — Da familia das enguias de agua doce, até 1837, os sabios hesitavam em classifical-a na taboa dos peixes, dos sapos e das cobras. Foi Blainville que, depois de minuciosos estudos, a incluiu na ordem ichythiologica. Hoje a zoologia a cita como forma intermediaria entre os peixes e os batrachios, em virtude de um par de pulmões que, alem do apparelho branchial, dá ao animal as vantagens de respirar nagua e em secco, podendo viver no fundo dos igarapés ou na toca argamassada dos barrancos. Como se vê, é um peixe que está no periodo de transição, evoluindo dos lençóes aquaticos para a terra humida. Confirma, assim, a hypothese de que todas as vidas surgiram do mar. Dahi o interesse que têm os sabios em ver o animal que reforça e remarca um instante millenar de transição. Preta, pintada de branco, com cerca de um metro de comprido, tem a cauda chata, em cuja zona e exteriormente se encontram debeis filamentos. A primeira trahira m'boia encontrada num lago de Borba, bacia do Madeira, o foi por Natterer, celebre naturalista que andou na Amazonia (1832). O conde de Castelnau descobriu a segunda no rio Ucayale, Perú, em 1845. Barbosa Rodrigues topou a terceira no igarapé do Aterro, em Manáos. Antes, na Asia, Adanson e Arnaud já haviam descoberto alguns especimens. Natterer accrescentou ao nome do **lepidosiren** o de **paradoxa,** Castelnau o de **dissimilis,** e, Barbosa Rodrigues, o de **giglioliana** Mas, alem deste especimen, ha, na familia das lepidosireias, outros exemplares, como o mussú, **symbranchus marmoratus** e o puraqué, **gymnotus electricus,** que são cunhados e primos da trahira m'boia.

Tranca — Escóra. Fecha bem a porta, com tranca. Depois da casa roubada, tranca na porta. Manda botar uma tranca senão gatuno entra de novo.

Trapiche — Ponte sobre a qual é construido um armazem para abrigar mercadorias e onde atracam os navios afim de carregar e descarregar. O porto de Belem, antes do cáes actual, era cheio de trapiches. Cada empresa de navegação, transatlantica ou fluvial, tinha o seu. Com os melhoramentos do porto estão desapparecendo. Ainda assim, quasi todas as cidades e villas paraenses do estuario tocantino e amazonico têm, no porto principal, um trapiche. Na região das **Ilhas**, onde a terra ainda é muito baixa, não é possivel um barracão sem o trapiche. Em geral são armados sobre estacada de madeira de lei.

Traquejo — Experiencia. Pratica. Você parece que não tem traquejo de vaqueiro. Tenho. Sou traquejado. Laço, aperto, derrubo. Quero é tres cavallos p'ra minha sélla. Nem um, nem dois cavallos aguentam serviço da férrea. Só de tres p'ra cima.

Traste — Falso. Mau amigo. Cheio de defeitos. Aquillo é um traste. Safadeza chegou alli e armou rêde.

Trastejar — Hesitar. Vacillar. Não trasteje na corrida, compadre. Mão firme na redea e perna apertada na barriga da montada. Olho "fixe" entre as orelhas do animal e relho nelle.

Trepa-moleque — Pente grande em fórma de telha que as mulheres da Planicie usavam. Vae caindo em desuso. Inglez de Souza, nos seus **Contos Amazonicos**, ainda se refere a elle.

Troça — Ironia. Remoque. E' um sujeito que só vive fazendo troça. Elle faz troça até com a mãe dos outros.

Trocano — Tambor de guerra com que o selvagem transmitte, pelo som, signaes aos companheiros distantes.

Tronco — Instrumento de castigo feito dum toro de pau furado por onde entram as pernas do castigado. Bóto este preto no tronco. Aquelle brabo anda procurando é tronco. Antigamente era usado para castigo dos escravos, nas senzalas. Agora usam-n'o em certos seringaes onde a lei do 44 é que rege a sociedade.

Tropa — Rapaziada. Grupo de moços de clubs, de sociedades que vae aqui, ou acolá, em reunião. A tropa vem ahi. Hontem combinamos que a tropa chegaria ao bater das dez. A minha tropa é limpa. A tropa lá do Sport-Club é ranzinza.

Tronqueira — Muitos paus fortes fincados casualmente no leito do rio difficultando a navegação. Aquelles rebojos são duma tronqueira. Está bem no meio do rio. **Curuçá** já furou nella. A passagem é ruím por causa da tronqueira. E' tudo piranheira. Cada uma desta idade. Machado alli é besteira. Só fogo.

Trote — Surriada. Môfa. Os estudantes deram um trote hontem num calouro. Levei um trote por ter escorregado na sala. Tenho mais medo de trote do que o diabo tem da cruz.

Truque — Trapaça. Logro. Elle fez um truque com as cartas. Ninguem lhe vê os truques. E' muito agil. Eu perdi no negocio devido a um truque. Sua vantagem é fazer truques.

Tucanos — São trepadores considerados entre as aves o que são as preguiças entre os mammiferos. Isto, em virtude dos movimentos lentos, demorados. O tucanassú ("Rhamphastos toco"), de plumagem negra, grande bico amarelo, é o maior de todos; ha o de bico preto ("Rhamphastos vitellinus"), e o de bico preto e branco ("Rhamphastos Cuvieri").

Tucháua — Chefe de tribu indigena. General aborigene. Maior figura na direcção das malócas. Tambem chamam pejorativamente de tacháua aos paredros politicos da Amazonia. Pelo interior vão mudando a casca desde capitão, major, coronel, até chefe, isto é, tucháua. Nas cidades, com o advento de certos governadores, typos sem importancia viram cobra de repente e bancam o tucháua, o chefe. Disque já é chefe do Partido Limão com Assucar em Garrafa de Litro. Casa delle vive assim, de gente. Roceiro é só mandando lembrança, tartarugota, jacamim, jacú, mutum, gallinha, até cunhantan p'ra servil-o. Papo delle tá tufando que nem baiacú.

Tucumã — ("Astrocarium tucuma") — Palmeira do Solimões e rio Negro. Dá uma fibra magnifica, chamada tucum, propria para as redes conhecidas pelo nome de maqueiras. Algumas são mais claras, produzindo fio quasi branco; outras pardacentas. Ha redes dessas que valem, pela qualidade do tecido e pela perfeição da linha, um conto de réis. As maqueiras communs, urdidas em ponto de tarrafa, custam dez, quinze e vinte mil réis.

Tucupy — Caldo de mandioca. Antes de ser fervido é venenoso. Além do tacacá, elle serve para cosinhar caças e peixes, aos quaes trasmitte gosto especial, sabor picante e esquisito. A paca no tucupy, a tartaruga no tucupy, o tambaqui no tucupy são acepipes estimados na Planicie.

Tuíra — Cinzento. Preto desbotado. Ruço. A epiderme do negro, quando em contacto com o tijuco, fica tuira. Os grandes caules escuros de palmeira deitados nos taludes do estuario, para servir de ponte entre o porto e a barraca, ficam tuiras de lama.

Tupacy — L. G. Mãe de Deus.

Tupan — L. G. Trovão. Deus.

Tupana — L. G. Imagem ou Santo. Deusa.

Tupanaroca — L. G. Templo. Igreja. Casa de Deus.

Tupana tayra rangaba — L. G. Crucifixo. Imagem. Parecido. Filho de Deus.

Tupanauatá — L. G. Procissão.

Tuparendaba — L. G. Oratorio. Sacrario.

Tupé — Esteira. Fazem-n'a de tabúa, de palha, de tala. O caboclo "remediado" usa em balxo de sua rêde, como um tapete, o tupé de tabúa. As cunhantans fazem serões de costura, de renda, de leitura, sobre tupés.

Tupinambarana — Tupinambá falso. A maior ilha do Estado do Amazonas. E' saudavel, cheia de florestas e campinas, toda cortada de furos. Na sua extremidade oriental está a cidade de Parintins, que já foi villa nova da Rainha, cidade da Imperatriz e aldeia dos Tupinambaranas.

Tutú — Phantasma. Duende. Não esteja gritando meu bem, se não chamo o tutú. Tutú vem ahi para comer as crianças choronas e levar todas as que não dormem. Durma já, meu filho. Vem, de certo, de murucututú, que é uma ave agourenta, tida entre os selvagens como phantasma.

Tyquara — Aguado, que leva agua, xibé.

Uai! — Interjeição de espanto, de surpresa. Uai! por onde você entrou, será? Uai! não é que tem cobra aqui dentro; senti uma cousa mole passar no meu pé.

Uaiua — Estado em que fica a agua dos affluentes com os primeiros "repiquetes". Os peixes boiam como envenenados. Os tambaquis, com os beiços grossos, são mortos a cacete, de bubuia. Agua má, ruim, maligna.

Uamiry — Setta feita da palmeira inajá e que é lançada pela zarabatana. A parte posterior dessa pequenina frecha envenenada é envolvida numa bola de paina de sumaúma. E' accionada pelo sopro. Propria para caça.

Uapé — Victoria-regia, mururú ou mururé. Nome emfim que o indio dá ás nympheáceas.

Uaturá — Cesto carregado nas costas e preso a uma envira que passa na testa. Proprio para conduzir productos de lavoura.

Uaxiny — L. G. Cinco.

Ubá — Canôa de um tronco só de arvore. Escavada a fogo, pelo indio, é na ubá, de varios tamanhos, que a tribu toda se locomove. Nella pesca o selvicola e nella se retira para o fundo da hinterlandia, á proporção que o invasor civilizado lhe toma a terra. A ubá é negra, feia, sem quilha, sem banco, sem conforto, sem esthetica. Impellem-n'a a remo de mão.

Ubim — ("Geonoma") — Palmeirita que dá excellentes fibras. A sua folha, sem ser grande, é muito usada como forro dos paneiros que contêm farinha dagua.

Umary — ("Poraqueiba sericea") — Arvore mediana. O fructo alaranjado com pintas escuras, do tamanho dum ovo, de pato, tem um cheiro activo. A polpa é doce e oleosa. Silvestre. Na cidade de Belem, do Pará, ha um bairro chamado do Umarysal.

Unicorne — ("Palamedea cornuta") — Pernalta colorida de preto e branco do tamanho dum perú. Patas fortes e negras. Anda aos pares. Come capim e insectos. Tem um chifre na testa e esporões nas asas. Seu grito, repetido e respondido pelo companheiro, é imitado assim pelo caboclo: João Gomes, que tú comes? Minhoca, minhoca. João Gomes, que tú comes? Minhoca, minhoca...

Urú — Cesto de talas ou palha, com tampa, onde os pescadores guardam, na canôa e na barraca, certos artigos miudos: cachimbo, anzol, phosphoros, tabaco, isqueiro, canivete, baralho, dinheiro.

Uruá — Mollusco. Gasteropode. Genero ampullaria. De carapaça em espiral, conica, côr branco-gesso-sujo, não ultra-

passa, no seu maior diametro, ás antigas moedas de cobre de 40 reis. Terrestre, vivendo na mata e nos campos, gosta muito dos jardins citadinos da Planicie, onde passa a vida escondido nos trevos ou subindo ás arvores de porte reduzido como roseiras, jasmineiros, etc.. O termo "uruá" tambem é applicado alli no sentido lésbico.

Urubú — ("Cathartes fœtens") — Ave. Todo negro, cabeça pellada, nutre-se de cadaver, de qualquer materia em decomposição. Na Amazonia elle está em toda parte; no campo, na floresta, na cidade, onde haja emfim um bicho morto. Apparentemente prestativo em virtude de comer as podridões, limpando assim os pastos, tereiros e florestas dos restos organicos que infectam o ar, está hoje provado, no emtanto, que o urubú é o vehiculo de varias molestias e até de epidemias. Dizem que a propagação do quebra-bunda se deve a elle.

Urubú gereba — ("Cathartes aura") — Tem a cabeça vermelha com pescoço violaceo. Vive no matto e nos campos longe do homem.

Urubú-rei — ("Sarcorhamphus papa") — Grande voador de linda plumagem colorida. Vive na floresta.

Urucú — ("Bixa orellana") — Planta arbustiva de cujos fructos se extrae uma tinta vermelha, empregada na tatuagem de certos indios. Usam-n'a tambem na cosinha, á maneira do açafrão, para colorir certos pratos.

Urupema — Peneira. Crivo de talas por onde se côa o assahy, a mandioca, a bacaba. No Pará, as amassadeiras de assahy chamam gurupema.

Urutahy — ("Nyctibius grandis") — Conhecido por mãe da lua. Passaro nocturno, de pouco mais de meio metro de comprido, mede cerca de um metro entre as pontas das asas abertas. E' tido por phantasma. Dá uns gritos no matto que antes parecem risadas, remoques com qualquer cousa de sinistro. A sua pelle sêcca ao sol defende as donzellas contra as seducções. Com as pennas da cauda do urutahy varre-se o chão sobre o qual estão atadas as rêdes das recem-casadas, afim de que ellas sejam honestas, fieis aos maridos e bôas mães. Muito quieto, a tradição apoia-se nesse facto para julgal-o propicio á tranquilidade da mulher, namorada, noiva ou casada.

Utinga — L. G. Agua branca. Clara. Crystalina. E' o nome do igarapé que fornece agua á cidade de Belem.

Uxy — ("Saccoglottis uxi") — Arvore de grande porte. O fructo, ellipsoide, de casca esverdeada, tem uma polpa de gosto esquisito e saboroso. E' silvestre.

V

Vágado — Vertigem, desmaio, deliquio. Gente, minha vista vae escurecendo. Parece que é vágado. Me deu um vágado quando atravessei o igarapé, bem no meio da paxiubeira caída. Só sendo a mãe dagua, compadre. A yara tambem faz isso. Quando menos uma criatura espera vem um vágado, ella carrega a gente, e some no fundo. O Quintino da outra banda foi assim. Nunca mais boiou.

Vagalume — ("Pyrophorus noctilucus") — Tambem se chama pyrilampo. Alguns têm o ponto phosphorescente no protorax, outros no abdomen. Ha diversas especies. Uns vivem no campo, nas gramineas, outros na floresta, no tronco dos paus. Em certas noites escuras, de verão, são tantos que parecem pingos de luz sobre a terra. Lembram uma chuva de estrellas. O lume verde-pallido de uns contrasta com a luz viva, branca ou vermelha, de outros.

Vapor — Transatlantico, **gaiola**, lancha, qualquer embarcação, em summa, no Baixo Amazonas, movida a vapor. Compadre, vapor está apitando na fazenda do coronel Isaac Peres. Ouvi barulho de vapor no rumo do paraná. Ahi vem vapor, comadre; e é o da linha. No occidente da Planicie os serin-

gueiros, na maioria nordestinos, chamam ao vapor "navegação" **Navegação** tá buzinando, gente.

Varadouro — Atalho. Trilha aberta na matta para ligar dois rios, cortando a mesopotamia perpendicularmente. Vereda que liga duas estradas de seringa. Caminho que salva por terra uma cachoeira. Por elle se varam as canoas da parte de baixo para a parte de cima. Entra no varadouro que encurta caminho. O varadouro está cerrado.

Varanda — Sala de refeições das casas nos povoados, villas e cidades da Planicie. Panno que ladeia a rede, enfeitando-a. Ha varandas simples, de labyrintho, de crochet, de pennas.

Varejão — Vara comprida com que se impelle a canôa nos logares rasos.

Vargea — Varzea. Terra nova levantada pela sedimentação fluvial. Planicie que alaga nas cheias. Quasi todas as margens do Amazonas e seus tributarios são orladas de vargea, sobre a qual a vegetação é surprehendente de vida.

Vasqueiro — Difficil de encontrar. Cousa que era abundante e vae desapparecendo. Peixe está ficando vasqueiro, cunhado. Assahy anda vasqueiro, comadre.

Vaticanos — "Gaiolas" de 900 a 1.000 toneladas, construidos na Hollanda, que ao presente trafegam na Amazonia. São os maiores navios fluviaes do momento. Confortaveis, camarotes e camarinhas telados, machinas sobre o convés, tres toldas, bôa mesa, elles representam a projecção sempre ascendente da grande empresa de navegação chamada Companhia do Amazonas. Movidos por duas helices, embora de pouca marcha — oito a nove milhas — poucas embarcações offerecem commodidades iguaes, tão amplos, arejados, limpos se mostram em todos os departamentos. De noite, illuminados á luz electri-

ca, parecem palacios fluctuantes, advindo-lhes certamente dessa impressão, que deixam, o nome de Vaticanos. Companhia estrangeira, sua modelar administração na Amazonia está sendo feita por brasileiros. Seu director, em Belem, é o engenheiro Guilherme Paiva; seu superintendente, o commandante Alberto Autran.

Véla — Panno propulsor das embarcações. Asa de navio. Abundante no estuario do Amazonas, á proporção que se navega pela formidavel corda a dentro, ella vae desapparecendo. Cessa completamente nos estreitos de Breves, a 120 milhas de Belem, onde só existe o remo de mão porque ahi o vento mal penetra. Depois desse meandro de canaes ella resurge. Gurupá, Prainha, Monte Alegre, Santarem, Obidos, Faro, Parintins possuem algumas canôas a vela. Chega mesmo a Manáos. Dahi para cima é rara, não só porque a corrente é forte, privando a embarcação do bordejo, como porque os ventos aliseos escasseiam, attraidos pelos fócos de campinas e savanas para onde se desviam e onde assobiam e galopam.

Veneziana — Gelosia. Persiana. Folha exterior da janela guarnecida de taboinhas entreabertas afim de ventilar o interior da habitação. Abre essa veneziana, Joaquina, para correr o ar. Talvez refresque mais...

Ventos — Correm no Amazonas os ventos de baixo para cima, isto é, do oriente para o occidente. Conhecidos por aliseos, elles sopram ao arrepio da corrente. Depois de atravesrem o Atlantico, onde se carregam de humidade, enfiam-se pela grande arteria fluvial. No verão, de julho a dezembro, sopram com violencia, refrescando a região. Diariamente param das 17 horas ás 21, fazendo a tarde amazonica profundamente quente. O facto, entretanto, soffre uma grande excepção no estuario do Tocantins, ou seja pela parte leste de Marajó, onde o vento conhecido por marajó cae das 16 horas

em diante refrescando deliciosamente a temperatura do fim do dia e das primeiras horas da noite. Belem, capital do Pará, gosa desse phenomeno pela sua posição geographica. No alto Amazonas e seus affluentes, na região das nascentes fluviaes, existe a friagem, quéda brusca da temperatura que vae ás vezes a uma semana, e se repete, de accordo com o anno, duas, tres, cinco vezes, de maio a setembro. São as correntes aéreas que se invertem. Os ventos que sopravam do mar, veem, nessa época, de cima das cordilheiras, afiados nas neves e nos gelos da montanha. Esta repentina mutação climatica produz a morte de animaes e a paralysia da vida. Em certos annos a friagem vae até Parintins; noutros, mal chega a Manáos.

Ventrecha — Ventre. Barriga do pirarucú. E' uma das partes mais estimadas desse peixe quando fresco. Assada de grelha, em fogo vivo, é um dos petiscos da Amazonia. Comem-n'a com molho de limão, pimenta, sal, com farinha dagua torrada. A janta hoje é ventrecha de bodéco. Gordo, minha xêra, que parece a Justina da outra banda.

Vesgo — Estrabico. Mirolha. Que olha p'ra o norte e enxerga p'ra o sul. Zanaga.

Victoria-regia — ("Iapúna — caá") — Grande charão verde, fluctuante, com a borda côr de ferrugem. Dá uma flôr que é branca pela manhã e rosea pela tarde. Aquatica, só vive em sociedade. Muitos lagos existem recobertos desses grandes pratos glaucos. Uma criança poderia, de folha em folha, atravessar certos lagos sem tocar na agua. **Iapunacaá** dos indios, os jacarés, os puraqués e as cobras se abrigam sob ella. Chamam-n'a ainda forno de jacaré. Nymphéa.

Vigilenga — Canôa de pescador. Bocca aberta, as velas parecem asas de morcego. Quasi redonda, amara-se Atlan-

tico a fóra dias e dias. Os primeiros modelos sairam da Vigia. Dahi lhe vem o nome. Em geral tem o casco negro e o panno avermelhado, tingido de murucy. Tambem conduz caranguejo em côfos.

Vintem — Pequena moeda de cobre de vinte réis.

Virado — Desnorteado. Illudido. Enamorado. Coronel já reparou no semblante do collector? O homem parece que está virado. Vive falando só, de olho comprido, apalermado. Foi virado pela Chiquinha Mussuan.

Virou a frege — Perturbou. Anarchisou. Viraram a frege o baile do compadre Caninana. Não ficou um copo. Disque foram os "embiricicas". Ninguem diz virou frege, ou, mesmo, virou em frege. Pois não se diz entrega a domicilio por entrega em domicilio? E não ha um grammatico ou philologo que venha á fala. Seria bom.

Visagem — Apparecimento de espectro. Manifestação de almas do outro mundo. Nessa barraca tem visagem. Disque foi um preto fugido que morou ahi e morreu sem confessar os peccados delle. Na cumieira é só coruja. Logo no bater das trindades principia um chôro que pára o coração. Na volta da meia noite é cada urro que parece novilho preso.

Visita — Inspecção feita a bordo dos navios, quando chegam ás capitaes, pelos representantes da Saude, da Alfandega, da Policia. A' menor demora vem logo o dichote, o protesto do passageiro. Sim, senhor, são sete horas e nada de visita. Paiz perdido! Parece que estamos na China. O governo da Republica devia acabar com semelhante comédia! Mas isto não é nada, commenta outro "sabido", porque, emfim, a gente vem do sul. Mas um "gaiola" que vae a Itacoatiara e no re-

gresso tem de ser visitado... Isso sim, é que é pura costa d'Africa. Vem, porém, a lancha e todos correm a abraçar os representantes do governo da Republica.

Vulcões — Não existem na Amazonia. No Brasil mesmo não ha memoria de nenhum, embora as ilhas de Fernando de Noronha e da Trindade, em virtude de suas rochas de basalto, phonolitos e trachytes, em fórma de lavas, denunciem vulcões extinctos, como aliás succede em muitos pontos do Brasil. No occidente da planicie peruana, que extrema com a planicie equatorial brasileira, a muralha andina é cheia de vulcões. A cordilheira, porém, fica tão distante, que os proprios phenomenos sismicos na Amazonia são rarissimos, e, ainda assim, tão brandos que mal chegam para rachar a parede de uma casa, como succedeu em Manáos, ha cerca de dez annos.

Xarão — Nome que se dá, na Amazonia, ás bandejas. Vou te mandar um xarão de doce. Chegou um xarão de cangiquinhas que é uma belleza! Olho de sogra está assim, naquelle xarão grande.

Xenxém — Patacão de cobre de cunho differente. Tinha um x ao centro. Vá trocar este dinheiro que é xenxém. Não recebo dinheiro xenxém. Aquelle bicudo só vive empurrando dinheiro xenxém na gente.

Xêra — Pessoa que tem o mesmo nome. Homonymo. No sul chamam xará. Gentes, como minha xêra voltou gorda. Na Planicie se usa muito **meu nome**. Adeus, **meu nome**, isto é, minha xêra.

Xerimbabo — Animal domestico, criado ou amansado em casa.

Xêta — Dinheiro. Aquelle sujeito parece que não tem xêta no bolso. Amanheci hoje sem xêta.

Xibé — Agua, farinha e assucar bebida na cuia. E' um refresco muito alimenticio usado pelas populações do interior da Amazonia.

Xingutania — Região do Xingú. Bacia do Xingú. O principe Adalberto da Prussia, nas suas observações hydrographicas, subiu o Xingú, estudando-lhe a velocidade do caudal, a côr das aguas, as cachoeiras, a profundidade. Memória essa de raro valor, mas inaccessivel pela edição reduzida.

Yaguara — L. G. Cachorro.

Yára — Deusa autoctone. Emprestam-lhe attributos de formosura taes, que seduzem os homens. Tem castellos no fundo dos rios, dos lagos e bahias recobertos de algas e nymphéas. Apparece na figura do boto; ahi, porem, já no caracter masculino, seduzindo as mulheres, arrebatando as cunhantans para o fundo. Neste segundo caso alguns folk-loristas chamam-n'a de Uyara, deus que perde as raparigas. Sempre que as cunhatans apparecem inexplicavelmente de filho, foi o boto, melhor, o Uyara. Essa applicação, porem, está em completo desuso, ou porque a forma feminina das divindades seja, de facto, a real na mythologia do aborigene, ou, então, porque ultimamente nós, homens, apenas e somente tenhamos sido as victimas. E' yara a bessa, nestes ultimos tempos...

Yayá — Donzella. Senhorita. Mocinha.

Ygaretê — L. G. Cachorrão, onça.

Yrapurú — ("Pachysilvia rubifrons") — Passarinho castanho, do tamanho duma patativa. Seu canto argentino, de notas metallicas, reboante na floresta, lhe dá um prestigio de lenda. Dizem que todos os alados quando o ouvem se calam e veem attraidos escutar-lhe as notas musicaes. Em Santarem, no Baixo Amazonas, vendem o yrapurú embalsamado como talisman. Preparam-n'o para dar felicidade no jogo, no commercio e no amor.

Z

Zarabatana — Tubo de madeira de cerca de tres metros de longo e quatro centimetros de diametro por onde os indios atiram as frechas conhecidas por uamiry, proprias para abater aves ou passaros. Impellem-n'as soprando.

Walter Raleigh — ("Sir") — Inglez. Poeta. Navegante. Diplomata. Explorador. Famoso cortesão da côrte ingleza. Andou na terra das Guyanas da banda do Atlantico. Esteve na bacia do Orenoco. Se bem não tenha penetrado a Planicie Amazonica, as suas estrophes, as suas narrativas, as suas pittorescas e maravilhosas historias, contadas aos pés da soberana do vasto Imperio Britanico, estão cheias das lendarias amazonas brasileiras. Favorito de Izabel da Inglaterra, a rainha ouvia-lhe os versos lyricos e os contos sobre as mulheres guerreiras do Novo Mundo com fogo nos olhos, com a alma illuminada, sem prever o triste fim do grande homem do seu reino e do seu coração, executado depois, na vigencia de Jayme I.

William Chandless — Apesar do botanico Wallis já ter penetrado dois annos antes o Purús, só em 1864 este rio foi aberto á sciencia por William Chandless. Determinou-lhe esse engenheiro os pontos astronomicos e levantou-lhe a carta em companhia do brasileiro Manoel Urbano, se bem que o nosso patricio João Cametá fosse o primeiro batedor do longo affluente — representativo dos rios de planicie. Barrento, cheio de voltas, no tempo das cheias os "gaiolas" sulcam-lhe o caudal

durante um mez. Chandless andou tambem no Juruá e na Mundurucania, alem de outras explorações no Valle. O seu prognostico, de que o Purús somente dahi a seculos seria povoado, falhou. Poucos annos depois dessa prophecia o grande rio era invadido e habitado, tal o interesse que a borracha despertou no mundo.

O que alguns criticos
disseram
do «O meu Diccionario
de cousas
da Amazonia»

Transcrevemos, em seguida, alguns artigos de critica estampados na imprensa do Rio, por homens de letras, publicistas e jornalistas, a respeito do 1.º volume d'**O Meu Diccionario de cousas da Amazonia**. Eil-os:

REGISTRO LITERARIO — Rio — Officinas Graphicas Alba — Raymundo Moraes — O meu diccionario de cousas da Amazonia.

Grande e maravilhoso esse diccionario das cousas amazonicas. A um só tempo linguistico, historico, geographico, biologico e social, é na realidade um livro que todos devemos lêr pagina por pagina, para avaliar o immenso mar mediterraneo de infinitos recursos e que bastaria para formar a patria mais rica e formosa do mundo.

Raymundo Moraes é o verdadeiro estylista da Amazonia, que tráe nas hyperboles de expressão a grandeza de sua terra. E' prosador e poeta ao mesmo tempo porque nelle são inseparaveis os dous titulos do seu merito.

Muito ha que aprender nesse livro, aprender, meditar e acreditar.

Segundo os seus methodos do registro amazonico nada esqueceu o insigne vocabulista. Alli estão vocabulos e plantas, e animaes, lendas, usos e costumes, crendices e verdades, de mistura com os grandes nomes dos sabios que perlustraram a immensa planicie.

Notamos na relação dos grandes naturalistas um pequeno defeito: o de classifical-os segundo o seu prenome em vez do appel-

NOTAS DE UM "DIARISTA"

Um escriptor victorioso que inverteu a frase de Cesar — O Sr. Raymundo Moraes venceu, viu e chegou. — "O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia". — A Amazonia como consumidor de regionalismo do sul. — O Brasil é um só!

HUMBERTO DE CAMPOS
Da Academia Brasileira de Letras

O Sr. Raymundo Moraes desarticulou no Brasil a mecanica dos successos literarios. A' semelhança daquelles bellicosos capitães romanos que, das asperas montanhas da Armenia ou das humidas florestas da Germania ou das Gallias, se impunham, no coração de Roma, á admiração tumultuosa das tribus e ao respeito austero do Senado, elle conseguiu, de um ponto remoto da selva amazonica, impor-se ao paiz inteiro. E quando de lá partiu, e atravessou o Rubicon, não foi para vencer, mas, unicamente, para vêr o que havia vencido. Não veiu fazer o seu nome no Rio de Janeiro: trouxe-o feito, prompto, consolidado. Como nos sequitos dos triumphadores, as trompas, clangorando aos ventos, annunciaram a sua chegada. E o Sr. Raymundo Moraes, consoante delataram as folhas, "chegou, e acha-se entre nós".

* * *

Não é o desembarque do homem, mesmo o do autor das "Notas de um jornalista", da "Planicie Amazonica", das "Cartas da Floresta" e do "Paiz das Pedras Verdes", que me cabe divulgar. Entre espiritos que se votam ás letras não existem individuos, mas obras e idéas. E é um novo livro do Sr. Raymundo Moraes, o seu "Diccionario de Cousas da Amazonia", que me compete annunciar nesta hora, dando-lhe as boas vindas antes, mesmo, de proceder á leitura demorada que requerem não sómente a obra apparecida, mas, tambem, as responsabilidades de um critico literario em disponibilidade forçada. Um livro util, nestes tempos, é como hospede novo em hotel de cidade pequena: abre-se-lhe logo a porta entre alviçaras. Depois de apanhado o freguez é que o dono do hotel lhe vae examinar os precedentes.

Ao escrever os quatro volumes que lhe compõem actualmente a bibliographia, pretendeu o autor da "Planicie Amazonica" fazel-os acompanhar de um glossario de termos nelles empregados. Pouco a pouco, porém, esse trabalho se foi distendendo e avolumando, de modo a formar materia para dois tomos. Pelo desenvolvimento dado ás definições, o vocabulario transformou-se em diccionario encyclopedico. E é o primeiro tomo dessa obra, comprehendendo as letras A-F, que acaba de ser editado.

Organizando esse curioso trabalho de observação e de cultura, não pretendeu o autor, ao que parece, dar-lhe feitio austero, sizudo, circumspecto. Ao lado do que era util, quiz elle pôr o agradavel e, mesmo, o alegre, o jocoso, o jovial. Occorreu-lhe, possivelmente, seguir o exemplo de Voltaire, no "Diccionario Philosophico" e o de Rivarol, no "Pequeno Diccionario dos grandes homens da Revolução". Dahi o escandalo que talvez constitúa aos olhos graves dos homens exclusivamente de estudo, e a alegria com que o lerá o grande publico, para o qual o Sr. Raymundo Moraes, cansado de trabalhar para as "élites" literarias, organizou, agora, este seu livro.

* * *

"O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia" não é, como se poderá suppôr, composto exclusivamente de termos peculiares á bacia do Amazonas, que já possúe, aliás, obra desse genero, embora chronologicamente atrazada, e limitada á ilha de Marajó, no pequeno "Glossario" de Vicente Chermont de Miranda. E', mais, um Diccionario de Brasileirismos, que a Amazonia utiliza. E, sob esse ponto de vista constitúe elle um indice para o estudo da formação social da região. Encontram-se, na verdade, ali, regionalismos caracteristicos de todos os Estados do Brasil: cearenses, maranhenses, pernambucanos, bahianos, cariocas, paulistas, mineiros e gaúchos — facto que denuncia a affluencia de emigrantes de todas essas origens, que levavam com o seu sangue, com a sua actividade e com o seu braço, a sua curiosa contribuição vocabular".

O novo livro do Sr. Raymundo Moraes contém, em summa, a documentação lexicographica de um phenomeno que eu havia assignalado, já, ha alguns annos: a Amazonia é, sob o ponto de vista humano, uma das regiões mais incaracteristicas do Brasil. A onda immigratoria que a assaltou durante meio seculo varreu o que ella possuia de mais original, e que era o homem nativo, e

os modos de existencia que delle derivavam. Só a Natureza permaneceu de pé, affrontando o invasor atrevido e derrotando-o no momento em que elle fraquejou. Das tradições e vozes do homem amazonico pouco, muito pouco, resistiu e sobrevive.

Essa verdade, que o livro do Sr. Raymundo Moraes documenta, vem tornal-o, por isso mesmo, ainda mais interessante aos olhos e á intelligencia do grande publico brasileiro. Elle mostra a unidade da nossa linguagem, a facilidade com que os homens se têm communicado através das distancias, permutando os seus modismos, os seus aphorismos, os seus termos de gyria, e que, por tudo isso, a alma brasileira é só uma, e o Brasil é um só.

De **O Jornal** — Rio.

O MEU DICCIONARIO DE COISAS DA AMAZONIA

Raymundo Moraes é uma das mais bellas figuras literarias contemporaneas do Brasil. Conhecendo a Amazonia a fundo, sua vida, sua natureza, seus costumes, seu folk-lore, suas tradições, sua gente, a fauna, a flora, a geologia e a potamographia daquella planicie formidavel, ninguem como elle jámais pintou, descreveu e sentiu a natureza daquelle mundo esquecido. Durante muitos annos, commandando vapores mercantes, Raymundo Moraes navegou no Rio-Mar, passou seus estreitos e furos, explorou igarapés e paranás, viveu em communhão intima com o meio e com o habitante.

De tanto amal-os e sentil-os, um dia seu coração transbordou de emoções. E foi quando elle as transmittiu ao publico num estylo brilhante e claro, com uma propriedade de expressão rara e com um enthusiasmo que logo o puzeram na primeira fila dos nossos homens de letras. Traçando este rapido esboço de sua invulgar figura literaria, devemos lembrar o exito de seus livros sobre a Amazonia, principalmente das "Cartas da floresta", do "Paiz das pedras verdes" e do "Na planicie amazonica", em cujas paginas rolam as aguas assombrosas, cantam as yáras e os yrapurús, passa a Boiuna sinistra, deslisa o Jurupari mysterioso, o Corupira bate com a ivirapeme nas sapopemas colossaes, os seringueiros rompem as lianas da selva e o indio nú revela o segredo das malocas selvagens.

Todos esses livros magnificos são como janellas que elle abrisse para a luz, convidando os leitores a nellas se debruçarem

para contemplar a mataria viridente, os bichos de pennas e de cerdas, o homem agitando-se através dos tempos naquelle espaço immenso, os accidentes da historia e toda a poesia das lendas.

Não fenece com os annos o amor de Raymundo Moraes pela Amazonia assombrosa. Dia a dia, colhendo notas, meditando, estudando, informando-se, elle vae completando a sua grande obra patriotica e serena. Assim, nos dá agora o primeiro volume do seu "Diccionario de cousas da Amazonia", em que, ora ponderado e serio, ora jocoso e ironico, fixa em innumeros verbetes os termos do linguajar, as formas do pensamento, a memoria dos objectos, a feição dos viventes, tudo quanto pertence de perto ou de longe ao valle verde em que rolam as massas liquidas da maior bacia fluvial do planeta.

"O meu diccionario de cousas da Amazonia" triumphará tanto, si não mais que os outros volumes do notavel escriptor. E, entre os que tragam palmas votivas ao seu triumpho, estamos de coração, lamentando sómente que cada região do Brasil não possúa um Raymundo Moraes para fixal-a em capitulos duradouros no pensamento nacional.

GUSTAVO BARROSO
Da Academia Brasileira de Letras

Do **Fon-Fon** — Rio.

PYGMALIÃO

O que me enthusiasma na obra de Raymundo Moraes é a alegria, a penetrante, contagiosa alegria de saude e de belleza, com que elle realça sem excesso e divulga sem hyperbole os esplendores exuberantes da Amazonia.

Passa de cem annos que a Amazonia, mal conhecida, mal propagada, denegrida invariavelmente no clima, na terra, no homem, apoucada como deserto ou tapéra, temida como fim do mundo, desdenhada como terra de ninguem, é uma região infernal, povoada de monstros, ensombrada de mysterios, sequestrada no pantano mephitico entre a féra e a febre, com immensas possibilidades de riqueza apenas entrevistas no pavôr da brenha e prodigiosas maravilhas naturaes celebradas em epinicios allegoricos de encantamentos á distancia, ou de passagem.

Numa palavra: a Amazonia era uma "assombração". Tudo formidavel, mas inçado de perigos; tudo bello, mas tenebroso, apo-

calyptico; tudo opulento, mas fabuloso, phantastico, inaccessivel, irrealizavel.

Mais de um seculo de litteratura scientifica, economica, ficcionista sobre a Amazonia, marcando-a nos seus phenomenos caprichosos, nas suas seivosas energias, nas suas fascinações tentaculares; no entanto, embustes, preconceitos, exaggeros, equivocos, maledicencias, superficialidades calumniosas não cessaram de deformar a sua harmonia estonteante e amesquinhar a sua grandeza desmedida, embora a gravidade dos sabios, a ponderação dos technicos, a probidade dos escriptores.

Permaneceu, assim, a Amazonia um vasto mundo a ser "revelado" ao proprio Brasil, aguardando — e por longos annos — um chronista da sua vida original, do seu meio social incontrastavel no paiz, mas um chronista que simultaneamente fosse o paladino pugnaz das suas realidades, tão amiude desfiguradas no extremo opposto do lyrismo e do negativismo.

Raymundo Moraes operou, com poucos livros, essa revelação reparadora. Chronista e paladino da Amazonia, o exito nacional da sua obra é, em these, a victoria de uma campanha lidada com intelligencia, com experiencia e com patriotismo.

Seu processo é simples, de uma simplicidade que logo esclarece, persuade, convence, cujo segredo está não só na amplitude e variedade do conhecimento assimilado e systematizado através de tudo que, dentro e fóra do Brasil, se tem escripto sobre o grande valle septentrional, mas, ainda, no estudo objectivo e no testemunho directo do facies physico e do ambiente social do portentoso Mar Dôce.

A assimilação do estranho e a experiencia propria, num espirito de rara sagacidade, forte poder de observação, transbordante enthusiasmo nas pesquizas mais porfiosas e tenazes da geographia, da geologia, da archeologia, da zoologia, da botanica, da historia, do plasma sociologico, da tradição, dos usos e costumes da Amazonia, fatalmente haviam de produzir a obra harmoniosa de erudição e vulgarização que se fazia imprescindivel para contrabater o erro, aclarar a ignorancia, sacudir a indifferença.

O processo preferido eliminou duvidas, obscuridades e palpites. Teve o paizagista magistral da **Planicie** o escrupulo de possibilitar aos seus leitores, que se recrutam em todos os quadrantes do pensamento e do sentimento brasileiros, amplas facilidades para a comprehensão e estima de uma exacta Amazonia, exposta, explicada, examinada, julgada á plena luz, com os meios

e recursos accessiveis á discussão e ao controle de especialistas e profanos.

Não tem outra significação o **Diccionario** que com o proximo volume se concluirá. Além de elucidação complementar, é nova exaltação da Amazonia, salientada como uma das reservas maiores e mais ricas do idioma que um dia será privativo da nossa terra.

Em diversos Estados a regionalização da linguagem já existe apurada, concatenada em seus termos singulares e em suas locuções caracteristicas, formando fontes e nucleos de inapreciavel subsidio para a personalização do nosso modo de falar e escrever de amanhã.

Ora, a obra de Raymundo Moraes é um reservatorio opulento de termos e expressões singularmente adstrictos a todas as manifestações de vida da Amazonia, e cujo peculiarismo inconfundivel, no linguajar da gente, na denominação das cousas, na nomenclatura variadissima, interessante e pittoresca de todos os seus elementos de existencia, actividade e productividade, é, pode-se dizer, o espelho da sua pujança, a propria demonstração da sua força e da sua vitalidade.

Nada mais comprehensivel, pois, do que **O meu diccionario de causas da Amazonia**. Depois das **Notas dum jornalista**, da **Planicie**, das **Cartas da floresta** e d'**O Paiz das pedras verdes**, isto é, depois da "revelação", era necessario escudar nessa prova, nesse elucidario, nesse guia o magnifico esforço que se impôz o escriptor para attrahir sobre a região um interesse, um apreço, uma sympathia, uma solidariedade fundados no conhecimento e na evidenciação das realidades, sem as deturpações imaginativas do invencionismo forasteiro e as patranhas preconceituosas da ignorancia emphatica.

Falando da Amazonia ao Brasil, Raymundo Moraes penetrou-se da conveniencia de ser explicito e minudente; e, por isso, á esplendida florada das suas narrativas sobre a "terra amphibia", a selva multiforme e o homem heroico, associou, coherentemente, a caçoula cheirosa dos seus verbetes regionaes.

Corôa-se, desse modo, com escrupulosa noção de alcance e efficiencia, o exito da campanha. E de vez que as **élites** nacionaes se familiarizam, o que é indubitavel, com os trabalhos do prosador insigne, e porque nelles vive, inteira, a Amazonia numa palpitação e numa vehemencia de belleza e de verdade, póde envaidecer-se o artista, o esthéta, o creador de tantas paginas empolgantes — por haver plenamente attingido a culminancia do seu ideal (que é a sua missão reparadora) de chronista e paladino,

batalhando por uma causa e vendo-a triumphante sob os lampejos da sua penna e os estimulos do seu coração.

Raymundo Moraes nasceu, cresceu, viveu, educou-se, trabalhou, venceu na Amazonia. Aprimorou seu temperamento mental viajando pelo dédalo potámico que serpêia nos seus livros.

Entre o commando de "gaiolas" e a bibliotheca fluctuante, observando e lendo, estudando e corrigindo, foi que se apparelhou para a pugna e para o triumpho.

Não conheço exemplo de vontade mais obstinada e energica no preparo cultural para a victoria, sobrepondo-se ao meio e ás contingencias para, benedictinamente, buscar, descobrir, colher, "triar", acumular, dilatar conhecimentos scientificos e subsidios mesologicos, todo um material abundante e complexo, de que a plasticidade do seu talento faria a transformação litteraria num estylo pessoal, elegante e limpido, que, na regra buffoneana, revela o homem.

Quem assim pacientemente e intelligentemente se "equipou", se "organizou" para o commettimento cuja floração mais typica é o **Paiz das pedras verdes**, podia, como pôde, perdulariamente, prodigar a alegria da saude e da belleza ao luminoso esforço de realçar sem excesso e divulgar sem hyperbole os esplendores exuberantes da Amazonia.

Ao contacto da sua arte, não mais se dirá que a materia inerte, "sombria, inhospita, selvagem", a região dos monstros e mysterios fabulosos, deixou de receber o supremo sôpro vivificador.

Pygmalião enamorado deu-lhe fórma, formosura e graça. O hausto divino da Verdade transmittiu-lhe movimento e vida.

Trasladou-se o mytho. Egressa da moldura classica de Chypre, Galathéa veiu esplender entre as orchideas, as nymphéas e as lianas que cingiram symbolicamente na lenda e na guerra a fronte bellicosa das amazonas.

ALVES DE SOUZA

De **O Bibliographo** — Rio.

O ELUCIDARIO DE UM ESTHETA

CARLOS D. FERNANDES

(Copyright dos DIARIOS ASSOCIADOS)

A obra literaria de Raymundo Moraes, onde se nos depara o aturado trabalho de uma surprehendente imaginação sobre uma

realidade portentosa, precisava de um elucidario para melhor admirada e comprehendida.

A Amazonia, objecto dos seus estudos e inspiração continúa sendo um mundo á parte do mundo com a sua physiographia meio ignota de região quasi quaternaria da terra, onde a fórma de certos animaes e de certas plantas não tem ainda a sua fixação definitiva, tal é a mutabilidade daquella evolutiva ambiencia. A agua erosiva e genetica do Rio-mar, repartindo-se em defluentes innumeraveis, aquietando-se em pequenas angras lodosas, disparzindo-se em "furos", que conjugam lagos e caudaes, diffundindo-se em igarapés, espraiando-se em igapós, dissolve e remove a terra em que deslisa, fazendo recuar para o amago da selva impenetravel o drama intenso e pathetico da vida porfiosa, multiforme, tumultuaria.

Assim, pois, aquelle intricado systema de estradas liquidas mal deixa entrever as peripecias espantosas e deslumbrantes, dissimuladas na hyléa palustre ou na floresta mysteriosa e constructiva, que tira das mesmas aguas a força com que susta ou annulla a sua dynamica, paradoxal devastação.

E' de ver as surpresas e curiosidades que se lateem naquelles recessos, vedados pela ferocidade das onças, pela insidia das cobras, pela picada dos insectos, pela flacidez dos marneis, pelo agoiro de certos pios, **urros** e **berros** enigmaticos.

Dessa permanente difficuldade da observação objectiva de tão singulares e retrahidos phenomenos promana a incerteza e a imprecisão dos informes scientificos ou impressionistas, que nos têm chegado daquella tão feraz, tão famosa e calumniada região do Brasil. Os costumes dos seus remanescentes aborigenes, as singularidades da sua fauna e da sua flora, o capricho e a maravilha das suas aguas não se mostram espontaneamente aos olhos avidos do primeiro excursionista, que apenas lobriga, da sua canoa ou da sua lancha, os tracajás cautelosos, pervagantes nas ribanceiras; os jacarés torporizados nos remansos; os bôtos resfolegantes, que emergem da esteira liquida. Por isso mesmo Orellana "inventou a lenda das Amazonas brasileiras" e a primeira carta da Amazonia levantou-a o padre Samuel Fritz, "do banco de uma igarité", como nos recorda o autor do **O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia**, inventariando tudo que se tem escripto e conjecturado sobre a Planicie do seu amor, do seu enlevo.

Argamassando elle proprio aquelles mesmos materiaes, ainda englobados e confusos numa classificação aleivosa, cerebrina ou deficiente, entendeu Raymundo Moraes instruir lealmente o seu lei-

tor na synthese e minucias dos seus bellos livros, todos plasmados na authenticidade daquella immensidão fascinante. Obedece a esse probo designio a elaboração da obra em fóco, que tanto vem exalçar e robustecer os creditos já notorios do eminente publicista.

O Meu Diccionario de cousas da Amazonia não é, porém, um calepino rigido e frio, onde se agrupem alphabeticamente nomes e locuções, modismos e vulgarismos da patria nemorica dos Barés e nheengaibas; mas um repositorio completo de tudo que se refere proxima ou remotamente áquelle immenso trecho brasilico, onde ainda permanecem inviolados os melhores e mais idoneos padrões da nossa originalidade nacional.

Fazendo aquella ingente colheita de vocabulos, de factos, de usos, de tradições, de lendas, de abusões, de mythos, de regionalismos pittorescos, axiomaticos, porque desdobrava em analyse a grande synthese da sua obra, Raymundo Moraes recortou cada verbete nos moldes impeccaveis do seu estylo, engenhando um pequeno conto instructivo de cada informe.

E como o seu inductivo conhecimento da Amazonia não se fez em dias de apressado labor em terra estranha, ouvindo lingua estranha e provando o influxo de consuetudes extranhas; mas em longos annos de trato directo e iterativo com aquelle povo fragmentario dos barrancos, com aquellas turvas aguas silenciosas, com aquelles cedros millennarios e canaranas festivas, tudo visto e revisto da ponte-de-commando do seu navio, a sua noticia é um instantaneo photographico da realidade, accrescida do commentario, faceto ou grave, que esclarece a duvida ou evidencia e verbera o dislate.

E', pois, este livro um elucidario e uma documentação da obra literaria tão impressionante e assignalada do autor inconfundivel e sobremodo applaudido e considerado de **Paiz das Pedras Verdes**, a penultima joia da sua apurada lavranteria. Nelle se condensa e articula a mesma historia da Amazonia, com a sua ethnologia, a sua hydrographia, os seus monographos, os seus chronistas, a sua hypothese cosmologica, as etapas da sua evolução, todas as modalidades e inherencias da sua typica natureza.

Vocabulario ajustado por um esthetа, que tem do seu idioma uma intuição genial, escrevendo-o com uma segurança grammatical e vernacula, que as louçanias de fórma e a fundura de conceitos duplicam e sobredoiram, o **Meu Diccionario de Coisas da Amazonia** é um compendio que vem supprir a penuria dos nossos lexicos, particularmente lacunosos em materia de brasilidade, redigidos como têm sido, **ab initio**, por glotologos lusos, que não

podem colher nas proprias fontes a continua e mais vehemente floração da nossa vivaz terminologia.

Levando ao extremo o seu escrupulo de lexicographo, Raymundo Moraes não se adstringe á menção do termo mas para logo lhe ratifica o sentido e a accepção, ministrando o persuasivo exemplo das locuções correntias onde vem empregado. Ainda este cuidado seria somenos, se omittisse o autor a etymologia dos seus vocabulos, muitos dos quaes se derivam da lingua-geral e não podem por isso prescindir do respectivo esclarecimento: taes como **cury, cutuba, arapuca, arubé,** etc. Outros, designando animaes e vegetaes, estão incluidos nas nomenclaturas zoologica e botanica, anú preto, (**crotophaga ani**) aperema (**nicoria punctularia**) apuhyseiro (**ficus fagifolia**) araçá (**psidium araçá**). Taes evocam sabios, artistas, viajantes illustres, que perlustraram a Amazonia e recapitulam em breves linhas os feitos ou falhas desses precursores.

Avultam nessa pleiade Humboldt, o patriarcha dos sertanistas amazonicas; Agassiz, um dos mais argutos classificadores da ichthyologia do Rio-Mar; Orellana, temerario argonauta do El Dorado; Castelnau, que notou o enterramento vertical dos cadaveres carajás; muitos outros, brasileiros e europeus, e até mesmo o americano Henry Ford, incluso no magistral verbete **Fordlandia,** no qual se encontra focalizada com o mais seguro criterio e a mais digna imparcialidade a actuação intensiva daquelle emprehendedor formidavel, que actualmente construe, ao longo do Tapajóz, no Pará, uma cidade majestosa pela grandeza do seu futuro, com a sua riqueza industrializada na exploração scientifica dos seringaes systematicos. Abordando o instante problema da nossa borracha, ora depreciada, pelo seu exaggerado custo de producção, Raymundo Moraes descortina o plano redemptor de Ford, graças ao qual, em proximo futuro, levaremos de vencida os nossos concurrentes da Africa e da Malasia, offerecendo aos mercados de toda parte, por um preço infimo e sem competidor, a melhor borracha do mundo, o **latex** coagulado da insigne e intransplantavel **hevea brasillensis.**

Como se vê, até mesmo as noções de commercio, de technologia e chrematistica contribuem para o primor, lhaneza e profusão do **Meu Diccionario de Coisas da Amazonia.**

Abre-se em portico marmoreo sobre a vastidão da materia um preambulo, que dispensa quaesquer encomios, pelas proporções da sua magnificencia. Imagine-se a que requintes não ascendeu a ideação opulenta de Raymundo Moraes, paranymphando

o seu livro perante o publico, historiando as penosas conquistas da sua illustração, recapitulando o seu multifario cabedal de conhecimentos naquella douta e consumptiva especialidade de sua lavra... Esse titanico emprehendimento grangea-lhe inquestionavelmente um logar de honra insubstituivel no coração e na bibliotheca de todos os nossos intellectuaes.

MOTIVOS AMAZONICOS

Escriptor por accidente, como a si proprio qualificara Euclydes da Cunha, no discurso de recepção da Academia Brasileira, Raymundo Moraes é um dos casos mais interessantes das letras contemporaneas.

Nascido e creado na planicie Amazonica, vivendo desde creança a bordo dos **gaiolas** que cortam os grandes rios, familiarizou-se bem cêdo com a enormidade daquellas selvas, com o espectaculo daquella natureza, que a tantos surprehendeu e aterrou.

Por uma destinação hereditaria, fez-se commandante de navio, sulcou as aguas profundas e levou com rara capacidade technica o seu barco aos pontos mais remotos do Valle.

Os archivos da sua sensibilidade, enriquecidos por continuas e fortes emoções, deram-lhe a imaginação as seivas mais vigorosas e, ao revelar-se o escriptor, este já possuia uma alma bem formada e exuberante, hoje transfundida em tantas paginas opulentas.

Um incidente profissional revelou, um dia, o homem de letras. Criticando a collocação de um determinado pharol, que a Capitania do Porto do Pará inaugurara, suppondo satisfazer rigorosamente a sua finalidade, traçou umas notas, notas que se alongaram em artigo. Levou o seu trabalho a uma redacção que o acolheu com sympathia e o publicou. Vio no dia seguinte o jornal com o artigo, releu-o com volupia. A letra de fôrma o seduziu, não lhe resistindo mais á fascinação. O navegante estava perdido, a nova sereia, embalando-o, desviara-o da rota...

Como Conrad e Claude Farrère, do convéz do seu navio sahiu escriptor, a todos surprehendendo e surprehendendo-se mais a si mesmo.

A Amazonia de Raymundo Moraes, pode-se dizer, é uma Amazonia familiar; conhece-a e examina-a sem terror.

O escriptor encontrou o seu assumpto, sem o procurar; o proprio assumpto o perseguiu, a elle se offerecendo, imperativamente, acabando por empolgal-o de todo.

O Valle immenso que antigamente, na época vertiginosa da prosperidade da borracha, fôra a Chanaan dos aventureiros de todos os matizes, no delirio das fortunas faceis, transformou-se hoje — empobrecido e miseravel — num motivo dramatico de sensacionismo literario.

A natureza, tendo resistido á loucura dos homens, vive alli a desafiar as musas vadias e a trefega meia sciencia dos naturalistas improvisados.

Descobriu-se absurdamente, dentro da propria patria, uma fonte farta de exotismo para uma literatura ainda sem caracter.

O auctor do PAIZ DAS PEDRAS VERDES não foi fazer a Amazonia, a Amazonia o fez. Della trata com a espontaneidade com que um bardo provençal cantaria as graças da Provença.

A ella deve a sua gloria de escriptor. Não foi um caçador de sensações, antecipadamente apercebido, e sim um producto nativo da terra feraz, como aquellas robustas arvores da Planicie maravilhosa, alimentadas pelos grandes rios, batidas pelos grandes ventos e illuminadas pelos grandes soes.

* * *

No primeiro contacto com a Amazonia, Euclydes da Cunha sentiu-se decepcionado. A um amigo, a quem escrevera, então, confessou que nada poderia dizer de uma natureza que se escondia...

O autor dos **Sertões**, com a intensidade da visão imaginativa, preparava-se, talvez, para as emoções fragmentarias de aspectos e scenarios gigantescos, mas variados.

Defrontou-se, porém, com uma grandeza, na enormidade de cuja representação sentiu a mais esmagadora monotonia. Ante aquella massa formidanda e uniforme, afrouxaram-se-lhe as cordas dos nervos vibrantes.

Euclydes tinha um certo sentido tragico das coisas. O seu colorido desesperado, a **vis** carlyleana das deformações voluptuosas, o estylo entrecortado de espasmos fulgurantes, a vibração da phrase barbara e numerosa, tudo parecia concertar-se organicamente para os espectaculos terriveis da natureza, mas, apezar disto, o seu drama era quasi todo de superficie, a que uns tantos effeitos verbaes davam a illusão da intensidade. Nas

arestas daquella prosa angustiada havia lampejos eschylianos e ingenuidades bisonhas. Subordinava as idéas á musica da palavra, e o pensador, não raro, contentava-se com as apparencias sonoras do pensamento. O metaphorismo abusivo, a pompa theatral dos periodos, a orchestração intencional dos vocabulos, a ideação aleatoria e fugaz bem trahiam o primitivo, a que um facil messianismo emprestava um vago tom divinatorio.

Como Michelet, segundo uma observação de Taine, procurava mais o pathetico e o effeito do que a verdade. E assim é que a Amazonia, que deveria ser para uma intelligencia daquelle porte um campo experimental de idéas fecundas, limitou-se apenas a um pretexto allegorico para algumas paginas de belleza litteraria.

A Amazonia é um dos trechos mais infelizes do planeta. A sua opulencia foi a causa da sua miseria.

Quantas energias admiraveis se dissiparam esterilmente no seio daquellas florestas, quantas ambições se abysmaram anonymas no mysterio daquellas aguas!

Revelada á ganancia dos homens, como um thesouro facil, abriu-se para a devastação e para o saque. Paraiso dos flibusteiros, dos charlatães e dos mercadores, a Amazonia teve um destino inglorio, sem organização, no rigor politico da expressão, viveu aleatoriamente, desapparelhada e sem defesa.

A sua fortuna foi, apenas, um delirio de paralytico: passada a phase de exaltação, succumbiu na mais vil tristeza, e ahi está esmagada sob as ruinarias da propria grandeza.

O El-Dorado, que as hyperboles da cupidez decantaram, estiola-se, como os campos de Hus, sob as coleras divinas. E ante as agonias do gigante, o Brasil, que se acostumara ás exclamações inuteis, continúa a exclamar commovido...

Ha mais de sessenta annos percorreu aquelle Valle immenso um jovem politico do Imperio, ambicioso da sua patria o estudioso das nossas coisas, percorreu-o com o senso de um homem de Estado, que tem o sentido do futuro. Da sua viagem trouxe um livro rico de suggestões e de conselhos, de observações preciosas e de idéas praticas e claras.

Era como a vibração de uma voz prophetica que resoava do fundo do Valle para despertar os estadistas sestrosos do Brasil, tão viciados nos jogos frivolos da pequena politica, quanto distantes das grandes realidades.

Tavares Bastos viu a Amazonia e comprehendeu-a. Que seria daquelle rincão se os homens de governo possuissem a elevação mental do parlamentar alagoano? Decerto que as prophecias de

um Humboldt já estariam em parte realizadas, e não soffreriamos a humilhação do espectaculo desconcertante de uma terra opulenta e de um povo miseravel.

A politica no Brasil deveria ter feito da Amazonia uma especie de laboratorio de homens de Estado, na pratica de cujos problemas se exercitassem e se seleccionassem as mais vigorosas capacidades, e não um posto secundario de sinecura colonial, subordinado aos caprichos do Centro e aos apetites de vaidades facciosas.

O Imperio teimou por muito tempo em conservar fechado o Amazonas, apesar do clamor patriotico de Tavares Bastos. Aquella **politica chineza** de isolamento dos nossos estadistas assustadiços, que receiavam que nos despojassem de tamanhas riquezas, figurou longamente como medida sabia!...

A Primeira Republica recebeu do Imperio a Amazonia, como um deserto opulento, onde apenas, a machina burocratica dava a impressão epidermica de organização. A Republica deu fórma organica á desordem e deixou que, numa febre de prodigalidades insensatas e imprevidencias criminosas, a Amazonia conseguisse esta coisa, que a todo mundo pareceria um absurdo tremendo, que se arruinasse completamente...

* * *

A obra de Raymundo Moraes, tão viva, arrastou-me a tantas considerações. Ella é todo um vasto poema da Amazonia, na multiplicidade dos seus aspectos; nella ha as palpitações daquellas selvas poderosas que estuam na Planicie fabulosa.

Dos escriptores de coisas amazonicas, elle se affirma como seu interprete mais perfeito e seu mais ardente rhapsodo. Não ha segredos naquellas selvas nem surpresas naquelles rios, tudo conhece, porque tudo viveu numa lyrica intimidade de apaixonado.

Voluptuoso da luz e do som, vibra ao fragor daquellas aguas revoltas e aos clarões daquelle sol allucinante, como um deus selvagem. Escriptor visual, sobretudo, as suas paizagens são de uma intensidade de colorido sem igual.

Na Planicie Amazonica, no **Paiz das Pedras Verdes** passam os quadros mais impressionantes da região. Toda a vida tumultuaria do Septentrião corre cinematographicamente naquellas paginas, em que o poder evocativo e a capacidade magnetica de communicação do escriptor conseguem empolgar o leitor mais frio.

Os typos pittorescos da Planicie, como o regatão mendaz e traficante, são verdadeiras aguas-fortes, admiraveis nos recortes

mordentes do caracter. Amplas rasgam-se-lhe as descripções animadas de uma forte claridade. Familiar de toda a flora amazonica, pela sua tonalidade e nuances distingue os trechos mais caracteristicos da região, sendo capaz de orientar-se na sua rota pelos incidentes da paizagem. Um determinado specimen vegetal vale-lhe como um pharol, por elle sorprehende os inconvenientes ou as vantagens da passagem. A' sua obra que é grande pela significação e valor da sua objectividade, Raymundo Moraes junta agora como um complemento elucidativo, o seu novo livro — **O meu Diccionario de Coisas da Amazonia**.

Trata-se, não de um simples e rigido glossario, mas de uma encyclopedia pittoresca, por vezes pessoal, pela jovialidade do tom, cheia de indicações curiosas e de ensinamentos uteis.

Peculiaridades semanticas, modismos populares, annotações scientificas sobre a fauna e a flora amazonica, observações geographicas, lendas, tradições, biographias ligeiras, etc., tudo se encontra harmoniosamente nesse novo trabalho do evocador da Amazonia, que é hoje um dos mais fortes escriptores do Brasil.

CARLOS PONTES

Do **Jornal do Commercio** — Rio.

A AMAZONIA

Entre os êrros de minha vida, que são muitos, está não conhecer a Amazonia.

A viagem seria curta, mas nós preferimos, em regra, ver o Rheno, fazendo uma viagem maior.

A Amazonia é, comtudo, bem mais interessante. Vi-a, agóra, pela mão — eu melhor diria pela penna — de Raymundo Moraes. E' um encanto percorrel-a desta fórma.

Raymundo Moraes tem, para descrevel-a, a paixão e o conhecimento da terra; tem egualmente o estylo.

Se o estylo é o homem e todo homem está em seu estylo, esse, de Raymundo Moraes é grandioso e bizarro como a terra que descreve. Lembra o de Euclydes da Cunha, nos **Sertões**, mas não se parece com elle, porque não é cerrado e agreste, como as caatingas da Bahia; é ondulado e corrente, como o estuario donde emergiu.

Este especialista da Amazonia merece a Academia. Não sou eu quem lá o collocará, mas muito me engano ou dentro em

breve a Academia o ha de seduzir. Que o seduza, menos por elle do que por ella, tanto a feição marcada do escriptor reclama que o festejem e consagrem.

A Amazonia conquistaria, ainda, desta fórma, a attenção da Intelligencia. Seu problema é porventura um dos mais brasileiros, daquelles onde mais se esboçam as possibilidades da raça e onde mais, tambem, se estendem os desalentos dos não-realizadores, tudo isto porque é grande. No meio daquella natureza, para repetir a phrase do escriptor britannico, só o homem é pequeno.

Mas não intoxiquemos a coragem das gerações presentes com o veneno das phrases passadas. O mundo vive de suas edades, das edades primitivas como das edades modernas, desde a da pedra lascada até á do ferro. Devemos estar, tambem, na edade da borracha.

A borracha é a Amazonia!

— Não; não é. Foi...

Perdão, ainda é.

Os phenomenos economicos subordinam-se á funcção economica do meio. A borracha da Amazonia propagava-se, nativa, por toda a terra amazonica. O homem não a cultivava: ia apenas colhel-a, como colheria a agua do rio. O inglez, senhor dos mares, vinha buscal-a em navios seus, a troco de seu ouro. Levou-a um dia para suas terras asiaticas. A borracha, transplantada para lá, cresceu, produziu. O inglez achou mais interessante que seus navios tomassem a rota do Oriente, abandonando a da Amazonia.

E foi assim que a borracha do Brasil falliu.

Falliu, porque, mesmo quando só crescia na Amazonia, estava nas mãos do inglez. Era nossa, por ficção do direito territorial, mas era, de facto, do inglez, porque só o inglez lhe dava o valor extrinseco de mercadoria. Ella só era na verdade borracha a partir do momento em que os guindastes a deixavam cahir dentro dos porões dos barcos inglezes. Antes disto, era um pequeno pedaço de natureza; era como a areia do fundo do estuario, era quasi um machado de silex.

Desde o momento em que o inglez, possuindo-a em sua Asia, desatracou da Amazonia seus cargueiros, a borracha do Brasil retornou á situação primitiva de coisa realmente sem dono e, pois, sem valor. A funcção economica do meio faltava-lhe á vida, como a base ás paredes de uma casa. A Amazonia não era bastante populosa para ter vapores batendo nos mares os vapores do inglez,

nem para possuir as industrias da borracha competindo com as industrias inglezas.

Mas o mundo transforma-se. Os phenomenos da vida da Humanidade estão sujeitos ás leis economicas, como os da vida do Homem ás leis do crescimento. Dentro destes phenomenos, é possivel o apparelhamento da Amazonia para produzir, manufacturar, consumir e exportar sua borracha.

Um nome popular e americano está ligado á tentativa dessa emprehendimento. Não faltou quem o considerasse com desconfiança. O mal da Amazonia, diz com espirito Raymundo Moraes, tem sido o receio de que alguem a tome.

Mas ella só valerá quando alguem, de facto, a tomar, — a tomar no bom sentido, isto é, apparelhando-a como instrumento de concorrencia. Quem menos a tomaria, em um sentido ambiguo, seria precisamente o americano, que della precisa, intacta, independente, nacional, para affrontar o inglez contra o qual elle já luta por outras fórmas.

São estas pequenas faces do problema da Amazonia que os livros de Raymundo Moraes — a **Planicie Amazonica**, o **Paiz das Pedras Verdes** e o **Diccionario de coisas da Amazonia** — amplamente revelam ao Brasil, revelando, ao mesmo tempo, um escriptor que será uma gloria.

COSTA REGO

Do **Correio da Manhã** — Rio.

REVELAÇÃO DA AMAZONIA

Seria difficil encontrar exemplo de outro povo tão alheio ao meio physico que lhe serve de scenario historico, como o que offerecemos aos que nos observam surprehendidos pelo nosso desconhecimento das cousas brasileiras. Ha nessa negligencia do estudo dos elementos materiaes que nos cercam, talvez, o effeito de uma desharmonia profunda do homem provindo de outros continentes com o ambiente americano, em que ainda mal se aclimatou e cujos aspectos deixam insensivel a sua mentalidade formada na paisagem de outras regiões. O europêo, familiar com todas as arvores das suas florestas e conhecedor do canto de qualquer dos passaros da sua terra, surprehende-se não sómente com

a ignorancia que o brasileiro revela da natureza do paiz, como sobretudo pelo seu desdem por taes assumptos.

Em nossa legislação, nos processos de governo e nas attitudes politicas que assumimos, reflecte-se esse divorcio do homem e da terra, que os methodos tradicionaes da nossa pedagogia parecem empenhados em accentuar pelo sacrificio systematico dos assumptos brasileiros aos themas exoticos na formação educativa das novas gerações. Meninos, que perdem tempo precioso quebrando a cabeça com a decifração inutil dos periodos rebarbativos da lingua morta de Tacito, são mantidos em absoluta ignorancia do vocabulario ainda não de todo emudecido do indigena, que a todo o momento se lhes depara na nossa nomenclatura geographica e na classificação popular das plantas e dos animaes. A chorographia do Brasil é aprendida não como se este fôra o recanto da terra que melhor devessemos conhecer, mas como um appendice secundario senão desprezivel da geographia universal. Assim, toda a nossa cultura se apoia em noções superficiaes e idéas erroneas sobre as bases physicas da existencia nacional.

Quando a ignorancia das cousas brasileiras se extende ao desconhecimento de factos relativos ás zonas mais adeantadas e mais populosas do paiz, não póde causar surpresa o mysterio que envolve em nosso espirito as regiões remotas da Amazonia ou do extremo oeste. Ha, entretanto, nessa densa ignorancia um aspecto humilhante e compromettedor tanto dos creditos da nossa cultura, como do zelo pelas cousas que nos pertencem. A Amazonia, por exemplo, tem sido objecto do estudo de numerosos viajantes e scientistas estrangeiros, que em seus livros têm dado conta de uma consideravel massa de factos concernentes á topographia, á hydrographia, á flora, á fauna, ás possibilidades economicas e aos costumes das populações dispersas por aquella vasta região, em que o homem parece encontrar-se ainda em condições tão proximas da existencia aquatica dos primitivos lacustres. Esses livros são lidos por gente de outras raças e de outras linguas, mas quasi desconhecidos do nosso pequeno circulo intellectual. Dahi resulta que emquanto nós brasileiros desconhecemos por completo tudo que se refere a uma das zonas mais importantes da Republica, no estrangeiro não são raros os que nos poderiam dar proveitosas lições sobre assumpto em que deveriamos ser os mestres. A grande iniciativa de Henry Ford e o desenvolvimento da colonização japoneza na bacia do grande rio são apenas casos particulares, em que se evidencia como a disparidade estranha entre a nossa ignorancia e a informação dos alienigenas sobre o valle amazonico en-

volve a perspectiva de consequencias economicas e politicas, que não pódem deixar indifferentes aquelles para quem a manutenção da unidade brasileira constitue assumpto de alguma relevancia.

Quem se dispõe a revelar ao Brasil uma parcella ao menos do mysterio da Amazonia, presta, portanto, um dos melhores serviços nesta phase de preoccupações mais sérias em torno do problema da organização nacional. E' o que vem fazendo, ha algum tempo, o Sr. Raymundo Moraes, que reune um conjuncto admiravelmente apropriado de aptidões intellectuaes e de traços de sensibilidade para traduzir em linguagem accessivel e ao mesmo tempo impressionante a perturbadora polymorphia da vida amazonica.

"Na Planicie Amazonica", "Cartas da Floresta", e "Paiz das Pedras Verdes" representam contribuições não apenas litterarias, para o patrimonio intellectual da nação, como talvez mais substanciaes subsidios para o estudo scientifico de uma sociologia amazonica. Esta expressão afigura-se-me rigorosamente exacta, porque tão peculiares são as condições mesologicas da região em apreço, que o desenvolvimento ulterior da civilização naquellas paragens terá forçosamente de seguir rumos accentuadamente differenciados do que observarmos no resto do Brasil.

Um dos factos mais interessantes e ao mesmo tempo de maior alcance que a obra do Sr. Raymundo Moraes e notadamente o seu diccionario da Amazonia, cujo primeiro tomo acaba de ser publicado, põe em relevo é o predominio absoluto do facto hydrico em todo o determinismo sociogenico da actividade humana na bacia do Amazonas. Que os rios desempenham um grande papel em todas as regiões do globo é noção banal, que se poderia aprioristicamente deduzir da importancia economica da funcção dos cursos d'agua. Mas o que o Sr. Raymundo Moraes assignala, antes com a força reveladora de um poeta que pela acção persuasiva do analysta, no magnifico prefacio do seu diccionario, é cousa muito differente do que se passou e ainda occorre em outros continentes. Na Amazonia, a agua não é apenas a grande formadora das associações humanas, facilitando as viagens, evitando os perigos e as surpresas da travessia das florestas, diminuindo as fadigas da escalada das montanhas. Na vasta planicie innundada pelo degelo dos Andes, a agua se torna o proprio "habitat" do homem, no qual as terras passam a ser meros accidentes, formando o relevo do panorama lacustre em que, em pleno seculo XX, a civilização vae penosamente surgindo com caracteristicas sem parallelo no mundo actual e fascinantemente evocadoras de phases remotas da aventura humana.

Creio que essas condições physicas, que o Sr. Raymundo Moraes não foi por certo o primeiro a observar e a registrar, mas que antes delle ninguem fixára tão fortemente no nosso idioma, envolvem consequencias definitivas sobre a evolução economica e portanto social e politica daquella vasta região septentrional da Republica. Entre a Amazonia e o Brasil que chamarei de terra firme haverá sempre uma profunda differença de condições materiaes, reflectindo-se na formação de typos differenciados de civilização. Reconciliar as dissonancias entre o mundo aquatico das grandes provincias equatoriaes e a civilização continental que lhe fica ao sul, é um dos problemas que terão de preoccupar os estadistas do Brasil futuro. Esperemos sejam elles mais capazes de arcar com tão duras questões, de que jámais cogitaram os politicos, letrados ou semianalphabetos, mas identificados todos pela mesma falta de contacto com as realidades do meio brasileiro.

AZEVEDO AMARAL

Do **Diario de Noticias**, de Porto Alegre, Março — 1931.

O MEU DICCIONARIO DE COISAS DA AMAZONIA

O Sr. Raymundo Moraes acaba de publicar o 1.º volume do seu annunciado Diccionario. O pronome possessivo com que cuidou, por elegante e proba modestia, reduzir a significação desta sua obra, não diminue a importancia que ella vem occupar na bibliographia amazoniense. Antes de entregar ao prelo este **vademecum** preciosissimo, o Sr. Raymundo Moraes publicara a **Planicie Amazonica** e o **Paiz das Pedras Verdes**, dois livros admiraveis pela linguagem e pelo saber. Se, como escreve no prefacio magistral do Diccionario, "a Amazonia é o trecho do planeta mais percorrido pelos sabios", não menos certo é que os descriptivos que della se encontram nos seus livros lhe designam um logar de honra na bibliographia opulenta que, desde Orellana, os epicos aventureiros, os geographos, os naturalistas, os ethnographos, os homens de letras constituiram em quatro seculos de explorações audazes e porfiadas. Conhecendo tão completamente a obra de todos os seus antecessores como a propria região amazonica, onde reside, o Sr. Raymundo Moraes descreve-a em condições excepcionaes, pois que reune á alheia experiencia adquirida os resultados

de uma longa e paciente contemplação. Navegador, durante muitos annos, do fabuloso rio, ninguem tão fielmente como elle o soube retratar. No convivio com a natureza amazonica, a sua linguagem adquiriu uma riqueza que esplendidamente se adequa aos seus scenarios grandiosos. Mesmo na procurada, na voluntaria concisão dos milhares de verbetes que compõem o Diccionario, a nobreza do seu estylo nunca se banaliza, sem sacrificio da simplicidade e da clareza. Estamos em frente de uma obra que representa o fruto concentrado de vinte annos de leituras, de estudos, de observações, onde a nomenclatura botanica e zoologica, a historia, a hydrographia, a ethnographia, a biographia, o folk-lore, a terminologia popular e indigena são as notas de um grande hymno consagrado á Amazonia. Não cabe, evidentemente, numa breve noticia, a homenagem devida a trabalho desta extensão e desta intensidade. Este é um livro que repelle os elogios vulgares, os adjectivos inocuamente laudatorios. A sua leitura não desperta apenas admiração, mas tambem respeito.

Passada a introducção bellissima, entra-se na selva compacta da sabedoria. Não, decerto, uma sabedoria hermetica, pedantesca, livresca e inaccessivel a quem quer instruir-se, mas uma sabedoria intrinseca, controlada pela experiencia, animada pelo sentimento contagioso da realidade. Joaquim Nabuco disse, um dia, que os **Luziadas** cheiram a marezia. Do Diccionario do Sr. Raymundo Moraes se pode dizer que elle parece guardar nas suas paginas o rumor da corrente fluvial e o fragor das suas cachoeiras. E' um livro dedicado á documentação da historia e da vida de um rio, do mais caudaloso rio do planeta, que arrasta as suas aguas através da mais impenetravel floresta do mundo.

Esperamos colligir a documentação photographica necessaria para podermos apresentar condignamente aos leitores de O CRUZEIRO algumas das paginas mais attrahentes da obra com que o Sr. Raymundo Moraes acaba de enriquecer as letras e a cultura nacional.

CARLOS MALHEIRO DIAS

De **O Cruzeiro** — Rio.

MINIATURA DO ENORME

Comecemos por um logar commum: o Sr. Raymundo Moraes é o estylisador maximo dos assumptos da Amazonia. A eloquen-

cia das suas descripções, o colorido dos grandes e illuminados paineis literarios em que elle focaliza a paysagem amazonica, a sensibilidade com que interpreta os phenomenos da natureza prodigiosa da região, são excepcionaes.

Raymundo Moraes forjou o seu estylo para a Amazonia: esse thema é o vitalizador da sua imaginação, a fonte do seu dynamismo verbal, a inspiração da symphonia wagneriana em que elle narra a vida das cidades e das selvas do valle mysterioso. N'**O meu Diccionario de cousas da Amazonia**, no prefacio architectural dessa obra, Raymundo Moraes supera-se a si mesmo. O escriptor conhece a sua Amazonia; sobretudo tem vivido a sua Amazonia com emoção.

Os motivos regionaes, tirados das constatações scientificas, ou da historia, ou da fabula, ou da geophysica, são familiares ao espirito desse pedagogo de uma gleba desconhecida, que corrige a sciencia dos naturalistas, elucida as contradições da historia, explica a legenda e os enigmas geographicos.

Raymundo Moraes é pintor de telas amplas, onde os seres appareçam em cortejo rumoroso, onde os pedaços de terra, sulcados de arterias-monstros e crivados de arvores-monstros, dão idéa da grandeza kosmica. Os seus livros anteriores — **Na Planicie Amazonica** e **Paiz das Pedras Verdes** são enormes telas. O escriptor, n'**O Meu Diccionario de cousas da Amazonia** teve de recorrer ás miniaturas. Experimentando embora perigosamente um genero que não é proprio ao folego potente do seu espirito, feito para os remigios livres em horizontes vastos, Raymundo Moraes pode orgulhar-se do volume que acaba de publicar. Leiam-se, por exemplo, no **Meu Diccionario** de pequeninas obras-primas **Fordlandia** e **Frotas de Salomão** e se identificará, com surpresa e com volupia, dentro das paginas do elucidario, o rhapsodo, o sociologo e o exegeta do paiz das pedras verdes.

LUIZ MORAES
Redactor-chefe do Monitor Mercantil

O PROSADOR DO DIA

Raymundo Moraes inverteu a ordem dos factores para chegar ao mesmo resultado: vencer. No Brasil os escriptores se fazem no Rio. Os da provincia, apparecem, crescem, destacam-se, mas só se ajustam rigorosamente á profissão quando os ba-

ptisa a celebridade da metropole. Para conquistar o Velo de Ouro, partem cedo dos Estados e aqui se installam para os combates decisivos da gloria. Raymundo Moraes fugiu á regra. Fez-se escriptor na provincia. Começou quando muitos acabam, desnorteados, desesperançados. A golpes de bravura, Raymundo conquistou seu logar. "Notas de um jornalista", vindo mais tarde, consegue ser bem recebido pela critica. Raymundo já era um escriptor. Tinha personalidade. Conhecia-se o seu estylo. Dahi, Raymundo considerar as "Notas de um jornalista" como seu primeiro livro. Elle marcava as qualidades fortes que se desdobrariam no grande livro publicado a seguir: "Na planicie amazonica".

Com as "Notas de um jornalista", Raymundo se fez um escriptor paraense. Com a "**Planicie** Amazonica", um escriptor brasileiro. Foi lido no paiz todo. Discutido. Acclamado. Estava celebre. Mas continuava no norte. O Rio, só de longe em longe, o interessava. De lá da Amazonia, onde se fizera, queria impôr-se aos meios literarios do paiz. Trabalhava. Estudava. Fugia á dispersão dos primeiros tempos. Recolhia-se cada vez mais ao conselho dos livros, ao conforto dos bons escriptores. Abandona a primitiva profissão, primeiro, como jornalista militante, director de jornaes. Depois, como escriptor de linhagem, a escrever livros bons. Embrenha-se na politica. Foge á politica. Volta á politica. Separa-se della definitivamente, parece-me que sem saudades, para integrar-se na profissão de homem de pensamento.

Publica "Cartas da floresta", seguido pelo "Paiz das pedras verdes". Já não pleiteia celebridade, não disputa a vã gloria das letras. Quer pensar para seu paiz o viver das bellas-letras. Consegue-o. Seu nome, conduzido pelos seus livros, focaliza a opinião. Força o elogio da imprensa do Rio, avara sempre para quem não está aqui a solicital-o. Ganha dinheiro. Vence. Logra divulgar o "Na planicie amazonica" pelo Brasil inteiro. Tres edições. 19 mil exemplares. E tudo isto sem o cabotinismo obrigatorio da avenida. Só. Isolado no seu paiz das pedras verdes. Raymundo dominára.

Agora, está lançando em todas as livrarias, aqui, no Rio Grande, no Pará, em Goyaz, em Minas, em São Paulo, em Sergipe, nos derramados cafundós desse Brasil "O meu Diccionario de coisas da Amazonia". E' uma conquista nova. Uma victoria a mais obtida pelo batalhador cheio de qualidades, pelo homem de vontade forte, pelo homem que sabe chegar onde quer, afastando dif-

ficuldades, escalando perigos, ladeando abysmos, galgando entraves, mas firmando, a golpes de talento, uma personalidade marcada.

"O meu Diccionario de coisas da Amazonia" é um diccionario de coisas do Brasil. Todos os brasileirismos estão ali reunidos. O mineiro reconhece os seus modismos. O gaúcho tambem. E o nordestino sente que não foi em outra linguagem que lhe embalaram a rêde ao nascer. E', assim, um livro brasileiro, feito para o Brasil. E serve tambem para attestar o eccletismo humano da Amazonia, mostrando como aquella terra tem sido terra de toda gente, explorada, perlustrada, perquerida, muito embora, quasi sempre negada e muito pouco comprehendida. A Amazonia offerece, com o novo livro de Raymundo Moraes, a maior contribuição reunida em volume, do falar brasileiro. O nosso Diccionario, de agora por deante, será facil fazer. Basta pegar "O meu Diccionario de coisas da Amazonia", e transformal-o em nosso Diccionario do linguajar brasileiro. Maior serviço o escriptor não poderia prestar ás letras de seu paiz, neste momento de accordo orthographico luso-brasileiro. E só.

ANGYONE COSTA

Da **A Patria** — Rio.

JARDIM DAS VAIDADES

E' raro, é extremamente raro, entre nós, o escriptor que resiste com galhardia a um confronto pessoal com a sua propria obra. Os escriptores brasileiros, em geral, são muito differentes dos seus livros. E não apenas isso: são menos interessantes que os seus livros. No Brasil não ha parallelismo entre a belleza das obras e a belleza dos autores. Dahi certas decepções e certos desapontamentos inevitaveis.

* * *

Pouquissimos são os artistas brasileiros dos quaes se possa contar o episodio, que se narra do Sr. Leopoldo Gottuzzo. Eu não sei se vocês conhecem a anecdota. Contal-a-ei. Duas moças foram certa vez visitar uma exposição de quadros do Sr. Leopoldo

Gottuzzo. Depois de passarem os olhos, com interesse mediocre, pelas obras do sempre jóven pintor patricio, as moças descobriram num angulo do salão um bello rapaz, de elegancia irreprochavel, que lhes disseram ser o Sr. Gottuzzo. As moças contemplaram com particular sympathia o perfil apollineo do artista e, ao deixarem a exposição, exclamaram sem malicia: — Com franqueza, o pintor é melhor do que os quadros!

* * *

Não são muitos escriptores, no Brasil, que podem fazer jús a esse bello e invejavel elogio. E é por isso, confesso, que eu não gosto de conhecer pessoalmente os poetas, os escriptores, os artistas que admiro. Tenho horror ás decepções irremediaveis! Prefiro admiral-os na distancia. Como as montanhas, que de longe são sempre bellas e azues, os homens, tambem, são mais interessantes e attrahentes quando não os conhecemos de perto...

* * *

Eu fiquei triste e inquieto, por isso, quando me disseram que o Sr. Raymundo Moraes se achava no Rio. Esse admiravel escriptor, estylista fulgurante, que, com o magico prestigio da sua arte, conseguira o milagre de integrar a Amazonia na vida nacional, vinha ao Rio naturalmente desfazer a aura de sympathia que a sua obra lhe creara lá longe. O Sr. Raymundo Moraes era, de resto, nas nossas letras, um caso de excepção: fizera-se celebre, no humilde retiro da sua provincia amazonica, sem pedir licença ao Rio. Quando os criticos da Avenida lhe sanccionaram a celebridade, elle já era um escriptor notavel e glorioso. Mas eu receiava que elle pessoalmente viesse estragar o prestigio que a sua obra lhe assegurara na distancia...

* * *

O Sr. Raymundo Moraes, porém, póde agora sorrir, satisfeito: triumphou nesta segunda prova tambem. Vindo trazer-nos o primeiro volume do "Meu Diccionario de Cousas da Amazonia",

elle nos deu uma impressão amavel. E' um "gentleman". Pollido, discreto, fino, não tem nada de provinciano nem de emphatico. E' um homem com o qual é grato conversar. E a prova disto é que a sua vinda ao Rio, em logar de diminuir-lhe o prestigio, augmentou-lhe a aura de sympathia, admiração e apreço que lhe cerca o nome. Depois, a sua ultima obra é verdadeiramente notavel, e de uma utilidade excepcional. E' um livro util, claro, harmonioso. Eu confesso que é com cordial alegria que saúdo, hoje, esse illustre e brilhante escriptor!

PEREGRINO JUNIOR

Da **A Patria** — Rio.

O MEU DICCIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA

Para aquelles que, como eu, se dedicam ao estudo das nossas coisas brasilicas, "O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia", de Raymundo Moraes, é, incontestavelmente, a fonte mais importante e mais segura que temos organizado á feitura e riqueza do nosso idioma, nessa parte, verdadeiramente nacional.

A obra do grande escriptor de "Na Planicie Amazonica" representa o esforço paciente e cuidadoso de um espirito de analyse e gabinete, encantado á observação das coisas nativas da planicie, puramente nossas, cheias de brasilismo, e, dentro das quaes sentimos repontar a utilidade do conhecimento que a obra difunde, augmentando a finalidade patriotica de uma contribuição lexica de que tanto se resentia a nossa literatura.

O "Folk-lore" amazonico, até então abandonado, entra em grande parte no vocabulario desse livro, revelando ao estudioso o segredo do linguajar do cabôclo, já nomeando seres de existencia real, mas desconhecidos do resto do Brasil, já identificando coisas do conhecimento peculiar e unico do homem das selvas. A hinterlandia amazonica, quasi impenetravel no segredo infinito de deslumbramentos profundos, é, tanto no chapadão que se escancella para os lados de Chiquito, na Bolivia, como no declive sensivel das hombreiras que se abrem á ourella vermelha das barrancas solapadas, a mesma planicie florestada, alta, immensa, ver-

de, como um grande monstro vestido de chlorophylla e seiva, querendo escalar os céos.

Dentro do ambiente mysterioso dos igapós e terras firmes, ou em meio das clareiras abertas dos rios e lagos, o homem da planicie representa um typo caracteristico, verdadeiramente nacional, que, dia a dia, vae augmentando o cabedal desse idioma que falamos e, mau grado o esforço luso dos grammaticos, tende para a independencia completa da lingua brasileira.

A contribuição que Raymundo Moraes apresenta ao publico brasileiro é de um valor inestimavel, e, bem de perto, representa o abandono em que se encontra tão maravilhosa fonte de grandeza nativista.

Os idiomas não são productos de regras préestabelecidas, mas, a resultante directa da evolução do linguajar dos povos, já creando termos novos, apropriados, já importando elementos phonicos de outras raizes, ou mesmo, por neologismos proprios, contribuindo á maior somma de cada vocabulario. Nesse particular a obra de Raymundo Moraes, tão pingue de novidades, é digna de estudo e do apreço que merecem os bons livros. "Cuira", é a propria impaciencia, demonstrando o desejo de alguem vêr uma pessôa. Em todo o Brasil ninguem ha que conheça isso, a não ser aquelles que se dedicam ao estudo do tupynismo. No emtanto, é um termo de uso corrente na planicie, como "Casco" é o termo que significa a mais humilde embarcação da Amazonia. O seu diminutivo, porém, significa coisa diametralmente opposta. "Casquinho" é a mulher elegante, fina, meuda, bonitinha, de vida mysteriosa... conforme explica o autor.

Com a publicação do "O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia", Raymundo Moraes não se revela simplesmente o estylista impeccavel, o escriptor profundo e admiravel, mas, sobretudo, o brasileiro que ama o Brasil, contribuindo, neste momento, com trabalho de real e indiscutivel merito. "O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia", merece ser lido pelo muito que contém de bello e util.

ADAUCTO FERNANDES
Autor da "Terra Verde"

Do **Correio do Brasil** — Rio.

---

a
alba
COMPOZ E IMPRIMIU ESTE LIVRO
em suas officinas
graphicas
✡
Rua do Lavradio, 60
Rio de Janeiro
(Brasil)
◆

Obras

do mesmo autor :

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 073188788

PUBLICADAS :

Notas dum jornalista
(Esgotada).

*

Na Planicie Amazonica
(Tres edições em 19 mil exemplares. Premiada pela Academia Brasileira de Letras e adoptada na Instrucção Publica dos Estados do Pará, Amazonas e do Municipio de Manáos).

*

Cartas da Floresta
(Esgotada).

*

Paiz das Pedras Verdes
(Adoptada na Instrucção Publica do Pará e a sahir em segunda edição).

*

O meu Diccionario de Cousas da Amazonia
(1.º volume)

☆

A PUBLICAR :

Fabulas amazonicas.